

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
MESTRADO EM LETRAS

SARAH SILVA FROZ

**COSTURANDO AS LEMBRANÇAS NOS (B)ECOS DA MEMÓRIA, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDAS ENTRECruzADAS**

São Luís
2018

SARAH SILVA FROZ

**COSTURANDO AS LEMBRANÇAS NOS (B)ECOS DA MEMÓRIA, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDAS ENTRECruzADAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras, na área de concentração em Teoria Literária, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos.

Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Cultura.

São Luís
2018

Froz, Sarah Silva.

Costurando as lembranças nos (b)ecos da memória, de Conceição Evaristo: vidas entrecruzadas / Sarah Silva Froz. – São Luís, 2018.

106 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos.

1. Literatura afro-brasileira. 2. Memória. 3. Conceição Evaristo.
I. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

**COSTURANDO AS LEMBRANÇAS NOS (B)ECOS DA MEMÓRIA, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDAS ENTRECruzADAS**

SARAH SILVA FROZ

Dissertação submetida à banca examinadora designada pelo colegiado do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Letras, na área de concentração em Teoria Literária.

Aprovada em: 24 de abril de 2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos / Universidade Estadual do Maranhão
(Orientadora)

Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes / Universidade Estadual do Maranhão
(Examinadora 1)

Profa. Dra. Márcia Milena Galdez Ferreira / Universidade Estadual do Maranhão
(Examinadora externa)

O momento de sobreviver é o momento do poder.
Benedita Pinto

*Aos meus avós Evaristo Fróz e Carmem Serra
(in memoriam), que foram exemplos de
caráter e dignidade.*

*Também dedico aos maiores incentivadores
deste meu caminhar, meus tios Zuila Froz e
Carlinaldo da Silva por alimentarem meus
sonhos me fazendo acreditar.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao arquiteto Criador do Universo.

Meus agradecimentos à FAPEMA, pela concessão da bolsa no primeiro ano de Mestrado; à CAPES, que financiou o segundo ano desta caminhada; e à Universidade Estadual do Maranhão por todo o amparo e auxílio na participação em congressos.

À minha orientadora Profa. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos, por suas certas correções, por sua ajuda, paciência, sapiência e carinho no processo de partejamento deste trabalho, por ter aceito o desafio de me orientar e direcionar o meu caminhar.

À professora Dra. Andrea Teresa Martins Lobato, por ter me acolhido durante o estágio docência e ter confiado a sua turma a mim, por sua paciência, carinho e gentileza sempre que solicitei sua ajuda e por me fazer gostar de Simone de Beauvoir.

À professora Dra. Tatiana Raquel Reis Silva, por sua ajuda, incentivo e por me aturar nos momentos de tormento durante a escrita, também por me acompanhar desde a graduação e por sonhar antes de mim que eu conseguiria passar no processo seletivo do mestrado. A minha “eterna profa.”, mesmo estando do outro lado do Atlântico se fez presente em minha vida.

Às professoras Dras. Joseane Maia Santos Silva e Viviane Oliveira Barbosa, por suas sábias correções e apontamentos durante a qualificação; a todos os professores do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão e à secretária do Mestrado, Aline Pinheiro, pela atenção, gentileza e eficiência.

À minha família, a qual chamo carinhosamente de *Buscapé* por sermos retirantes da baixada maranhense.

Aos meus amigos historiadores, Patrícia Helena, Kenya Luz, Juliana Nogueira, Juliana Sousa (jujuba) e Rafael Silva, por todo carinho e pela amizade.

Aos meus amigos da turma de 2016 do Programa de Pós-graduação *strictu sensu* em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, em especial à Layssa, minha companheira de ônibus e amiga do caminhar mnemônico; à Gilcimara Frazão, companheira dos debates étnico-raciais e aos companheiros Paulo e Tália, pelas caronas regadas a jazz e conversas prazerosas, ao Ernane Pacheco(Nani) companheiro das angústias, risos e dialogos sobre memória e identidade.

À psicóloga Kelly Yukiko Suiguy, pela amizade e por me fazer acreditar que no fim tudo daria certo.

À professora Dra. Rachel Davis (a quem chamo carinhosamente de Razel Gracie) por sua gentileza e paciência em todas as vezes que solicitei sua ajuda.

Com receio de ter esquecido alguém, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente na construção desta dissertação.

RESUMO

Em seus escritos, Conceição Evaristo recupera os espólios da escravização, as reminiscências do passado, ao mesmo tempo em que nos permite repensar a condição feminina, a partir das peculiaridades e especificidades da mulher negra, na busca pela edificação de sua identidade. Este trabalho propôs analisar a obra *Becos da memória* (2013), de Conceição Evaristo, e perceber como a memória se apresenta como elemento constitutivo de identidade no romance. Nosso foco recai sobre as memórias femininas, a fim de compreendermos como as categorias de gênero, raça e classe funcionam como mecanismos de segregação. A narrativa constrói-se a partir de fragmentos da memória da personagem Maria-Nova, que narra a trajetória de indivíduos que vivem em uma favela, os excluídos da teia social. A pesquisa é qualitativa, de cunho bibliográfico, fundamentada na visão de Michael Pollak (1989 e 1992), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998) e Eduardo de Assis Duarte (2006, 2007 e 2017) no que se refere a construção identitária atrelada às ferramentas mnemônicas pautadas na literatura afro-brasileira e, em relação às memórias femininas, nos fundamentamos em Emilene Souza (2011) e Cátia Cristina Maringolo (2014). A obra insere-se na categoria dos escritos Evaristinianos denominados de *escrevivência*. Percebemos como a personagem Maria-Nova evidencia as vivências, experiências e as histórias do que é ser uma mulher negra numa sociedade misógina, sexista e racista. Nesta pesquisa, adotamos aqui a terminologia literatura afro-brasileira, no que diz respeito aos escritos produzidos pelos negros a partir de um passado diásporico.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira. Memória. Conceição Evaristo.

ABSTRACT

In her writings, Conceição Evaristo recovers the spoils of enslavement and reminiscences of the past, while allowing us to rethink the feminine condition from the peculiarities and specificities of the black woman, in search of the construction of her identity. This study proposes to analyze the book *Memory Alleys* (2013) by Conceição Evaristo and to understand how memory presents itself as a constitutive identity element in the novel. Our focus is on women's memories in order to understand how gender, race, and class categories function as segregation mechanisms. The narrative is constructed from memory fragments of the Maria-Nova character, which chronicles the trajectory of individuals living in a *favela*, excluded from the social web. The research is qualitative, based on the views of Michael Pollak (1989 and 1992), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998), and Eduardo de Assis Duarte (2006, 2007 and 2017) regarding the identity construction linked to the mnemonic tools of the Afro-Brazilian literature. Concerning the female memories, we fundament the study on Emilene Souza (2011) and Cátia Cristina Maringolo (2014). The study falls within the category of Evaristinian writings, *escrevivências*. We perceive how the Maria-Nova character evidences the experiences and stories of what it is to be a black woman in a misogynist, sexist and racist society. In this research, we adopt the terminology “Afro-Brazilian Literature” with respect to the writings produced by the black people from a diasporic past.

Keywords: Afro-Brazilian Literature. Memory. Conceição Evaristo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A TESSITURA AFRO-LITERÁRIA: ATIVISMO E RESISTÊNCIA	17
1.1 A literatura afro-brasileira	17
1.2 O meu lamento se criou no Atlântico Negro.....	26
1.3 Nas ondas do feminismo negro-brasileiro: escritoras negras contemporâneas .	35
2. <i>ESCREVIVÊNCIAS</i>: fragmentos biográficos e literatura	45
2.1 Conceição Evaristo: saindo do quarto de despejo.....	45
2.2 Conceição Evaristo: a escritora e a crítica.....	54
2.3 <i>Escrevivências</i>: gênero, raça, classe e violência	58
3. LITANIA DE MULHERES: COSTURANDO AS MEMÓRIAS NA COLCHA DE RETALHOS DE VIDA	67
3.1 Lembranças da escravidão: rupturas, movimentos e contextos	68
3.2 Cidinha-Cidoca e Ditinha: marcas de violência e abandono social	81
3.3 Dora rainha do frevo e do maracatu: empoderamento, resistência e sexualidade.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	98

INTRODUÇÃO

A literatura e a memória estabelecem relação intrínseca. Os gregos antigos acreditavam que a deusa Mnemosine¹ era responsável pela memória, sendo a guardiã dos feitos dignos de serem lembrados. A deusa da memória possibilitava aos poetas, filósofos e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-los sobre a coletividade. A literatura nasce com uma das nove musas, Calíope, filha dos deuses Zeus e Mnemosine; dessa forma, a memória e a literatura estão ligadas ao mundo pelos sentidos da poesia e da prosa.

A memória estabelece relação com a literatura, o que possibilita a aproximação entre o real e o imaginário, o literário se apoia na realidade e transver essa imagem do real. A *mimeses*, pensada como a representação das ações humanas, possibilita que a literatura contemple e projete uma dada realidade. Assim, trabalharemos com a ideia de representação do historiador francês Chartier (1990):

Representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele (CHARTIER, 1990, p. 59).

Essa ideia de representação é de grande relevância para compreendermos como alguns fatos se repetem, ou seja, como a memória busca elementos para criar representações da realidade. Ao pensarmos sobre as formas como Conceição Evaristo representou a mulher negra e os favelados em suas tessituras, percebemos como a escritora adentra ao campo das representações contra discursos considerados dominantes e contra a construção de imagens negativas dos afro-brasileiros.

Nesta pesquisa, analisaremos a memória como elemento constitutivo de identidade(s), como uma categoria socialmente construída; esta deve ser pensada para além de sua relação temporal, uma vez que acreditamos que a memória é movida pela relação passado/presente e, na evocação das lembranças, os acontecimentos perpassam o imaginário social. Michael Pollak (1992, p. 200) denomina tais acontecimentos de “vividos por tabela”, ou seja, são criações das memórias, que podem ser individuais ou coletivas. As relações que são

¹Na Antiguidade grega, Mnemosine “lembra aos homens a recordação dos heróis e de seus altos feitos, preside à poesia lírica. O poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro. É a testemunha inspirada dos tempos antigos, da idade heroica, e por isso da idade das origens. A poesia identificada com a memória faz desta um saber e mesmo uma sagesa, uma Sophia. O poeta tem o seu lugar entre os mestres da verdade e, as origens da poética grega, a palavra poética é uma inscrição viva que se inscreve na memória como mármore” (LE GOFF, 2012, p.27).

estabelecidas entre literatura e memória inserem-se num jogo de percepção, determinadas pela evocação das lembranças entre o imaginário e o presente, entre lembranças e o esquecimento.

Nesse cenário, acreditamos que Mnemosine estabelece uma relação intrínseca com Cronos, deus grego do tempo ou da percepção/experiência do tempo, como algo que escoo ou passa. Assinalamos que a literatura e memória estabelecem uma relação de aproximação, pois ambas sustentam um discurso. Nesse contexto, este trabalho intenta analisar a representação da memória afro-brasileira no romance *Becos da memória* (2013), de Conceição Evaristo. Como as categorias raça, gênero e classe agem sobre esse grupo? A literatura afro-brasileira² é representativa da condição da diáspora³ por meio do Atlântico Negro⁴. Paul Gilroy (2001) afirma que a apropriação da escrita pelos negros deve ser vista como uma busca pela identidade, liberdade, cidadania e autonomia social e política (GILROY, 2001, p. 35).

Justificamos a escolha da obra pela representatividade das personagens femininas, dentre as noventa e cinco histórias; para tanto, valem as seguintes indagações: o que há de comum nas vivências das personagens femininas em *Becos da memória* (2013)? Em que momento a memória torna-se um elo de identidade?

A pesquisa possui caráter qualitativo de cunho bibliográfico no campo da crítica literária interdisciplinar, uma vez que mantém uma relação direta com a História, no tocante aos aspectos mnemônicos e a sua relação com a construção de identidade(s). A pesquisa constituiu-se, primeiramente, pelo levantamento de bibliografias acerca da temática da literatura afro-brasileira e negra, tais como Zilá Bernd (1988), Kabengele Munanga (2012), Paul Gilroy (2001), Stuart Hall (2003), dentre outras; de escritos sobre gênero, tais como Heleieth Saffioti (2015), Ana Claudia Pacheco (2013), Judith Butler (2016) etc.; e sobre memória e cultura por Paul Ricoeur (2007), Beatriz Sarlo (2007), Michael Pollak (1989;1992), Homi Bhabha (1998), Jacques Legoff (2012) dentre outras bibliografias.

A obra *Becos da memória* (2013) é escrita no fim de 1987 e início de 1988, mas só é publicada em 2006, pela editora Mazza, com uma pequena tiragem e poucos exemplares

² Adriana Souza (2011, p.20) atesta que a expressão afro-brasileira é um termo que está ligado a uma origem de cultura africana, “e ao território de nascimento do indivíduo, marcando, portanto, uma situação sociocultural e com viés identitário”. (SOUZA, 2011, p.20).

³ A nomenclatura Diáspora Africana surgiu na década de 1950, foi utilizado para discutir a situação de indivíduos descendentes de africanos pelo mundo, o conceito está ancorado na questão da busca pela identidade negra, ou seja ,a negritude, em uma concepção globalizada, *blackness*, para além disto “é importante perceber que a noção de Diáspora Africana pode ser enxergada como uma ferramenta teórica para entender os processos de opressão que caracterizam a experiência negra no mundo e também como um fator identitário, apontando para a uma ideia de origem comum” (MORINGOLO, 2014, p. 15).

⁴ Paul Gilroy atesta que Atlântico Negro são formas culturais estereofônicas, bilíngues ou bifocais originadas pelos - mas não mais propriedade exclusiva dos - negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória, a que tenho chamado heurísticamente de mundo Atlântico Negro (GILROY, 2001, p. 35).

custeados pela própria autora. A obra tem como cenário uma favela em processo de demolição, cujos moradores estão sendo remanejados para outros espaços de exclusão. A favela está localizada em uma grande área de especulação imobiliária, ao lado de um bairro nobre. Na narrativa, a comunidade não é nomeada como também não é especificada a sua localização espacial.

Becos da memória (2013) tem um tom reivindicatório, cujos procedimentos memorialísticos se dão a partir de uma constante revisitação ao passado, ou seja, buscar nas memórias e nas lembranças das mulheres negras presentes na diegese e construir uma identidade perdida. A motivação, portanto, desta pesquisa é compreender como a memória dá-se como fator constitutivo de identidade étnica, identificando a forma que o processo de rememorar constrói um passado comum aos indivíduos da favela e remanescentes da escravidão.

No romance, são narradas noventa e cinco trajetórias de vida que vão se entrecruzando pela visão de uma menina de 13 anos, Maria-Nova. A narrativa inicia a partir do rememorar da protagonista e narradora, já então adulta, que evoca as lembranças do tempo em que morava em uma favela. Ela tece os fios soltos das suas lembranças com as dos habitantes daquele lugar, construindo uma colcha de retalhos de vida. Dentre as histórias, destacam-se as de Cidinha-Cidoca do rabo de ouro, Dora e Negro Alírio, da empregada doméstica Ditinha, Tio Totó, Maria-Velha e da Maria-Nova, a Outra, Fuizinha e Nazinha, estas três últimas personagens não são objetos de nossas análises, mas serão problematizadas, pois constituem histórias que são permeadas por categorias de gênero, raça e classe.

Quanto ao modo como foram dispostos os capítulos, pontuamos nossos estudos da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado de “A tessitura afro-literária: ativismo & resistência”, discutimos sobre os conceitos da literatura afro-brasileira e da construção de identidades, geradas na diáspora africana; trabalhamos com conceitos de memória e identidade apoiados em teóricos como Joel Candau (2011) e Stuart Hall (2003). Dessa forma, pretendemos delimitar o espaço entre a literatura e a memória, buscando perceber a aproximação entre os conceitos presentes no texto, tais como gênero, raça, classe e memória que serão os elementos norteadores para a construção de identidade(s).

Ainda nesse capítulo, trabalhamos com o viés da crítica feminista para discutirmos sobre o feminismo negro e sua atuação no fortalecimento de identidade de homens e mulheres negros. No último tópico, abordamos sobre as ondas do feminismo negro e as escritoras

contemporâneas de forma superficial, a fim de encontrar um elo entre Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, percebendo o modo como suas biografias se conectam.

No segundo capítulo, denominado de “Escrevivências: fragmentos biográficos e literatura”, pontuamos os aspectos biográficos da autora desde a infância até sua ida ao Rio de Janeiro, chegando a se tornar uma das maiores referências em literatura afro-brasileira e contemporânea; também, discutimos sobre a receptividade do seu trabalho no meio acadêmico e literário. No último tópico, analisamos o termo *escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo, como um norteador de mecanismos de exclusão; partimos do pressuposto de ser composto por uma tripla face: gênero, raça e classe.

No terceiro capítulo, denominado de “Litania de mulheres: costurando as memórias na colcha de retalhos de vida”, analisamos a representação das figuras femininas na *Becos da memória* (2013), no intuito de costurar a colcha de retalhos, a fim de compreender como as vozes que ecoam na obra constroem memórias. Serão evidenciadas, para tanto, a história das narradoras-personagens Maria-Nova e Maria-Velha, assim como de Cidinha-Cidoca, Ditinha, Dora.

Discutimos sobre as lembranças da protagonista e o modo como a sua história de vida se articula com a de outras mulheres na trama. Aqui, nos referimos às histórias de Ditinha, Cidinha-Cidoca e Dora que se entrecruzam com as vivências da personagem Maria-Nova; à importância das reminiscências da protagonista para o fortalecimento da memória de grupo, com o intermédio da memória coletiva; e à relação entre presente e o passado a partir das vozes que se pronunciam na obra que são representadas na figura das Marias.

Analisamos a questão da memória coletiva e individual como um elemento de resistência e constitutivo de identidade feminina. No romance *Becos da memória* (2013), há uma memória ficcionalizada, uma reconstrução das histórias que foram ouvidas pela narradora-personagem. Ressaltamos que, apesar da escrita evaristiniana ter elementos das suas vivências e da sua memória coletiva e individual, não é um escrito autobiográfico. Essa mistura de ficção e realidade é interpretada por Dominique Combe (2010) como uma referência desdobrada na escrita carregada de impressões do vivido da biografia do autor com ficções da memória, “toda ficção remete a estratos autobiográficos” (COMBE, 2010, p.24).

A literatura produzida por Conceição Evaristo é vista como ficção uma vez que não se sabe o momento em que essa memória é ficcionalizada, tornando-se invenção. Dessa forma, acreditamos que “no espaço ficcional a memória se constrói, enquanto releitura e invenção”

(CURY, 2003, p.11). Evaristo (2009) afirma que “nem tudo que está em *Becos da memória* (2013) do jeito que está é verdade, mas nem tudo é mentira”.

Ressaltamos que esta pesquisa tem relevância social, posto que buscamos dar visibilidade às vozes silenciadas. Consideramos mais que oportuno discutir sobre a temática da literatura afro-brasileira, pois ainda são poucos os pesquisadores que discutem sobre a situação do negro na literatura. A população afro-brasileira ainda é vítima de diversos preconceitos e quando atentamos para a questão da mulher negra e de periferia, que está sujeita à violência e ao preconceito, a situação é ainda mais preocupante. Acreditamos, assim, que esta pesquisa seja relevante, pois buscamos ressignificar a memória e a identidade negra, além de que esperamos estar contribuindo com outras pesquisas no meio acadêmico em torno da obra de Conceição Evaristo e de outras autoras negras contemporâneas.

1 A TESSITURA AFRO-LITERÁRIA: ATIVISMO E RESISTÊNCIA

“No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues.”
Michele de Perrot

A escrita literária afro-brasileira é espaço de ativismo, contestação, denúncia e resistência, uma vez que tem um tom reivindicatório em que essas tessituras possibilitam (re)construir, (re)escrever e (re)contar histórias. Seguimos, neste capítulo, discutindo sobre a escrita afro-brasileira e sua importância para a construção de identidade das vozes femininas não brancas na sociedade. A memória, neste trabalho, é considerada como um elemento constitutivo de identidade e uma categoria socialmente construída. Nos tópicos seguintes, abordamos a escrita afro-literária, seus percalços dentro do meio literário brasileiro e da crítica feminista acerca das escritoras negras contemporâneas.

1.1 A literatura afro-brasileira

O romance *Becos da memória* (2013), de Conceição Evaristo, está inserido no segmento literário contemporâneo denominado de literatura afro-brasileira ou literatura negra, entretanto pontuamos que esse termo gera muitas discussões⁵.

O gênero é criticado pelo cânone literário, uma vez que há uma resistência em aceitar fragmentações como literatura étnica, feminista, afro-americana, afro-brasileira; enfim, com a justificativa de que há uma escrita democrática. Segundo Luiza Lobo, porém, “é preciso lembrar a impropriedade de se falar numa literatura ‘universal’, ‘sem cor’, ‘sem sexo’” (LOBO, 2006, p. 20). Destacamos que isso é apenas uma utopia, pois é notório a cor, o gênero e a classe social que perdurou por muitos anos no cenário literário.

Nada mais enganoso do que esse pensamento universalista e panfilosófico de aceitação de tudo e todos, uma vez que constitui um mascaramento das tensões sociais e culturais, as quais subsistem na sociedade. Se a literatura é tão universal, sem cor nem sexo, por que não se inclui uma única mulher, e muito menos uma mulher negra, na *História da literatura brasileira*, de José Verissimo? (LOBO, 2006, p. 20).

⁵ Ao que se refere às discussões em torno da nomenclatura afro-brasileira, Eduardo Assis (2008) evidencia que é um “conceito em construção”, entretanto, diante dos debates, asseguramos que nesta pesquisa adotamos o termo literatura afro-brasileira, visto que pesquisamos e trabalhamos com foco no romance *Becos da memória* (2013), no qual a escritora se denomina afro-brasileira.

Nessa afirmação de Luiza Lobo, evidencia-se a falácia de uma literatura igualitária e democrática, ou seja, uma tentativa de mascaramento das tensões sociais e culturais na sociedade. É interessante, todavia, observarmos os contornos e percalços da literatura brasileira; desse modo, pontuamos alguns fatos significativos para a construção desta.

Vânia Vasconcelos (2014) atesta que ao nos referimos à literatura produzida por brasileiros no século XVIII e XIX, devemos levar em consideração que nesse período, foi uma escrita que serviu para construir uma identidade, visto que estava sendo desenvolvida a ideia de nação, ainda não havia um sentimento de pertencimento e, “naquele período, as personagens heróis protagonistas, representantes das virtudes que se queria cultivar, eram configurados a partir dos modelos europeus em prosa e verso” (VASCONCELOS, 2014, p.34). Observamos que os modelos europeus eram criados na literatura e nas bases para construção da identidade brasileira, ou seja, importava-se o padrão do ideal do homem branco.

Nesse período, se concentrou a primeira geração do Romantismo em que valorizou-se a natureza e o nativo, criou-se um herói local, ou seja, ergueu-se o mito do *bom selvagem*, idealizou-se e endeusou-se o indígena idealizado nos romances de José de Alencar (1829-1877), como em *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865); neste último, “O europeu se apaixona pela nativa cujo nome pode ser decodificado como América” (NASCIMENTO, 2008, p.29). José de Alencar é um dos nomes mais representativos da primeira fase do Romantismo, denominado de indianista ou nacionalista, e é um dos autores que ajudou a construir a ideia de nação. Mas, os textos de Alencar, assim como os de outros da Primeira Geração do Romantismo corroborou o mito das mulatas ardentes sedentas por sexo, ou seja, a imagem da mulher negra como libidinosa.

A escrita de José de Alencar é marcada pelo uma ideia eurocêntrica, para além disso, não devemos esquecer que o naturalismo também difundiu a ideia da mulher negra como selvagem, equivalente ao bestial, lasciva “o sensualismo desenfreado da mulata surge com toda força em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, encarnado na figura de Rita Bahiana” (DUARTE,2009, p.07). Essa perspectiva remete à outra imagem da mulher negra criada no fim do século XIX e início do século XX, que é da mulata, que serviria para os prazeres erótico-sexuais “o poder destrutivo da mulata ‘feita toda de pecado’” (DUARTE,2009, p.06). Como afirma Luiz Henrique Oliveira (2010, p.16), essa primeira onda da geração romântica no Brasil apenas construiu a ideia de “Brasil-nação”, não problematizou as questões em

tornos dos não brancos e nem da questão da mulher, nem, tão pouco, a Segunda Geração do Romantismo.

Na terceira fase do Romantismo, a condoreira é a arte que se preocupa com as causas sociais, principalmente com a questão da escravidão na poesia de Castro Alves, em que é tematizado e problematizado o sistema escravagista e a condição social dos negros; este autor é um dos nomes mais representativos dessa fase. É necessário, no entanto, lembrarmos de Luís Gama, autor bastante significativo que viveu nesse mesmo período, mas que só é reconhecido anos depois, visto que era mestiço e o século XIX é escravocrata e patriarcalista, em que a cor da pele é um grande demarcador social.

Robert Young (2005, p.110) assevera que, no século XIX, a “cultura e o racismo foram cúmplices”. Ele atesta que o racismo é uma construção cultural ao passo que também é científico; nessa perspectiva, constatamos que isso é compreendido como “trabalho da cultura na era da reprodução colonial” como afirma Young ao utilizar as palavras de Walter Benjamin. Observamos que o século XIX foi o marco das teorias raciais e da cultura do racismo, ou seja, intentaram a todo custo buscar o ideal de civilização e os indivíduos que não se enquadravam eram postos à margem da sociedade, como é o caso dos escritores não brancos e que não pertenciam à elite.

Nessa conjuntura, como os homens são filhos do seu tempo e a literatura é uma representação da sociedade, os representantes das letras daquele período o excluiu, pois nesse período os mestiços e negros foram ignorados e eram vistos pela sociedade como propícios à criminalidade e à marginalidade, os ditos *feios, sujos e malvados*⁶. Por isso Luís Gama, o qual não era branco, apesar de ser letrado, tinha na cor da sua pele um delimitador de lugar, assim os seus escritos foram silenciados e esquecidos. No entanto Castro Alves, que por sua vez era branco e filho da aristocracia, tornou-se reconhecido pelo cânone.

Luís Gama é considerado o pioneiro da literatura negra ou afro-brasileira por teóricos como Gregory Rabassa, Raymond Sayers, David Brookshaw, Zilá Bernd, Domicio Proença Filho, Oswald de Camargo, dentre outros. Luís Gama foi bastante popular, à sua época, por seus feitos enquanto advogado provisionado – libertou, na justiça, mais de 500 escravos – e pela sua atuação na imprensa, onde Gama iniciou junto com o desenhista Ângelo Agostinho, em São Paulo, a imprensa humorística ilustrada no ano de 1864, com o *Diabo Coxo* (LIMA, 2009, p.25).

⁶ Termo livre adaptado após a leitura de *Cidade febril - Cortiços e epidemias na Corte imperial* (1996), do historiador Sidney Chalhoub, “os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos” (Chalhoub, 1996, p.23).

Reiteramos que se Luís Gama foi ignorado, Maria Firmina dos Reis (1825-1917) foi ainda mais invisibilizada por ser mulher, mestiça, sendo filha de uma portuguesa com um negro, ela esteve por muito tempo esquecida e silenciada. A autora do romance *Úrsula*, descreve a hipocrisia da sociedade maranhense do século XIX. No romance, narra-se as agruras de uma escrava, *a preta Suzana*, que provavelmente deve ser o primeiro exemplo de um *griot* em nossa literatura. Essa personagem não é a protagonista do romance e tem pouca visibilidade na diegese, entretanto a sua construção é essencial para que se conheça a essência da escravidão, o quão brutal, violento e bárbaro poderia ser o processo de tornar o indivíduo livre do cativo. Amanda Ferreira (2013, p.34) destaca que, mesmo com a pouca participação dessa personagem, ela “é central no enredo, é o que o torna inovador, abolicionista, pois ela é a imagem do negro africano escravizado que mais se aproxima do ‘real’, com sentimentos, incômodos, tristezas, revolta, banzo”.

É preciso aqui citar a coragem de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), professora maranhense, filha bastarda, solteira, negra e pobre, ao publicar *Úrsula* (1859). Esquecido quando de sua publicação, o romance é hoje considerado o primeiro romance abolicionista da nossa literatura. Na obra, a autora dá voz a uma protagonista que é mãe e escrava, o que não mais se viu na narrativa do século XIX em nossas letras (VASCONCELOS, 2014, p.24).

Observamos que esta narrativa é de cunho social e político, em que a autora descreve o comportamento dos homens do seu tempo. Na década de 1970, com os movimentos feministas e da consciência negra se consolidando no Brasil, os estudos sobre Maria Firmina dos Reis são resgatados. Ela é considerada a primeira autora afro-brasileira. Para a afirmação de que Maria Firmina dos Reis é a primeira autora afro-brasileira, consideramos dois aspectos: o autor e a representação de personagens.

A autoria, compreendendo a complexidade que envolve tal categoria num país com a nossa história; a temática, compreendendo aqui não apenas o negro como centralidade temática, mas um todo que envolve o universo cultural, histórico e social que os descendentes africanos viveram e vivem no Brasil; o ponto de vista, que vem a ser uma perspectiva coerente com a revisão histórica e cultural, ou seja, uma voz que é e se quer negra e, por fim, a expectativa de uma recepção que se identifica, ou seja, aponta para a formação de um público leitor específico, que antes parecia invisibilizado por quase toda a produção literária brasileira (VASCONCELOS, 2014, p.40).

O movimento pela reivindicação da história afro-brasileira contada pelos não brancos só será/é possível por meio da articulação dos grupos da militância e consciência negra. Nessa perspectiva, Florentina Souza (2014) reitera que em países em que houve a diáspora, como o Brasil, os africanos e os afro-brasileiros, se estabelece laços de parentesco e afinidades, com a

finalidade de reagir contra a dominação e subjugação colonial escravista e compreender a forma que poderiam traçar meios de resistência.

No que se refere à literatura afro-brasileira, Florentina Souza (2010, p. 314) infere que esse termo é um “pensamento hifenizado”, visto que este é produzido em áreas de tensões culturais e identitárias, entre os discursos da *comunidade imaginada*⁷ no Brasil, as comunidades navegantes pelo Atlântico e o reconhecimento das memórias do passado, que mantém uma conversa com as “experiências diversas da diáspora negra que permitem/permitirão aflorar histórias e personagens até então esquecidas ou invisibilizadas” (SOUZA, 2010, p. 314).

Nessa conjuntura, os grupos de negros começaram a se articular por volta dos anos 1960, contudo, só ganharam mais força a partir dos anos de 1978 e 1981, pois houve uma maior organização destes. Destacamos que nos anos de 1970 houve uma efervescência dos movimentos sociais, como os feministas, o Movimento Sem Terra (MST), os afrodescendentes e uma maior articulação do Movimento Negro Unificado (MNU). Evidenciamos que até os anos de 1970 não havia uma atuação de escritores negros, pois não encontramos trabalhos que versam sobre a literatura ou alguma crítica acerca desse período. Os movimentos de organização dos grupos negros tiveram início com a série *Cadernos negros* e com o teatro experimental do negro, por isso não explanamos essa face da literatura em que não há uma atuação dos afrodescendentes⁸.

Dentro desse movimento de efervescência cultural e política da década de 70 do século XX, a literatura afro-brasileira teve seu auge com a coleção denominada de *Cadernos negros*, uma espécie de coleção de contos e poesias de autores negros reivindicando e assumindo sua negritude. Florentina Souza (2014) infere que os autores de *Cadernos negros* têm

[...] uma missão a cumprir – um desejo “pedagógico” de contribuir para que os outros afro-brasileiros despertem a atenção para a necessidade de lutar contra o racismo e a discriminação e de reverter elementos étnicos-segregadores utilizados pela sociedade brasileira em suas práticas e discussões (2014, p. 64).

A série *Cadernos negros* simbolizou um marco para a luta do negro, ou seja, pelo discurso da negritude, e este vem se renovando na produção de textos literários, em que os

⁷ Termo utilizado pelo pesquisador Benedict Anderson, que afirma que “as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas (ANDERSON, 2005, p. 33).

⁸ O MNU só surgiu em 1978, “O nascimento do MNU significou um marco na história do protesto negro do país, porque, entre outros motivos, desenvolveu-se a proposta de unificar a luta de todos os grupos e organizações antirracistas em escala nacional”, entretanto como demonstra a pesquisa de Petrônio Domingues há uma luta e movimentos de resistência dos negros desde antes do fim da abolição da escravidão em 1888, e ela só adere ao caráter político com a unificação do movimento negro (DOMINGUES, 2007, p.114).

afro-brasileiros são sujeitos e não apenas objetos. Assinalamos que as tessituras afro-brasileiras ainda não são tão consumidas e é extremamente difícil a publicação delas. Adriana Souza afirma que isso

[...] contribui para o silenciamento da voz negra no campo literário é a dificuldade que os escritores negros brasileiros têm para publicar seus trabalhos. Neste contexto, a dificuldade da mulher negra se firmar como escritora na nossa literatura é ainda maior, pois se assenta nas questões de gênero e de raça (SOUZA, 2011, p.28).

Observamos que a coletânea *Cadernos Negros* surge como uma forma dos escritores afro-brasileiros e negros publicarem seus trabalhos e chamarem atenção para as questões que afligem a população de “cor” a assumirem a sua negritude⁹, porque não havia espaços de divulgação dos escritos produzidos por negros e essa série possibilitou a divulgação dos trabalhos que versavam sobre a condição do negro na sociedade brasileira. Desse modo, Luís Henrique assinala que “as margens sociais rompem o lugar de espectadores da História e passam a assumir papel efetivamente de sujeito” (OLIVEIRA, 2010, p. 22).

Inferimos que esses autores mantinham uma relação com sua raiz ancestral, a África, e um dos temas mais apontados nos *Cadernos negros* é a reivindicação da afrodescendência e a negritude; pensar o sujeito afrodescendente a partir de uma ideia positivada, desconstruindo os estereótipos negativos referentes ao negro. O termo negritude, aqui, é pensado numa perspectiva de identidade. Kabengele Munanga (2012, p. 11) afirma que tal identidade nasce “a partir da tomada de consciência das diferenças entre nós e os outros, não crê que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros”. Percebemos que o autor aponta para as diferenças dentro de um próprio grupo étnico. Munanga aponta os fatores psicológicos, linguísticos e históricos como constitutivos de identidade. Sobre o último, afirma que “o essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga ao seu passado ancestral, o mais longínquo possível (MUNANGA, 2012, p.12)”.

Para além disso, depois da primeira publicação de *Cadernos negros*, houve outras formas de viabilização das tessituras afro-literárias, muitos projetos acadêmicos científicos

⁹ [...] está ligado ao movimento que se iniciou em Paris por volta de 1934, quando o antilhano Aimé Césaire utilizou o termo “negritude”, o qual simbolizou uma revolução na linguagem. Zilá Bernd (1988) assevera que: A palavra “negritude”, em francês, tem uma força de expressividade e mesmo de agressividade que se perde em português, por derivar de *nègre*, termo pejorativo, usado para ofender o negro, uma vez que existe a palavra *noir*. A ideia foi justamente assumir a denominação negativamente conotada para reverter-lhe o sentido, permitindo assim que a partir de então as comunidades negras passassem a ostentá-la com orgulho e não mais com vergonha. Essa foi uma estratégia para desmobilizar o adversário branco, sabotando sua principal arma de ataque – a linguagem – e provando que os signos estão em permanente movimento de rotação. Os signos que nos exilam são, portanto, os mesmos que nos constituem em nossa condição humana (BERND, 1988, p.17-18).

favoreceram a publicação dessa escrita. No que se refere às autoras negras, entretanto, ainda não há tantas publicações.

Apesar da ausência de um material específico voltado para a produção literária das mulheres afro-brasileiras, é preciso destacar a presença da série *Cadernos negros*, que, desde 1978, tem publicado poemas e contos de escritores e escritoras afro-brasileiras, dentre os quais está o nome de Conceição Evaristo. Já no cenário acadêmico, destacamos o projeto de pesquisa *Afro-descendências: raça/etnia na cultura brasileira*, desenvolvido sob a coordenação do professor Eduardo de Assis Duarte, da UFMG, e apoiado pelo CNPq e 54 professores doutores vinculados a 32 universidades brasileiras. O projeto, iniciado em agosto de 2003, tem contribuído para o resgate da história e da produção de escritores e escritoras afro-brasileiras, atingindo alguns resultados importantes, como a publicação do livro *Poéticas afro-brasileiras* (2002) e a elaboração, ainda em processo, do *Dossiê da literatura afro-brasileira* e da *Antologia crítica da literatura afro-brasileira*, ainda por serem publicados. Além deste material, o projeto tem desenvolvido o *Portal Liteafro*, portal da internet voltado para a documentação, resgate e divulgação da produção literária de escritores afro-brasileiros (ARAÚJO, 2007, p. 25).

Evidenciamos que os textos que versam sobre a presença do negro na literatura brasileira como tema e/ou personagem e autor tiveram uma maior divulgação após 1980, visto que estes, por muito tempo, foram ignorados pela literatura oficial, que os excluía, tornando-os guetizados e marginalizados, uma vez que no momento em que o negro aparecia na literatura, ocupava lugares de subalternidade, mas ressaltamos que desde o período colonial há registros de escritos feitos por negros.

A literatura é uma fonte de reivindicação dos indivíduos, visto que ela oferece voz aos sujeitos que foram silenciados pela história oficial, uma (re)escrita do que Michael Pollak (1989) chama de memórias subterrâneas das histórias que foram transmitidas de geração para geração por meio da oralidade, uma vez que se sabe que os negros não tinham direito à aquisição de conhecimentos.

No romance em análise, Conceição Evaristo tematiza a relação dos negros com a aquisição de conhecimentos, problematiza essa questão nos fragmentos das histórias de vidas dos personagens Tio Totó e Negro Alírio¹⁰, o que se pode identificar como uma reminiscência da escravidão, em que chama atenção para a relação entre brancos e negros. Evidenciamos que as tessituras evaristinianas trazem à cena debates sobre as continuidades da casa-grande e da senzala¹¹ ressignificadas. Em um diálogo do personagem Negro Alírio, a narradora retrata a preocupação que a personagem tinha com a educação das crianças da favela. “Para ele, a

¹⁰ Estes personagens serão analisados mais detalhadamente nos próximos capítulos deste trabalho.

¹¹ Alusão ao período escravocrata em que a Casa grande é a casa dos brancos dos proprietários de escravos, e a Senzala é o lugar destinado aos escravos, que geralmente ficava ao lado da Casa grande para que os negros sempre estivessem próximos para atender aos mandos dos seus senhores.

leitura havia concorrido para a sua compreensão do mundo. Ele acreditava que, quando um sujeito sabia ler o que estava escrito e o que não estava, dava um passo muito importante para a sua libertação” (EVARISTO, 2013, p. 134).

Ao apropriarem-se da escrita, os afrodescendentes podiam tomar posse da cidadania plena, pois é válido observar que uma das armas mais importantes do mundo é o conhecimento. “Uma das marcas da literatura afro atual é justamente a forma confessional, a escrita de perfil existencial, reconstruindo uma história própria, sentida por um povo vencido e até aqui massacrado” (LOBO, 2006, p. 328).

Reiteramos que, apesar de libertos, as negras e os negros ainda são presos às grades visíveis e invisíveis, ou seja, foram libertos das correntes da escravidão, abriram-se as portas das senzalas, mas não foram criadas condições dignas para inseri-los na sociedade, continuaram vivendo no laivo da escravidão, porém com outras roupagens, visto que é necessário lembrarmos que a história é feita de movimentos, rupturas e continuidades. A literatura afro-brasileira, portanto, é significativa para se problematizar a história e a memória da ancestralidade negra.

Posteriormente, surgiram vários grupos a partir das reaberturas políticas, alguns coletivos, tais como Quilombhoje, de São Paulo, e o Grupo Negrícia Poesia e Arte de Crioulo (chamado, mais tarde, de Coletivo de Escritores Negros), do Rio de Janeiro. A escritora Conceição Evaristo teve uma participação significativa nesses grupos que reivindicavam a negritude e a valorização do negro.

As diferentes formas de atuação desses grupos – um voltado principalmente para a organização de uma publicação coletiva e outro para a “ocupação do espaço literário” em lugares onde a população negra marginalizada (e não necessariamente letrada) se encontrava – revelam uma divergência na concepção estratégica quanto à melhor forma de conscientizar da população negra (MACHADO, 2014, p. 54).

No que concerne a problemáticas que envolvem os afrodescendentes na pós-modernidade, é necessária mais atenção à mulher negra¹², visto que esta é vítima de uma dupla subjugação de gênero e raça. Algumas obras literárias que vigoraram por muito tempo contribuíram para disseminar a ideia de uma hipersexualidade em torno das mulheres negras, “os esforços das mulheres negras são fundamentados na batalha ainda existente pelo

¹² “[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as ‘mulheres desregradas’ deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado” (HOOKS, 1995, p. 469).

reconhecimento e respeito. É nesse contexto de luta que surge, em 1988, o Geledés - Instituto da Mulher Negra” (SOUZA, 2011, p. 28).

A representação da mulher negra na literatura oficial foi ignorada por muito tempo, os escritos dos homens brancos disseminaram a imagem da negra de duas formas: como a doméstica ou a figura da mãe preta e, depois, o da mulata, lasciva aos prazeres sexuais do homem branco, sendo as negras incapazes de gerar conhecimento, já que permeavam o imaginário dos homens como dotadas de um apetite sexual, associadas ao animalesco, reforçando os estereótipos de que os negros são seres inferiores bestializados.

[...] como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são, “diferenças que fazem diferença” na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (CRENSHAW, 2002, p. 173).

Há uma manutenção das imagens negativas em torno da mulher de cor, que serve como mecanismo de exclusão, colocando-a no lugar de vítima ou estabelecendo relação com o seu corpo, o erotismo. “A imagem da mulher negra como, cronicamente, promíscua. Uma vez que aceita a noção de que os homens negros trazem em si compulsões sexuais irresistíveis e animalescas, toda a raça é investida de bestialidade” (DAVIS, 2016, p.186). A autora Conceição Evaristo intenta nos seus escritos imprimir no mundo uma imagem positiva da mulher negra, desconstruindo os estereótipos que lhes foram impostos por longos anos:

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de auto representação (EVARISTO, 2005, p. 54).

Rasurando a história oficial, as escritoras afro-femininas buscam construir um discurso que se contrapõe aos *donos do poder*. Na sua escrevivência, elas buscam (re)escrever o que foi escrito sobre a representação da figura negra, ou seja, “rasurando o dito e, ao mesmo tempo, inscrevendo o não dito” (SOUZA, 2014, p. 45). A história e a literatura afro-brasileira são paulatinamente (re)conhecidas e valorizadas, pois já viveram por longas décadas no esquecimento.

Conceição Evaristo, em *Becos da memória* (2013), busca (re)construir as identidades perdidas de homens e mulheres negros, como uma tentativa de (re)criar uma história dos ditos subalternizados, criando espaços para dar voz aos silenciados pela história oficial, como assevera Walter Benjamin.

Os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. [...] Todos que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialismo histórico os contempla com distanciamento, pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corveia anônima de seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento de barbárie (BENJAMIN, 2013, p. 225).

Quando se refere à “barbárie”, Benjamin menciona a história de opressão e exploração de grupos sociais por outros, pensando numa teoria marxista a relação de dominados e dominantes, ou, talvez sendo menos radical, sempre houve uma relação de coerção e consenso. Olhando para um passado histórico marcado pela barbárie, Benjamin mostra que “o passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção” e que a cada geração é “concedida uma frágil força messiânica para qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente” (BENJAMIN, 2013, p. 223).

A ideia de um passado de barbárie, de dor e de sofrimento é uma forma de reivindicar um lugar, ao mesmo tempo em que remete no presente um apelo por visibilidade e percebe-se que esse protagonismo está presente na escrita evaristiniana. Tanto Evaristo quanto Benjamin dão lugar aos “esquecidos”, o dito subalternizado; há uma reinvidicação de “expurgar as dores do passado”.

Nessa conjuntura, Benjamin afirma que “o dom de despertar no passado as centelhas de esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 2013, p. 225). Reitera-se que há uma constante revisitação ao passado no processo de revalidação do presente, e, segundo Benjamin, é uma árdua missão que deve ser feita pela história e questiona-se se seria também viável à literatura.

1.2 O meu lamento se criou no Atlântico Negro

A literatura afro-brasileira e a afro-feminina¹³, como já pontuamos nesta pesquisa, visam construir imagens positivadas dos negros, com o intento de desconstruir os estereótipos

¹³ A literatura afro-feminina, nessa perspectiva, é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias

que por muito tempo foram criados em torno destes. Regina Dalcastagné infere que a literatura contemporânea é um espaço de contestação em que os ditos subalternos têm voz e exigem ser ouvidos; sobre essa ausência de personagens de cor, ela assevera que

[...] a ausência de personagens negras na literatura não é apenas um problema político, mas também um problema estético, uma vez que implica na redução da gama de possibilidades de representação. Usar um “modelo” branco e fazer dele uma personagem negra (como no filme *O homem que copiava*, por exemplo, onde o ator negro Lázaro Ramos atua no papel de uma personagem que poderia ser branca) não resolve, porque ser negro numa sociedade racista não é apenas ter outra cor, é ter outra perspectiva social (nos termos de Iris Marion Young), outra experiência de vida, normalmente marcada por alguma espécie de humilhação (DALCASTAGNÉ, 2008, p.16).

Percebemos, então, que ser negro numa sociedade racista como a brasileira é um entrave para a mobilidade social, ou seja, os lugares que os negros ocupam são (de)limitados, pois vivem uma espécie de segregação silenciosa e camuflada de harmonia racial. Assinalamos que a literatura afro-brasileira é uma escrita de resistência que busca ressignificar as memórias e identidades dos negros.

Conceição Evaristo, em *Becos da memória* (2013), escreve sobre o processo da diáspora africana, fazendo uso das figuras de linguagem para retratar esse momento da história. O personagem Antônio João da Silva, o Tio Totó, que é um “ancião e guardião das memórias e estórias que contam as lembranças dos irmãos e irmãs da velha diáspora” (CRUZ, 2016, p.133), ao lembrar dos seus antepassados, tem nas suas primeiras lembranças as memórias da infância do tempo em que morava em uma fazenda onde os seus pais trabalhavam. “Quando Tio Totó se entendeu por gente, ele já estava em Tombos de Carangola. Sabia que não nascera ali, como também ali não nasceram seus pais” (EVARISTO, 2013, p.32).

Nesse trecho, constatamos por meio da voz autoral que os pais do personagem devem ser africanos que foram trazidos para o Brasil, que certamente foram sequestrados/capturados na África, transportados nos porões dos navios através do Atlântico Negro¹⁴ como mercadoria e vendidos para trabalhar escravizados em fazendas de algodão, café, engenhos, dentre outros, para os senhores de escravos, o qual preferimos chamar de *donos do poder*, visto que de certa forma o homem branco é detentor de poder pois tem o privilégio de “ser branco em uma sociedade racista” (DALCASTAGNÉ, 2008, p.16).

ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras (SILVA, 2010, p. 178).

¹⁴ As experiências históricas características das populações dessa diáspora criaram um corpo único de reflexões sobre a modernidade e seus dissabores, que é uma presença permanente nas lutas culturais e políticas de seus descendentes atuais (GILROY, 2001, p. 108).

A história desse personagem é uma das primeiras expostas por Maria-Nova, a narradora rememora sobre as histórias contadas pelo velho na favela. Interessa-nos a trajetória desse indivíduo, visto que representa uma busca por identidade, as memórias narradas por ele simbolizam a ancestralidade e atuam, de certa forma, como construtora de identidade. No romance, o passado e o presente se fundem, pois, como já mencionamos, a história é feita de contextos, continuidades, movimentos e rupturas.

Ao analisarmos o nome do personagem, evidenciamos a construção de Antônio João, nomes santos ligados ao Catolicismo, ou seja, nome dado pelos senhores de escravos aos filhos dos cativos. A igreja detinha poder sobre a sociedade visto que ela tinha o controle dos registros dos nascidos libertos ou cativos. Com a Lei do Ventre livre, “coube a ela [igreja], a função de registrar pelo Batismo a condição da criança como cativa ou liberta” (COSTA, 2007, p. 32).

Tio Totó nasceu ainda no período escravocrata no Brasil, no século XIX, nasceu depois do decreto da Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871. Essa medida de concessão de liberdade aos filhos dos escravos simbolizou uma abertura gradual da mão de obra escrava para a assalariada, para que não houvesse grandes impactos para os senhores de escravos. Lenira Costa (2007, p.32) afirma, entretanto, que a Lei do Ventre livre concedia liberdade aos filhos dos cativos, e o dono da fazenda tinha duas alternativas: ficar com a criança utilizando sua mão de obra até que ela completasse 21 anos ou entregar aos pais, caso fizesse receberia “uma indenização do Estado se a entregasse com 08 anos”.

Chamamos atenção para o apelido dado ao personagem Totó característico de animais domésticos, mas era “apelido de cachorro não fazia mal, cachorro é amigo de homem” (EVARISTO, 2013, p. 32). Pontuamos que é uma forma de dominação do poderio escravocrata equiparar o negro a um cachorro, visto que os negros nascidos após o Ventre Livre viviam nas Casas Grandes e, geralmente, eram “apadrinhados” pelos proprietários de escravos, mais uma forma camuflada da escravidão; nessa conjuntura, acreditavam que o “preto não passa do biológico. É um animal” (FANON, 2008, p.143).

A narrativa problematiza o apelido Totó porque não lhe deram um apelido de Totonho ou Tônico ou, até mesmo, de Joãozinho. Inferimos que seria impensável, visto que eram nomes de brancos e não podia nomear um negro com um vocativo igual aos dos filhos da *casa-grande*; o preto sendo inferior só poderia ser igualado ao animal doméstico, pois era isso que ele simbolizava no período escravocrata, um animal doméstico, doce, obediente e temeroso.

Inferimos que a narradora e a voz autoral, ao abordar a temática dos negros que vivenciaram e são reminiscentes, que (sobre)vivem na sociedade brasileira pós-abolição, em *Becos da memória* (2013), evidenciam as agruras, a força, a fé, a crença e a esperança dos afro-brasileiros de que “deve haver um mundo melhor”. Na narrativa, a memória dos chicotes e correntes da senzala a qual os negros estavam submetidos é reatualizada; “embora com a promulgação da Lei do Ventre Livre e, posteriormente, da Lei Áurea, todos continuaram escravizados, muitas vezes, de formas explícitas ou veladas, por meio de um sistema vigente hegemônico e elitista, sobretudo, branco” (CRUZ, 2016, p.132). O tio Totó cresceu e ficou com o seu apelido que acabou se identificando.

O personagem cresceu, casou e teve que partir da fazenda onde vivia desde criança com os seus pais. Casou-se, a primeira vez, com Miliquinha, mas, devido a não ter mais posses na fazenda, teve que partir. O personagem partiu com sua esposa e filha a procura de um lugar para trabalhar e, assim, construírem uma nova vida, pois, desde criança, o tio Totó ouvira histórias de um lugar em que os negros eram livres e poderiam viver sem o domínio do homem branco. Aqui, mencionamos que a narradora faz uma menção ao quilombo, visto que o lugar mencionado são os assentamentos construídos pelos negros, fugidos das fazendas, ou de libertos que compraram ou lhe foram concedidos a alforria.

Ao partirem para uma vida melhor, no entanto, tiveram que cruzar um rio que os separavam das suas novas vidas. A “passagem remonta simbolicamente a situação diáspórica dos escravizados e seus descendentes. Tio Totó encontra-se, do outro lado, sozinho e sem os poucos pertences que carregava consigo”, observamos ainda que na narrativa o personagem presenciou a perda da sua família, é válido observarmos que isso remete à perda da família e da identidade que os africanos estavam condicionados ao atravessar o Atlântico Negro, em direção à América na condição de cativos (PONCE; GODOY, 2016, p. 25). O tio Totó representa um traço da ancestralidade e das reminiscências na África, visto que o personagem mantinha preservada sua memória e a identidade dos seus antepassados.

A travessia do rio e a perda dos entes queridos remetem a uma outra travessia empreendida por diversos africanos que se viram escravizados em outras terras, sem nenhuma escolha nem outra maneira de mudar a vida. Como Tio Totó, chegam salvos e sozinhos do outro lado da banda, nus das pessoas amadas e queridas, trazendo consigo seu único e precioso bem: a memória do passado (MARINGOLO, 2014, p.61).

Observamos que essa questão do rio é bastante emblemática. Se por um lado remete à questão da diáspora, por outro lado representa “o próprio sistema excludente a que são submetidos os povos negros, torna-se um signo representante das muitas formas de ceifar e

sucumbir as vidas dos afrodescendentes”. Nesse sentido, inferimos que a travessia do rio é bastante ambígua, pois ele perde a sua família e é perceptível a intencionalidade dessa construção na diegese, pois intenciona problematizar as pontiagudas pedras que estão no meio do caminho dos negros (CRUZ, 2016, p.142).

Essa pequena análise da trajetória deste personagem é importante para compreendermos que as identidades e as memórias dos afrodescendentes foram formadas a partir da diáspora. No que se refere às identidades geradas na diáspora, vale destacar que não podemos pensar em uma única identidade étnica, visto que elas foram geradas na situação de movimentos, territórios e contextos. Em síntese, os povos escravizados tiveram de ser silenciados e suas histórias lançadas ao esquecimento. Na contemporaneidade, entretanto, são expostas as agruras; pela memória do testemunho é preciso contar e exorcizar o passado para que não se repita. “A memória da escravidão torna-se um segredo aberto e domina as experiências pós-escravidão, que são interpretadas como suas continuções camufladas” (GILROY, 2001, p.173), o que não deixa de ser uma relação de rupturas e continuidades.

A memória e a identidade estão interligadas, visto que a segunda é formada a partir de vivências ou experiências do passado. Afirmamos que a identidade afro-brasileira é híbrida, ela nasce entre as culturas branca e africana/negra, possibilitando a formação de novas identidades individuais e/ou coletivas.

A identidade negra perpassa por um processo de pensar na própria diferença, ou seja, o sujeito negro se reconhece enquanto minoria, uma vez que se vive o laivo romântico da casa-grande e senzala, o mito da democracia racial¹⁵ em que há uma “igualdade” entre brancos e não brancos. Dessa forma, as memórias e o passado da escravidão, que foram gerados nos porões dos navios na travessia do Atlântico Negro, são um dos alicerces dos escritos afro-brasileiros. Essa lembrança precisa ser (res)sentida pelos seus descendentes, contada e exorcizada, a fim de se construir uma nova história sem o gosto salgado e amargo das dores dos seus ancestrais. Paul Ricoeur, desse modo, assevera que

[...] nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança. A própria historiografia, digamo-lo, desde já, que não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o

¹⁵ Seria que desde a abolição da escravidão em 1888 pela assinatura da Léi Aurea, os negros competiriam de forma igualitária com os brancos, ou seja, que perante a Lei todos seriam iguais, entretanto esse mito da democracia racial é uma forma camuflada de racismo diferente do que ocorreu nos Estados Unidos e na África do Sul, nesta conjuntura “(...) erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência. (...) A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o ‘maior motivo de orgulho nacional’” (NASCIMENTO, 1978, p.41).

passado, independentemente do que possa significar a preteridade do passado (RICOEUR, 2007, p.26).

Paul Ricoeur, assim, nos induz a pensar que é preciso ressignificar o passado para compreender o presente, acreditamos que “lembrar-se não é somente acolher, é receber uma imagem do passado e, também, buscá-la, fazer alguma coisa” (RICOEUR, 2007, p. 71). A rememoração permite o estabelecimento de laços de pertencimento a fim de construir uma identidade, a memória (re)modela o indivíduo e, ao mesmo tempo em que é modelada por ela, “se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra, para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final resta apenas o esquecimento” (CANDAU, 2011, p.16). É válido observarmos que o passado é domesticado, visto que ele é acessado sob forma de uma narrativa, ou seja, pela linguagem e, como todo discurso, carrega uma série de intenções por parte de quem rememora.

Joel Candau (2011) infere que no caminho em que as ferramentas mnemônicas são mediadas pela linguagem a fim de ganhar um significado e uma simbologia, é, nesse momento, que a identidade é moldada e, por isso, se enraíza em um processo memorial. Assim como a memória, inferimos que é um elemento socialmente construído ou forjado, a identidade também é produto de um discurso, Canclini percebe que “a identidade é uma construção que se narra” (2006, p. 129).

A identidade dos afrodescendentes está ligada à memória dos subalternizados, a qual se configura como um norteador de resistência, uma vez que se opõe à memória oficial, que é aquela contada pelos grupos dominantes. Podemos afirmar que há uma disputa de memórias daqueles que foram por muito tempo silenciados; Michael Pollak (1989, p.03) assinala que “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência”. Reiteramos que a memória viabiliza a atuação do passado no presente por meio das lembranças. Sendo ela coletiva ou individual, é um elemento que constrói a identidade, ao passo que viabiliza ao indivíduo as imagens do presente sobre o passado. A memória remete à construção e à localização das lembranças, que podem ser compreendidas como reconstrutoras.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. Vale dizer que a memória e a identidade podem perfeitamente ser negociadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Se é possível o confronto entre a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (POLLAK, 1992, p.204).

Ressaltamos que o passado precisa ser (re)escrito a partir das vozes silenciadas pelos que estiveram por muito tempo silenciados, uma vez que estes têm algo a dizer, um discurso que se contrapõe à memória oficial. É uma ideia transgressora ao passo que questiona a história oficial, e pretende submergir das trevas do silenciamento às memórias subterrâneas, constantemente amordaçadas e apagadas da literatura por intermédio dos rasgos no discurso da memória legitimada.

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade. Se compararmos, por exemplo, países de antiga tradição nacional, países que são Estados nacionais há muitos séculos, com Estados nacionais recentes, veremos que a preocupação com a identidade e a memória toma feições bem diferentes nos dois casos. Poderíamos tomar como objeto de análise a correlação, em períodos de longa duração, entre a rearrumação das relações entre países em momentos de crise ou de guerra, e a crise da memória e do sentimento de identidade coletiva que frequentemente precede, acompanha ou sucede esses momentos (POLLAK, 1992, p.206).

Nessa perspectiva pollakiana, a memória e a identidade sofrem crises, uma vez que são formadas criando uma ideia de pertencimento. Ao nos referirmos às identidades, acreditamos que elas são flexíveis e formadas a partir das decisões que o sujeito escolhe, assim como o caminho que percorre, ou seja, sua trajetória pessoal é um dos elementos para a construção de sua identidade.

O pertencimento e as identidades são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p.17).

Além de ressaltarmos que estas são fragmentadas, uma vez que na sociedade moderna nada é sólido, os indivíduos estão cada vez mais mutáveis. Reiteramos que não há um referencial imutável onde se nasce com uma identidade e morre-se com ela, ou seja, ao longo da vida busca-se construir enquanto sujeito, mesmo que seja uma impressão falsa ou fragmentada, visto que somos indivíduos pós-modernos e, nesse momento, não há nada de concreto, tudo está em transformação ou, como já disse Karl Marx, “tudo que é sólido

desmancha-se no ar”. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2003, p. 20).

Nesse sentido, acreditamos que a literatura afro-brasileira é um elemento de resistência, visto que é por meio dela que os escritores negros vão reivindicar o seu lugar na sociedade e expor as duras agruras que os afro-brasileiros vivenciam cotidianamente, como o racismo, as violências de classe e os conflitos de gênero. Inferimos que essas tessituras devem ser vistas como um espaço quilombola.

Literatura afro-brasileira deve ser vista como um espaço quilombola por excelência onde os sujeitos, criadores e narradores de seus discursos, libertam a palavra poética instaurando um espaço de lutas. O passado é visto como composto por diversas vozes, experiências e discursos, contrapondo ao discurso homogeneizante e dominador da história oficial. A rescrita do passado se dá na inclusão das múltiplas vozes daqueles que foram continuamente silenciados (MARINGOLO, 2014, p. 10).

A literatura afro-brasileira, especificamente aquela produzida por mulheres, constitui-se na tríade gênero, raça e classe. Constância Duarte (2009, p. 06) afirma que “os textos revelam a consciência de pertencimento a um grupo social oprimido, que tem na pele a cor da exclusão”. As tessituras dessa autora mostram as visíveis e invisíveis grades que aprisionam os afro-brasileiros, as mulheres negras visam a romper com os estereótipos que lhes são impostos pela raça e o gênero, e a sair desse laivo romântico da casa-grande e senzala.

Algumas mulheres negras conseguem sair dessa condição de subserviência e se destacar pela sua escrita, transgredindo e resistindo frente a uma sociedade patriarcalista, machista e racista. A escritora e professora aposentada Conceição Evaristo é uma das grandes representantes dessa literatura. Nessa conjuntura, a literatura afro-brasileira nasce das histórias ouvidas dos seus ancestrais e das vivências e experiências do sujeito negro na sociedade, como uma forma de exorcizar um passado de dores, recordar é necessário para que esse fato não se repita, volta-se para a história a fim de ressignificar a memória da diáspora e da senzala, afinal olha-se para trás para entender o presente; Beatriz Sarlo diz “que o tempo do passado não pode ser eliminado e é um perseguidor que escraviza ou liberta” (SARLO, 2007, p.12).

Escrever sobre essas memórias subalternizadas é descortinar essas reminiscências mnemônicas que foram ceifadas, é libertar-se dos porões do esquecimento. Dessa forma, Maringolo (2014, p. 50) assevera que é “angustiante e libertador o processo de reescrever a história dos afrodescendentes no Brasil, preenchendo os espaços de silêncio, atentando para as sobras e moldando o barro narrativo até a forma apreciada”. As memórias do passado são buscadas a fim de compreender um determinado acontecimento ou suas origens,

ancestralidades, que, por sua vez, não deixa de ser uma construção, pois as lembranças não vêm à mente da mesma forma que aconteceram, mas ressignificadas. “A história é uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo agora” (BENJAMIN, 2010, p.13).

Dessa forma, as escritoras afro-femininas e afro-brasileiras apoiam-se na memória étnica e coletiva para remontar esse passado que precisa ser (re)contado. É necessário costurar os fios perdidos da história a partir dos fragmentos das memórias, que oscilam entre o passado e o presente e é por meio da literatura que Conceição Evaristo insere a sua escrita verdadeira.

A obra *Becos da memória* (2013), alicerce deste trabalho, é um escrito que possui um tom de denúncia social em que a autora busca (re)construir e (re)afirmar a(s) identidade(s) a partir da reconstrução das memórias femininas presentes na diegese, ao mesmo tempo em que pontua elementos memorialísticos importantes, tais como a ancestralidade e as relações de rupturas e continuidades através das vivências dos personagens em histórias que são apresentadas a cada página.

Tal tratamento dado às personagens evidencia a constituição de uma literatura identificada à condição negra no Brasil, dando relevo a um ponto de vista afro-brasileiro; as dificuldades enfrentadas pelas personagens do romance, seja no presente ou no passado, trazem à tona as lutas diárias dos afrodescendentes no Brasil e estão diretamente ligadas à temática; por último, Conceição Evaristo constrói seu romance com uma voz autoral que denuncia, sem abrir mão da poeticidade, o preconceito e a marginalização sofridos pelo povo negro, evocando (PONCE, GODOY, 2006, p.20).

Nessa conjuntura, Conceição Evaristo tematiza as problemáticas em torno do que é ser negro numa sociedade racista e discorre sobre as experiências e vivências da população que é esquecida, mas que ao mesmo tempo busca por lugares de visibilidade e pertencimento, reafirmando sua negritude. Ressaltamos que nessa perspectiva de um “entrelugar” culturalmente construído, Conceição Evaristo problematiza e tenta (re)construir a identidade dos negros, no que se refere à questão dos “entrelugares”.

Bhabha (1998, p. 20) assevera que os “entrelugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação [...] que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”. *Becos da memória* (2013) possibilita que as vivências e experiências dos personagens afro-brasileiros possibilitem questionar o lugar que é delegado aos negros na sociedade ao passo que contribuí para (re)formular a identidade.

Portanto, no que se refere à relação entre memória e identidade, é interessante pensarmos que a memória é um elemento constitutivo da identidade ao passo que possibilita

compreender as raízes culturais. Assim, inferimos que é a partir da memória que pode iniciar o que Bhabha (1998) propõe como a criação de novos signos de identidade, ou seja, signos identitários que contestam o comportamento de um determinado grupo.

No próximo tópico discorreremos sobre a escrita feminina, a fim de compreendermos a forma como as autoras buscam ressignificar suas memórias e reconstruir uma nova história dos negros. “A escrita da mulher negra é transmutada em produção cultural o saber e a experiências das mulheres através das gerações” (FERREIRA, 2013, p. 14). A escrita afro-feminina é interpretada como uma forma de subversão e resistência contra as correntes do patriarcado, racismo e sexismo.

1.3 Nas ondas do feminismo negro-brasileiro: escritoras negras contemporâneas

A escrita das mulheres, dentre outras coisas, decorre da inquietação daquelas que ousaram romper com os padrões de uma sociedade patriarcal e machista, uma vez que, durante longos anos, houve um silenciamento e apagamento das histórias do segundo sexo, mas estas foram guardadas a espera de serem ouvidas. Michelle de Perrot (1989, p.14) pontua que “a memória feminina, assim como a escrita feminina, é uma memória familiar, semi-oficial”.

Uma das figuras expressivas ao sair do comportamento esperado para as mulheres que deveriam ser “recatadas, belas e do lar” foi a escritora inglesa Virginia Woolf, que no início do século XX, no ano de 1928, publicou a obra *Room of one's Own (Um teto Todo Seu)* em que analisava a mulher na literatura. Essa autora foi uma das primeiras a escrever e tentar compreender e problematizar a condição da mulher na sociedade. Segundo Bourdieu (1999, p. 82), “delas [as mulheres] se espera que sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”. Chamamos atenção para o título do livro de Woolf (1985), que utiliza a metáfora da casa para questionar o lugar imposto à mulher, “um teto todo seu”, ou seja, um lugar em que ela fosse dona si e da sua vida.

Já na França, Simone de Beauvoir, filósofa e escritora, publicou, em 1949, a obra intitulada “O Segundo Sexo”, que causou muitas discussões e incômodos, já que a autora mostrava os problemas existentes na sociedade francesa e questões cotidianas que estavam naturalizadas e que representavam formas de opressão ao feminino. Ao interrogar e mostrar os problemas, ela levanta uma série de dúvidas e perturbações nas mulheres, esta escritora que era/é considerada um ser subversivo, visto que tinha amantes, professora universitária, transita pelo meio masculino, além de manter uma relação amorosa com o filósofo Jean Paul Sartre,

que, na “*Bibliothèque Nationale*, é uma figura de transgressão nacional” (PERROT,1989, p.10).

O Segundo Sexo (1980) introduziu os gargalos para o feminismo contemporâneo; nessa obra, Simone de Beauvoir questiona o determinismo biológico, contestando as problemáticas de gênero. Essa perturbação da autora é perceptível quando ela afirma que “não se nasce mulher, mas torna-se mulher”, ou seja, que a condição do determinismo dos sexos está para além do biológico, pois é uma construção social, histórica e cultural em que são definidos os papéis dos indivíduos, identificando o que é feminino e o que é masculino¹⁶.

Ressaltamos que o avanço sobre a história das mulheres é obtido por meio de lutas, tanto no Continente Europeu, quanto no Americano, e tem uma maior visibilidade no início do século XX, em um período em que a mulher¹⁷ é retratada como uma categoria social e detentora dos direitos civis e sociais. O silêncio que se encontra perante esse campo da história obviamente se dá pela constituição de uma sociedade falocêntrica, ignorando a mulher que em muitos momentos da história desenvolve um papel de protagonista, “as mulheres, frequentemente, apagam delas mesmas as marcas que adquiriram dos passos que deram no mundo, como se deixá-las transparecer fosse uma ofensa à ordem”, elas mesmas silenciavam-se para não causarem conflitos na ordem patriarcal. (PERROT,1989, p. 12).

Vale destacar que a história de luta das mulheres por direitos no Brasil data desde o período colonial em 1842. Uma representante desse período é Nísia Floresta, que questionava os comportamentos das mulheres, pois ela desenvolveu um papel de grande protagonismo. As manifestações feministas tiveram como principais metas o direito, a educação e a profissionalização da mulher. Nísia enfatizou essas reivindicações em todas as suas obras, que posteriormente foram vinculadas à imprensa feminista, por exemplo, o *Jornal das senhoras* de 1852, que perdurou até a primeira metade do século XX, é tido como uma das conquistas do movimento feminista.

Pontuamos que Nísia Floresta antecipa o feminismo e as ideias em torno das construções de gênero, “a noção de gênero como uma construção sociocultural” (DUARTE, 2003, p. 83). É interessante observar que o feminismo no Brasil assume várias faces, ora apresentando-se como movimento de contestação, ora como anarquista socialista; uma das principais problemáticas enfrentadas pelo movimento, no entanto, se refere à utilização das

¹⁶ Gênero é uma categoria que será discutida no capítulo sucessor em que analisamos as interfaces de gênero, raça e classe.

¹⁷ O uso do conceito mulher traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. A reinvenção da categoria mulher, entretanto, frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal-passiva, emocional etc. (AZÉREDO, 1995, p. 458).

categorias de gênero, raça e classe. Lilly Caldwell (2000) afirma que no Brasil a dominação racial é marcada pelo gênero e essa dominação é marcada pela raça que, por sua vez, reflete na classe que essas categorias precisam se firmar como base para o feminismo brasileiro.

Apesar de termos pontuado que as ondas de movimentos feministas no Brasil iniciaram-se ainda na metade século XIX, por meio da imprensa feminista (principal veículo de discussão das ideias feministas naquele momento). Também merece destaque a criação do Partido Republicano Feminista, pela baiana Leolinda Daltro, com o objetivo de mobilizar as mulheres pelo sufrágio e a Associação Feminista de cunho anarquista, que foi de forte influência nas greves operárias de 1918, em São Paulo. Ângela Davis afirma que “[A] primeira onda começou nos anos de 1840, e a segunda, nos anos de 1960, então, nestes últimos dias da década de 1980, estamos nos aproximando da crista de uma terceira onda” (DAVIS, 2017, p.17).

Caracterizada como terceira onda do feminismo, a partir dos anos de 1980, os estudos e avanços sobre o feminismo negro adquire novas formas. Raquel Veronese assinala que “as origens não são centradas em livros teóricos como acontecia com as mulheres brancas, mas nas experiências de várias mulheres que não se encaixavam no conceito de intelectuais” (VERONESE, 2011, p. 45).

Apesar de apontarmos que o movimento feminista esteve presente desde o período colonial, nossas discussões sobre o feminismo se dão a partir dos anos de 1970, ou seja, a partir da terceira onda do feminismo, quando há uma maior participação de mulheres negras e organização de coletivos, em 1975, e, em 1978, a criação do Movimento Negro Unificado (MNU), este movimento teve como uma das principais características “o combate à discriminação racial e a denúncia do mito da democracia racial” e a “afirmação de uma identidade racial negra positivada” (FERREIRA, 2013, p. 83-84).

É válido observamos que Cynthia Sarti (2004) infere que a Organização das Nações Unidas (ONU) declara 1975 como o ano internacional da mulher, isso causa um forte impacto nos movimentos de mulheres na Europa e na América, possibilitando que alguns grupos feministas que ainda atuavam na marginalidade saíssem da clandestinidade. Esse processo de institucionalização dos movimentos feminista negro e do próprio movimento negro favoreceu para que houvesse uma crescente presença de negras e negros nas universidades brasileiras como estudantes ou pesquisadores. Assinalamos que Lélia Gonzalez foi a criadora do feminismo negro no Brasil, em 1970, em que há o processo de tornar-se negro com a reorganização do movimento negro contemporâneo. “ Lélia Gonzáles e Beatriz do Nascimento insistem na discussão do papel do feminismo na discussão das diferenças étnico-raciais” (SOUZA, 2014, p. 311).

Em 1960 e 1970, as problemáticas que envolviam as questões identitárias e a diferença sexual tiveram uma maior atenção; para isso, houve a criação de uma imprensa feminista, o cinema da mulher e um *boom* dos estudos acadêmicos acerca do feminismo e das discussões sobre as (des)construções de gênero. Heloisa Nascimento (2008) pontua que as mulheres negras intelectuais¹⁸ ou escritoras sofreram discriminação dentro do próprio movimento, visto que em sua maioria as feministas eram brancas e de classe média.

Eu não me considero contemplada pela liderança do movimento feminista de expressão branca, porque é uma outra história, é um outro discurso com outra agenda. Pode-se apontar a contradição sutil porque até que ponto esta mulher que está lutando pela emancipação dela está preocupada com a mulher negra lá no fundo da casa, na cozinha dela? As lutas de gênero promovidas pelas feministas brancas de classe média ou de outra classe alta são seletivas (EVARISTO, 2016, p. 93).

Nessa perspectiva, o feminismo negro deve buscar (re)discutir as problemáticas que envolvem as mulheres negras, nas palavras de Sueli Carneiro era necessário “enegrecer o feminismo”. Para além disto, é necessário pensar que, Segundo Luiza Lobo (2006), depois da década de 1970, a expressão “literatura feminista” deixou de ser apenas uma escrita de luta das mulheres, pois também simbolizou novos nortes para as pesquisas contemporâneas. Tomando emprestadas as palavras de Júlia Kristeva, significou uma “revolução da linguagem”, pois dessa forma ela abria um leque para a construção de indivíduos dentro da escrita.

A partir dos anos de 1980, surgem novas perspectivas em torno da categoria gênero, o qual começou a se popularizar. Vale destacar que, no Brasil, as pesquisas no meio acadêmico acerca das problemáticas sobre o feminino tiveram uma maior atenção com a criação do grupo de trabalho *A mulher na literatura*, em 1986, no âmbito da Associação Nacional de pesquisa em Letras e Linguística (ANPLL), que visava discutir a relação da mulher e da literatura e a compreender a condição da mulher como indivíduo produtor de conhecimento e não só como sujeito de estudo. Vânia Vasconcelos (2014) pontua que um dos esforços do feminismo moderno é desconstruir a ideia de um sujeito universal *mulher*, pois é relevante a fragmentação sobre os estudos do sujeito, estudar as diferenças entre as mulheres.

¹⁸ Nilma Lino Gomes partindo de um perspectiva gramscianiana de intelectuais orgânicos, que seria um sujeito que articula as concepções política e cultural, em que os grupos sociais elegem um intelectual que lhe dá consciência de sua função no mundo assim como do social, cultural e político, e o intelectual negro seria “aquele profissional que constrói a sua trajetória de produção, reflexão e intervenção na interatividade entre o ethos político da discussão da temática racial e o ethos acadêmico-científico adquirido no mundo da ciência moderna” (GOMES, 2010, p. 428).

Inicialmente, o movimento feminista de contestação exigia a presença da mulher no mercado de trabalho, assim como a profissionalização delas, dentre outras problemáticas, que abarcavam apenas as causas das mulheres de classe média e brancas, visto que as mulheres de baixo poder aquisitivo e não brancas já estavam no mercado de trabalho desde o período colonial.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando?” E acrescenta: Nós mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, por que nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalham durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam algo quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar (CARNEIRO, 2006 *apud* EVARISTO, 2016, p. 101).

A problemática da “fragilidade feminina” não se aplica às mulheres negras, posto que estas, no decorrer do processo histórico, foram vítimas de todo tipo de discriminação, desde o processo de transição do Atlântico Negro e nas senzalas, onde foram exploradas de todas as formas possíveis com estupros, castigos físicos e a própria morte, por exemplo. “O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras” (DAVIS, 2016, p. 20).

Ângela Davis (2016) infere que as vivências das mulheres negras no período escravocrata foram marcadas por maus-tratos bárbaros, para legitimar o poder do patriarcado sobre elas e sobre os negros, por meio de violência física, sexual, racial e simbólica, praticadas como fruto da lógica do próprio sistema escravocrata.

Apesar das imagens estereotipadas da natureza feminina negra durante a escravatura serem baseadas no mito de que todas as mulheres negras são imorais e sexualmente perdidas, as narrativas da escravatura e os diários do século XIX não apresentam evidências que elas eram de qualquer forma mais “liberais” sexualmente do que as mulheres brancas. A grande maioria das mulheres negras escravizadas aceitaram a cultura sexual dominante e adaptaram-se às suas circunstâncias. As raparigas negras escravas eram ensinadas, como as suas parceiras brancas, que a virtude era o ideal espiritual natural das mulheres e a virgindade o seu estado físico ideal, mas o conhecimento da aceitação da moralidade sexual não alterou a realidade que não existia ordem social para protegê-las da exploração sexual (HOOKS, 1981, p.41).

A negra é constantemente associada ao prazer e ao trabalho pesado, como já foi enraizado nos “ditos populares ‘branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar’ que foram evocados e legitimados na obra Freyreana funcionam como elementos estruturantes das práticas sociais e afetivas dos indivíduos” (PACHECO, 2013, p. 52). Pontuamos que, dada a

conveniência do seu proprietário, a negra poderia ser vista como desprovida de gênero, lasciva ou reprodutora, “quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente a sua condição de fêmeas” (DAVIS, 2016, p. 199). A imagem da mulher negra foi desvalorizada durante o período da escravidão, elas eram vistas apenas como “objeto sexual, que vai predominar por muito tempo a imagem da puta”. (PACHECO, 2013, p. 26). Durante a escravidão, a mulher negra escrava era constantemente associada à imoralidade e aos prazeres entregues à libertinagem; as negras foram, por muito tempo, acusadas de provocar os homens; dessa forma, a mulher negra foi sendo incorporada como um ser detentor de uma sexualidade selvagem.

Representações sociais passaram a fazer parte das produções discursivas do saber ocidental, sobretudo, a partir do século XIX. Os negros e as mulheres foram associados ao mundo da natureza, devido às suas características físicas e biológicas “animalescas”; às mulheres foram atribuídas as funções de “reproduzir a espécie e a raça” (PACHECO, 2013, p.26).

Acreditamos que essa carga de lascívia associada à “cor” do pecado, à prostituição, à erotização, ao trabalho doméstico e às mulheres negras são incorporadas apenas para os prazeres sexuais e que “as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes ‘à cultura do afetivo’, do casamento, da união estável” (PACHECO, 2013, p. 26). A mulher negra foi tida como corpo sem mente, tratada como incapaz de construir sua autonomia intelectual e produzir conhecimento, uma ideia que foi gestada há séculos e vem sendo reproduzida até os dias atuais. Nessa conjuntura, a mulher branca era vista como uma *donzela*, à espera de um príncipe que a protegesse, reforçando o mito da fragilidade feminina.

Enquanto as sinhazinhas brancas tinham como imposição manter a virgindade como um dos pressupostos da pureza, as mulheres negras vivenciavam a violência sexual cometida pelo senhor de escravo e pelo capataz, tanto no espaço doméstico como no campo, ou seja, no local destinado à execução de tarefas na época em que reinava no Brasil o escravismo como forma de divisão de trabalho (ALVES, 2010, p. 62).

Enquanto que era esperado a pureza e a castidade das mulheres brancas, em torno da imagem da mulher negra foi construído o estereótipo de “ardente”, fogaosa, ou seja, era quem provocava e iniciava na vida erótico-sexual dos homens, assinalamos, assim, que é mais uma das formas de opressão das mulheres de cor. Para a mulher negra, é necessário que ela lute contra o patriarcado, pois este é alicerçado nas bases que permitem a existência desse tipo de dominação e violação dos corpos e isto reverbera nas questões de gênero e raça na sociedade, visto que contribui para a romantização dos estupros da mulher negra.

A mulher negra teve o seu corpo violado assim como sua integridade, física e social, nos espaços social e individual pelas amarras da escravidão que perdurou por séculos e que, atualmente, ainda vivemos em um sistema de *apartheid* de classe e cor, principalmente nos países em que houve a diáspora africana. Apesar de toda dor e sofrimento vivido pelas mulheres negras, elas ainda conseguiram buscar espaços de resistência e construir formas para sobreviver.

A escritora afro-americana Bell Hooks, em seu artigo intitulado *Intelectuais negras* (1995), pontua que há muitos entraves quando uma mulher negra decide adentrar ao mundo das “letras”, pois ela [mulher negra] tem uma grande dificuldade para fazer-se ouvida e ter visibilidade, visto que, segundo a autora, a sociedade ainda está presa ao laivo do sistema escravocrata, pois vivemos em uma sociedade racista e sexista. “Num contexto social capitalista, de supremacia patriarcal branca, como essa cultura, nenhuma mulher negra pode se tornar uma intelectual sem descolonizar a mente” (HOOKS, 1995, p. 474). Percebemos que os maiores obstáculos são o racismo, o sexismo, a misoginia e o preconceito de classe e tentar quebrar os paradigmas assim como descolonizar a mente.

As condições de gênero e raça serviram, por muito tempo, como um entrave para as mulheres negras se afastarem do trabalho intelectual. Pontuamos que o intelectual busca o mecanismo para solucionar os problemas que existem na sociedade e a escrita da mulher negra é de resistência e luta contra o racismo, sexismo e contra qualquer outra estrutura segregacionista. Nessa perspectiva, evidenciamos que a escrita das mulheres negras é de reivindicação, essa literatura afro busca subverter o lugar ocupado pela negra, que foi tida, por anos, como objeto. Nessa luta, a mulher negra busca sair da condição de objeto para sujeito literário, uma vez que “a produção acadêmica feita pelos/as intelectuais negros/as deslocou-os/as” (MACHADO, 2014, p. 57).

Conceição Evaristo (2016) pontua que há uma espécie de silenciamento dos escritores negros, uma falta de interesse das grandes editoras para publicar os escritos desses indivíduos. O que não deixa de ser uma grande perda para a construção da identidade de homens e mulheres negros, visto que vivemos num país em que a maioria da população é composta por negros e pardos. Acerca desse silenciamento e da falta de interesse por parte das grandes editoras, Evaristo afirma que

[...] há uma diferença muito grande de você publicar com uma editora como a *Mazza Edições*, ou *Editora Kitabu*, e você publicar pela *Companhia das Letras*. São tão poucas que conseguem. A Ana Maria Gonçalves, autora de *um defeito de cor*, saiu pela Record, uma grande editora e, de fato, o livro é muito bom. Se eu chegar à *Companhia das Letras*, dificilmente eu seria

atendida. Eu visualizo esta situação como parte de um maior problema. Enquanto a sociedade brasileira não reconhece o afrodescendente em todos os espaços dificilmente a literatura vai ter respaldo. Na verdade, continuamos ausentes em vários espaços da sociedade brasileira. Você pode contar nos dedos os catedráticos negros (EVARISTO, 2016, p. 99).

Ressaltamos que Conceição Evaristo analisa esse processo de desinteresse das grandes companhias editoriais como consequência de uma falta de mercado consumidor dessas publicações, ou seja, de um grande público leitor, visto que a literatura afro-brasileira não é tão consumida.

Reafirmamos que os autores afro-brasileiros visam ressignificar e (re)construir as histórias de seus antepassados, entretanto precisam demarcar seu lugar na sociedade, ao que Bell Hooks infere que “a subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras” (HOOKS, 1995, p. 467). Conceição Evaristo publicou seu primeiro trabalho, o *Ponciá Vicêncio* (2003), por meio de uma pequena editora mineira, a *Mazza*, com poucos exemplares, além de que ela teve que custear, dificultando o acesso aos novos leitores.

Seu público leitor é majoritariamente formado por universitários (em sua maioria pós-graduandos) que são apresentados a obras de autores negros contemporâneos dentro de linhas de pesquisa que enfocam as literaturas das chamadas minorias (categorias da população sem acesso ao poder, aqui não estamos nos referindo a números, até porque estas “minorias” constituem uma parcela muito significativa em termos numéricos, estatísticos da sociedade contemporânea). Conceição Evaristo é frequentemente convidada para congressos e palestras no exterior e já teve seus escritos traduzidos e publicados na Europa e nos EUA. Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, teve recentemente uma versão para a língua inglesa publicada por uma editora norte-americana (NASCIMENTO, 2008, p. 58).

Ainda que a escritora já tenha sido reconhecida mundialmente, é perceptível que, no Brasil, ela não seja tão popularizada. Os seus trabalhos e romances, contos e poemas, em sua maioria, são lidos por estudantes de graduação e pós-graduação, somente por aqueles que se interessam pela temática negra. Nessa conjuntura, inferimos que, por muito tempo, as mulheres negras estiveram presas às visíveis e invisíveis grades que lhes aprisionavam, como já enfatizado nesta pesquisa. Conceição Evaristo (2015) afirma que “espera-se que a mulher negra seja capaz de desempenhar determinadas funções, como cozinhar bem, dançar cantar, mas não escrever”, que são corpos sem mentes, impossibilitados de construir sua autonomia intelectual, ou seja, capazes de gerar conhecimento.

A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser

reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (EVARISTO, 2010 *apud* MACHADO, 2014, p. 68).

Como um ato político e ideológico, as mulheres negras apropriam-se da leitura e da escrita com uma forma de revoltar-se contra o sistema vigente. Ressaltamos que o ato de escrever e ler, para além da tomada de conhecimento, pressupõe outro dinamismo: a do “próprio sujeito da escrita”, o que possibilita uma autoinscrição do sujeito no mundo (EVARISTO, 2007, p. 21). Ao apropriar-se da escrita, os sujeitos subalternizados buscam meios para subverter sua condição e a literatura é o lugar onde esses indivíduos vão expurgar seu passado de dores, transformando suas vivências em escritos, na área do conhecimento que mais incomoda a literatura. Longe de ser assumido como um ato passivo, o ato de escrever deve ser lido como uma ferramenta para incomodar seus sonos injustos, os de lá da casa-grande. (EVARISTO, 2011, p. 21).

Algumas mulheres negras ousaram buscar “um teto todo seu” na literatura e, de certo modo, obtiveram algum êxito, sendo reconhecidas. Destacamos Carolina Maria de Jesus, que escreveu seus cadernos, os quais foram transformados em livro e publicados como *Quartos de despejo: diários de uma favelada*, em que descreve sobre seu cotidiano na favela do Canindé, um Brasil pobre de 1955 até 1960.

Carolina Maria de Jesus, a cinderela negra, foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que ajudou-a a publicar e editar seu *best seller*, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. A escrita de Carolina Maria de Jesus, assim como a de Conceição Evaristo, é de cunho reivindicatório e de denúncia, em que relatam de maneira crua e impactante as agruras que acometem os não brancos na sociedade brasileira. Por meio das *escrevivências* dessas autoras percebemos como é excludente e difícil ser negro na América.

A escritora Carolina Maria de Jesus escreveu sobre suas vivências. Tomando emprestado o neologismo de Conceição Evaristo, podemos inferir que ela fez uma *escrevivência*; sua tessitura é sobre sua condição de mulher negra e favelada. O nome quarto de despejo “significa o pior lugar que sobrou para nós negros e negras na sociedade”, o nome quarto sugere um lugar íntimo, um local muito profundo, e a palavra despejo, fora do nosso lugar, ocupando um não lugar (RIBEIRO, 2016, p. 157).

Carolina Maria de Jesus (2005, p. 33) diz: “Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”. As mulheres negras e pobres são excluídas da teia social e postas para fora da sociedade, pois incomodam e imputam culpa aos brancos pelos anos de exploração que as subjugarão, por isso tentam mantê-las fora do alcance de visibilidade da elite branca. “É como se, para nós, o destino

fosse o ‘lixão’, com os ratos, baratas, esgoto a céu aberto, entre outras agruras que enfrentam os desprovidos de qualquer condição digna de vida” (RIBEIRO, 2016, p. 157).

O discurso literário das mulheres afro-brasileiras é permeado por repetições, que ecoam por toda a sua tessitura em que acreditamos ser uma forma de lembrar e não deixar a ferida cicatrizar, para que não esqueçamos os anos de subjugação aos quais, por séculos, as mulheres negras, assim como os mecanismos contemporâneos de exclusão, foram submetidas.

Stelamaris Coser (2013) observa que um dos aspectos que caracterizam e interliga as falas e os escritos de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, entre outras escritoras negras contemporâneas que versam sobre a condição de ser negro, é a sua relação com a ancestralidade e os seus familiares, ou seja, as vivências das escritoras são ressignificadas e transformadas em ficção.

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são duas mulheres negras, que buscaram se empoderar e subverter sua condição de pobreza por meio da literatura, pois é através desta que essas mulheres conseguirem expurgar as dores desse passado escravocrata que insiste em se presentificar. É evidente que na escrita de mulheres negras, portanto, há uma preocupação em prol da resistência negra, como é destacado por meio de poemas, romances e contos. Desse modo, as escritoras recordam as memórias históricas e sociais da resistência do povo negro por meio das memórias das mulheres.

2. *ESCREVIVÊNCIAS: FRAGMENTOS BIOGRÁFICOS E LITERATURA*

*Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar.*

Triste, louca ou ma, de Juliana Strassacapa

Neste capítulo, damos relevância a aspectos biográficos da escritora Conceição Evaristo. Pontuamos que se faz oportuno caracterizarmos a escrita de Evaristo de tripla face: gênero, raça e classe, visto que as obras produzidas por mulheres negras são marcadas por múltiplos gestos e grafias, o que Conceição Evaristo caracterizou de *escrevivência*, que é a combinação de *vivência*, *ficção* e *memória*. Esse neologismo foi criado por ela a fim de explicar que a escrita afro-feminina é feita a partir das memórias com a ficção, ou seja, rasurando sobre a vida. A escrita afro-feminina torna-se uma bandeira de luta contra o mito da democracia racial. Bárbara Machado (2014, p. 10) diz que desbravar a escrita de Evaristo é “Evocar um varal de um novo tempo, onde negras sementes resistem”, pois há uma constante evocação do passado a fim de expurgá-lo.

2.1 **Conceição Evaristo: saindo do quarto de despejo**¹⁹

Maria da Conceição Evaristo de Brito é ficcionista, romancista, poetisa e pesquisadora contemporânea, doutora em literatura contemporânea, militante do movimento negro, do feminismo e das questões que atingem a população de cor. A escrita dessa autora tem sido estudada pelo valor estético e por sua literatura de resistência.

Em 2009, foi finalista do prêmio Portugal Telecom com o seu livro de poemas, intitulado *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Com o livro de contos

¹⁹ Tomamos emprestado o nome “quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus (2005), que, segundo ela, metaforiza o espaço de exclusão, o pior lugar que restou para os negros.

Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2010) foi finalista do mesmo prêmio da edição de 2011, teve seus textos publicados em antologias na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, além disso, teve uma das suas maiores conquistas, em 03 de dezembro de 2015, quando recebeu o prêmio Jabuti na categoria contos e, no ano seguinte, participou da maior festa literária do país, a Feira literária Internacional de Paraty (FLIP), entretanto a autora não deixou de criticar a ausência de autores negros na feira, reafirmando as palavras de Giovana Xavier²⁰ que lançou um manifesto intitulado *Arraiá da branquitude*, em que questionava o apagamento dessas vozes.

O ano de 2017 foi de realizações e reconhecimento de Conceição Evaristo. Ela foi uma das ganhadoras do 22º Prêmio Cláudia, vencedora do 14º Prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo, ficando entre os três finalistas com outros escritores de renome, tais como o escritor paulista Ignácio de Loyola Brandão e autor premiado Raduan Nassar que escreveu o clássico *Lavoura Arcaica*, em (1975). Nesse mesmo ano, foi uma das homenageadas pela FLIP, foi homenageada na 34ª Mostra da Série Ocupação, realizada pelo Instituto Itaú Cultural de São Paulo desde 2009 e, também, recebeu um prêmio do Governo de Minas Gerais de Literatura pelo conjunto da sua obra, ela também foi escolhida no prêmio Bravo na categoria Destaque 2017. Ao falarmos da biografia de Evaristo assinalamos que “mesmo falando de temas gerais, a mulher que escreve ainda falará de si” (BEAUVOIR, 1980, p. 475), como a autoria negra é permeada de impressões do vivido é necessário que se conheça fragmentos biográficos de Conceição Evaristo.

Maria da Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais, viveu sua infância e grande parte da vida adulta na favela Pendura Saia, situada no bairro Cruzeiro, no alto da Avenida Afonso Pena, uma das áreas mais valorizadas da cidade, permanecendo por lá até os seus 25 anos.

Morava em um pequeno barraco com sua mãe filha de D. Joana Josefina Evaristo, com seu padrasto Aníbal Vitorino e seus oito irmãos. Quando seu padrasto foi viver com Dona Joana, está já possuía e cuidava de quatro filhas: Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. Do casamento com Seu Vitorino nasceram mais cinco filhos (CEVA, 2013, p.110).

Na infância, Evaristo foi empregada doméstica²¹ de famílias da classe média mineira. Nesse período, também conseguia sobreviver ajudando crianças da favela com as lições de

²⁰ Militante do movimento negro, historiadora na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

²¹ A relação de Evaristo com a literatura começou nas cozinhas das famílias por onde ela trabalhou, as mulheres da sua família eram empregadas domésticas para famílias de importantes escritores mineiros, como Otto de Lara Resende, Alaíde Lisboa de Oliveira e Henriqueta Lisboa (MACHADO, 2014, p. 66).

casa e as levando para a escola junto com os seus irmãos menores. Além de trabalhar com a sua mãe e a tia na “lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas” (EVARISTO, 2009, p. 01 *apud* MACHADO, 2014, p. 65).

Trabalhou muito nas casas de professores, trocando horas de serviços domésticos por aulas particulares, por “atenção na escola” e, principalmente, pela possibilidade de adquirir livros para si e seus irmãos. Diante da dificuldade experimentada por todos da família no dia a dia, viu nos restos de lixos desprezados pelos ricos uma maneira de “sobrevivência” (SOUZA, 2011, p. 37).

Evaristo buscava a leitura e o conhecimento não só para ela, mas também para os seus irmãos, mesmo que precisasse trabalhar como doméstica, em troca recebia aulas particulares uma vez que a sua família era desprovida de condições econômicas e não poderia custear esse apoio pedagógico. Sobre esse momento de sua vida, Evaristo guarda boas recordações. Na cena literária, quando fala dos momentos de lutas e agruras, ela relata com um certo saudosismo, não com dor, mas com orgulho, pois conseguiu subverter a pobreza, pelo seu mérito, sem ajuda de qualquer “benfeitor”. Apesar das dificuldades relatadas da sua infância, Conceição Evaristo também compartilhou bons momentos com a família, os quais eram conscientes da sua negritude, sendo as mulheres do seu clã “feministas” e empoderadas²².

Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como ‘cabeça’ da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo (EVARISTO, 2005, p. 04).

Aqui, como podemos observar, Evaristo menciona sobre as mulheres de sua família, pois as matriarcas e provedoras das suas famílias, mesmo presas nas correntes do patriarcado e do racismo, mantinham-se fortes. No ensino primário, conquistou um prêmio em literatura num concurso de redação intitulado *Por que me orgulho de ser brasileiro?* na Escola Estadual Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte, Minas Gerais, o que resultou em muitas discussões na escola visto que ela não era uma aluna muito “comportada”²³. Foi necessário que Luiza Machado Brandão, professora que trabalhava na biblioteca, intervisse para que Conceição recebesse o seu prêmio.

²² Nesse sentido, compreendemos o empoderamento das mulheres como uma forma de obtenção da sua autonomia tanto econômica quanto intelectual. “O empoderamento das mulheres implica para nós a liberdade das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal”, nossas vidas. (SARDENBERG, 2006, p. 30)

²³ Questionamos qual o real significado deste “comportada”, será por que ela não se submetia ao sistema excludente e o questionava? E não adotava a postura de subserviência que era esperada dos negros, visto que os brancos estavam sendo “bons” em deixá-la conviver entre eles, no andar de cima da escola?

Foi no ambiente escolar que Evaristo vivenciou o preconceito, ou melhor, percebeu o que é ser “negra, pobre e de favela” e o que representava um *apartheid* social. Havia uma divisão na escola entre brancos e negros, ricos e pobres: “O prédio possuía dois andares: ‘no andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora’” (EVARISTO, 2009, p. 03) e nos porões os negros e pobres.

No porão da escola estudava o aluno pobre: porões da escola, porões dos navios. Ou seja, aos brancos cabia o ‘lugar’ de cima e aos negros o ‘lugar’ de baixo, reforçando a ideologia racista do final do século XIX, que tentou provar ‘cientificamente’ a existência de raças superiores (a branca) e a existência de raças inferiores (não brancas). Na infância e no cotidiano da escola, Conceição começou a elaborar com mais clareza sua condição de mulher negra e pobre. Era uma criança muito questionadora, curiosa, gostava de ler e participar de eventos literários. Essa atitude causava certo estranhamento nos professor (es), uma vez que a expectativa com relação à criança negra no ambiente escolar é baixa, em especial no que diz respeito ao aspecto cognitivo (CEVA, 2013, p. 112).

A memória da sua infância foi o que sedimentou e argamassou sua escrita. O neologismo *escrevivência*²⁴ justifica os seus escritos sobre o que é ser negro no Brasil, articulado às lembranças da favela, tema que a imortaliza no livro *Becos da memória* (2013). Vivemos uma espécie de continuidade no que se refere ao laivo do colonialismo, da casa-grande e da senzala, ou seja, ainda é esperado dos negros que tenham uma postura de subserviência, que sejam passivos e, até mesmo, agradecidos às benesses do homem branco. Evaristo infere que “nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21). Para além disso, Evaristo em muitos dos seus textos traz o corpo como um “guardador de memórias”, pois são muitas as marcas deixadas nas lembranças.

Quando tinha 25 anos, terminou o curso normal (atualmente conhecido como magistério) e mudou-se para o Rio de Janeiro, pois percebia que em Belo Horizonte não conseguiria melhores condições de emprego, a não ser que tivesse continuado nos fundos das cozinhas das famílias ricas mineiras.

Enquanto trabalhava como doméstica e após concluir o curso normal, eu sonhava em dar aula em Belo Horizonte. Mas aí entra uma questão seríssima. Em 1971, não havia concurso para o magistério e, para ser

²⁴ A poética da *escrevivência* significa escrever sobre a vida, abarcando a experiência múltipla e diversa dos afrodescendentes; significa, também, utilizar retalhos de memórias para a construção das narrativas. Apoiada em sua vida, Conceição Evaristo confunde, inventa, cria e recria o material narrativo para a construção das narrativas (MARINGOLO, 2014, p. 10).

contratada como professora era necessário apadrinhamento. E as famílias tradicionais para quem nós trabalhávamos não me indicariam e nunca indicaram; não imaginavam e não queriam para mim um outro lugar a não ser aquele que “naturalmente” haviam me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia, numa casa em que eu ainda menina e já mocinha ia fazer limpeza, lavar fraldas de bebês, ajudar nas festas, entregar roupas limpas e buscar as sujas, que fez a seguinte observação: “Maria, não sei por que você esforça tanto para a Preta estudar!” (EVARISTO *apud* DUARTE, 2006, N/P).

Percebemos, por meio desse trecho, que Evaristo não estava disposta a ocupar os lugares de subalternidade que eram reservados caso permanecesse em Belo Horizonte. Assim, prestando concurso e aprovada, mudou-se. Entretanto não deixemos de ressaltar que a militância e o feminismo de Conceição Evaristo começam quando ainda morava em Minas; com apenas 17 anos se envolve na Juventude Operária Católica (JOC), assim como outros grupos católicos ofereciam reflexões sobre a realidade social e contestavam o sistema de governo vigente.

Nos anos de 1970, eu estava ainda em Belo Horizonte. Já tinha participado ativamente no movimento social nos anos de 1960. Era um movimento ligado à Igreja Católica e eu participava de um grupo de jovens chamado JOC, a Juventude Operária Católica. É nesse movimento de igreja que eu comecei a teorizar e pensar sobre as questões raciais, mas sempre do ponto de vista das lutas e classe. Na verdade, esses padres eram de uma igreja brasileira que ia gerar a escola ideológica muito reconhecida na América Latina, chamada a Teologia da Libertação, que representaria a Igreja Católica, comprometendo-se com as classes populares e os pobres. As minhas reflexões sobre as questões raciais desenvolveram-se naturalmente, dentro de casa, desde pequena junto à família. Não era como um processo de pensamento formal, era própria vivência desde dentro da família negra e pobre, de favela. A questão racial era a nossa vida, parte do processo de saída da favela para enfrentar o mundo lá fora (EVARISTO, 2016, p. 89-90).

A militância de Conceição Evaristo iniciou quando ela ainda morava em Minas Gerais, na favela, com sua família, o que a autora sempre pontuou com uma das argamassas do seu feminismo, visto que as mulheres de sua família tiveram que, desde cedo, ir às ruas para trabalhar sem depender de homens para sustentar seus filhos.

Na década dos anos de 1970, através do rádio talvez, chega o eco do Movimento Negro Americano porque naquela época, a minha família não tinha televisão. Ao mesmo tempo, eu me lembro de que, em 1970, havia três mulheres em Belo Horizonte que usavam o cabelo Black Power. Uma era a primeira repórter negra e Belo Horizonte, talvez até no Brasil. O interessante era que ela assumiu o nome de Ana Davis, sem dúvida inspirada nas panteras negras e Ângela Davis. Trabalhava na TV Itacolomi, de Belo Horizonte. Era uma menina negra e, como você pode imaginar, era grande novidade, naquela época, ter uma figura assim na mídia. Então a contemplavam como um fenômeno raro. A segunda mulher era a Jora, a primeira manequim negra de Belo Horizonte, e a terceira era eu, menina de favela, naquela época eu fazia meu curso para ser professora e desenvolvia uma paixão pela noção *Black is beautiful*, tanto que eu me lembro que, em

casa, eu tinha um retrato da Ana Davis, outra das Panteras Negras e a terceira da Miriam Makeba. Era uma época do elogio da negritude (EVARISTO, 2016, p. 90).

Inferimos que a militância de Conceição Evaristo começou desde muito cedo, ainda criança ela já tinha consciência de seu “lugar”, percebemos que mesmo na pobreza as ondas do movimento negro e feminista encontraram a autora, interpretamos esse ato de usar o cabelo *livre* como uma forma de resistência, ou seja, querer-se negra e sentir-se bela sem a necessidade de alisar os cabelos²⁵.

Com diploma de professora em mãos, muda-se para o Rio de Janeiro, em 1973, depois de ter feito um concurso para professora na cidade de Niterói, local em que trabalhou por quase 10 anos, onde ministrava aulas em um supletivo. Com três anos morando no Rio de Janeiro, Evaristo resolve voltar aos estudos e se aperfeiçoar, prestou vestibular e foi aprovada para o curso de Graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nesse período, trabalhando e estudando, conhece Oswaldo Santos de Brito, que foi o seu marido e pai da sua única filha, Ainá Evaristo de Brito, menina especial, portadora de uma síndrome genética que comprometeu seu desenvolvimento psicomotor.

O marido de Conceição Evaristo faleceu em 30 de dezembro de 1989, em Belo Horizonte, quando eles estavam ali para comemorar as festas de final de ano. Sua especial menina, Ainá, tinha nove anos. Ainá segue, com sua mãe, Conceição Evaristo, vencendo as previsões médicas, que não lhe davam nem três meses de vida. Além da vitória no campo da sobrevivência, Ainá vem acumulando medalhas de maratonas de atletismo para especiais, na especificidade de corredora (LIMA, 2009, p. 55).

Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, a vida de Conceição Evaristo dá uma guinada ao abandonar a vida de menina pobre e excluída na periferia de Minas Gerais, ela respirava novos ares cariocas. Em 1980, teve conhecimento das atividades do Grupo Quilombhoje e da coletânea, *Cadernos negros*, organizada pelo grupo, em São Paulo, onde publicou seu primeiro trabalho em 1990.

O Grupo Quilombhoje surgiu nesse período de efervescência, abrindo espaço para a publicação e divulgação de poemas e contos de escritores e escritoras negras, dentre elas Alzira Rufino, Conceição Evaristo, Gení Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Ana Cruz, Ana Célia da Silva, Lia Vieira, dentre outras (CEVA, 2013, p. 115).

²⁵ “O cabelo tem sido um dos principais símbolos utilizados nesse processo, pois desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro” (GOMES, 1990, p. 45).

Durante a década de 1980, Conceição Evaristo teve uma participação no grupo *Negrícia – Poesia e Arte de Crioulo*, nesse grupo também havia a combinação de outros autores e artistas negros do Rio de Janeiro, possibilitando, assim, suas primeiras publicações, em 1990, nos *Cadernos negros* com os textos *Mineiridade*, *Eu mulher*, *Os sonhos*, *Vozes de mulheres*, *Fluida lembrança e negro estrela*, que estavam na coletânea do décimo terceiro volume, editado pelo Grupo Quilombhoje, de São Paulo.

Em 1996, ingressa no Mestrado em Literatura Brasileira, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), com a dissertação *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Continuando os seus estudos, em 13 maio de 2011, defende sua tese de doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói. Evaristo aproveitou-se da sua tese para contemplar, segundo Duarte, “a produção de autores africanos de língua portuguesa em confronto com a literatura afro-brasileira” (2006).

Atualmente, mesmo aposentada, Conceição Evaristo vem trabalhando como professora convidada em cursos de especialização de professores, ministrando cursos relacionados à literatura, à educação, ao gênero e à etnia. Além disso, ela busca terminar seu doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense, UFF, cujo objeto de tese é a literatura afro-brasileira em confronto com a literatura africana de língua portuguesa, por meio da pesquisa de parte da produção poética de alguns escritores do Brasil, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Conceição Evaristo continua residindo no Rio de Janeiro (LIMA, 2009, p. 55).

A partir dos escritos da autora, observamos a importância e a relevância da autoria negra e da escrita afro-feminina como forma de autonomia e emancipação de sujeitos inseridos na marginalização e discriminação social e/ou racial. Nesta pesquisa, por meio das narrativas de Evaristo, intenciona-se lançar os olhos sobre o papel que a mulher representa, sobretudo, a mulher negra, a qual tende a romper com preceitos e dogmas supostamente cristalizados.

Evaristo publicou dois romances: *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006), ambos pela Editora Mazza, de Belo Horizonte; um livro de contos pela editora Nandyala, também de Belo Horizonte, e vários artigos relativos a questões da afro-descendência, literatura africana e afro-brasileira. O romance *Ponciá Vicêncio* é a obra que mais tem divulgado Evaristo como escritora; foi indicado para o vestibular (2007) da UFMG e do CEFET de Belo Horizonte, fato que propiciou uma edição especial em formato de livro de bolso. Em novembro de 2007, *Ponciá Vicêncio* foi lançado em New York, em versão inglesa, pela *Host Publications* (VASCONCELOS, 2014, p. 110).

Desde a sua primeira publicação em *Cadernos negros*, Conceição Evaristo tem se destacado com suas participações em eventos, publicando seus trabalhos em revistas,

congressos, participando de exposições no exterior e na mídia brasileira, em livros e, assim, galgando espaços no mercado exterior.

Conceição Evaristo tem alguns livros publicados e indicados a alguns prêmios; podemos perceber que o seu trabalho, paulatinamente, tem sido reconhecido, o que acreditamos ainda ser pouco para o trabalho que é desenvolvido por essa autora, que está há mais de 40 anos na militância negra, construindo uma escrita em que há uma imagem positiva da mulher negra e sendo porta voz de milhares de Marias, Carolinas, Marieles, dentre outras.

Por não ser considerada uma autora canônica no polissistema literário brasileiro, a obra de Evaristo não é encontrada com facilidade nas livrarias tradicionais aqui no Brasil. Geralmente o acesso a ela se dá através de livrarias virtuais ou daquelas livrarias especializadas em cultura e literatura afrodescendente, como, por exemplo, a Kitabu Livraria Negra, no bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro (VALENTE, 2013, p. 12).

No Brasil, ela ainda não é tão reconhecida pelo público em geral, mas seus trabalhos são de grande importância para a construção de identidades de homens negros e mulheres negras, vale destacar, também, a beleza e a construção bem-feita dos textos evaristinianos. As tessituras evaristinianas mostram as marcas de violência e o intimismo literário, além de rasurar sobre a condição social dos negros, com o neologismo que Conceição Evaristo chama de *escrevivência*. Nessa conjuntura, ela esquadrinha as nuances da memória do povo negro descortinando as similitudes das problemáticas do que é ser mulher negra em uma sociedade sexista e racista. No que se refere à escrita produzida por mulheres afrodescendentes, observamos que há um caráter dinâmico ao passado, uma forma de “expurgar as dores” (EVARISTO, 2015), ao ponto em que problematiza as vivências do presente, revisando suas memórias e questionando o futuro de maneira inquisidora.

A produção literária de Conceição Evaristo é marcada por um posicionamento que busca privilegiar a sua vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Sua obra em prosa é habitada por excluídos sociais, favelados, meninos e meninas de rua, mendigos, desempregados, beberrões, prostitutas, “vadios”. A escritora constrói em suas narrativas figuras memoráveis como Ponciá Vicêncio, Vô Vicêncio, Maria-Nova, Negro Alírio, Bondade, Tio Totó, Zaita, Naita, Di Lixão, Duzu-Querença, Ana Davenga e tantos outros, que remetem a uma determinada parcela da sociedade pouco ou quase nunca presente em nossas letras (OLIVEIRA, 2009, p. 02).

Evaristo revela toda a violência e os modos de exclusão que a sociedade mascara por traz do mito da democracia racial; assim como as mazelas sociais que a população negra, essa “grande minoria excluída”, cotidianamente, enfrenta e para as quais o restante da sociedade fecha os olhos. A escrita de Evaristo constrói-se a partir de fragmentos de uma parte do

quebra-cabeça que é perdido, mas que precisa ser reencontrado para que se complete a história, “para salvar do esquecimento as histórias de vida que se cruzam nos espaços significados pela pobreza, registrando o abandono, mas também a força das lembranças que precisam ser ouvidas e recontadas” (FONSECA, 2014, p. 24).

A fim de divulgar o seu trabalho e seus projetos tais como sua participação em eventos, congressos, exposições, da sua agenda e atuação, Conceição Evaristo mantém um *blog*, chamado de *Nossa Escrivência*, montado com todo o cuidado, com cores atrativas, com um bom *layout* e com um fundo marrom desenvolvido por Patrícia Custódio. Em entrevista concedida à Marcela Valente (2013, p. 12), Evaristo afirma o porquê da construção do *website*.

[D]entre os objetivos de construção do blog “Nossa Escrivência” está o de atender a gama de pesquisadores que vêm estudando a minha escrita. Recebo, constantemente por e-mail, pedidos de indicação bibliográfica de estudos sobre meus textos, assim como solicitações de envio de contos e poemas de minha autoria, informações sobre onde encontrar meus livros ou tal palestra proferida em evento tal... Fico atordoada e constrangida, pois, não tenho conseguido atender todos os pedidos. Nosso objetivo é o de ir colocando aos poucos, ou pelo menos, indicar os caminhos de acesso a esse material no blog. “Nossa Escrivência” pretende acumular o máximo de material possível facilitar as pesquisas das pessoas (2013).

O blog da autora é dividido em “Acontecências”, “Andanças”, com chamadas criativas. “Abrindo espaço para notícias relevantes sobre a política, a literatura e a cultura negra, o *blog* publica fotos e comentários sobre as frequentes atuações presenciais e publicações de caráter literário ou crítico da escritora” (COSER, 2015, p. 04).

Tem-se, por exemplo, a informação e uma foto de Conceição Evaristo junto com Ana Maria Gonçalves (autora do romance *Um defeito de cor*) na Tulane University, em New Orleans, em 2007. O blog, também, cria laços com escritoras negras de outros países, divulgando, por exemplo, fatos (como a morte da renomada Maya Angelou, em 2014) e destaques alcançados por novos nomes (como Taiye Selasi e Chimamanda Ngozi Adichie, também em 2014) (COSER, 2015 p. 04).

No *blog*, colhemos algumas informações sobre as últimas atuações de Conceição em que ficamos sabendo que ela já foi palestrante em conferências na Áustria, em Moçambique, na África do Sul e em Senegal, e teve como tema abordado a literatura afro-brasileira. Conceição Evaristo já teve, portanto, muitas andanças em que divulga a literatura afro-brasileira, como ela mesma costuma dizer, tornando o meio literário em um espaço quilombola.

2.2 Conceição Evaristo: a escritora e a crítica

Como já apresentamos algumas questões sobre as vivências acadêmicas e biográficas de Conceição Evaristo, neste tópico, daremos ênfase à fortuna crítica. Vale destacar que seus escritos estão dentro do campo da literatura contemporânea, que Regina Dalcastagné (2008) chama de espaço contestado.

É difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas, que podem parecer apaziguados, mas que se revelam em toda a sua extensão cada vez que algo sai de seu lugar. Isso porque todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa. Daí o estabelecimento das hierarquias, às vezes tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer: quem pode passar por esta rua, quem entra neste shopping, quem escreve literatura, quem deve se contentar em fazer testemunho (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 13).

A literatura contemporânea brasileira é um espaço de contestação, isto é, de reviravolta. Na contemporaneidade, as vozes silenciadas emergem e exigem ser ouvidas, estabelecendo, assim, uma espécie de conflito com os que estavam nos holofotes.

Os trabalhos de Conceição Evaristo têm sido tema de teses de doutorados, destacamos algumas que nos chamaram atenção pela forma da escrita e pelo seu engajamento com as tessituras afro-femininas e que são alicerces desta dissertação como *No colo das iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas* (2014), de Vânia Maria Ferreira Vasconcelos, do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília (UnB), que discorre acerca da maternidade na literatura afro-brasileira contemporânea, a partir das obras das escritoras Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves. É interessante ressaltarmos que o texto parte de análises feministas sobre a temática, além de dialogar com as categorias gênero, raça e classe dentro da literatura; na tese, Vânia Vasconcelos discorre sobre os aspectos físicos e psicológicos que permeiam o maternar e pontua questões relevantes para a população negra, como o preconceito racial.

A tese de doutorado em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) de Heloísa do Nascimento, intitulada *Com quantos retalhos se faz um quilt? Costurando a narrativa de três escritoras negras contemporâneas* (2008), tem um viés feminista, uma espécie de costura em que a autora busca encontrar um elo entre a escrita negra norte americana, brasileira e africana, Toni Morrison, Conceição Evaristo e Paulina Chiziane respectivamente. Nascimento (2008) busca trabalhar com as epistemologias do Sul,

ou seja, tende a se “desvencilhar daquele tradicional fardo patriarcal que buscava na mulher a imagem do ‘outro’, do ‘mistério’, do mais frágil” (NASCIMENTO, 2008, p. 14).

Em *O comprometimento etnográfico afrodescendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Gení Guimarães* (2017), de Omar da Silva Lima, do departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da UnB, busca-se analisar o comprometimento com a etnicidade afro-descendente na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição e Evaristo, e *Leite do peito*, de Geni Guimarães. Na tese, Omar Lima estabelece um diálogo com a crítica feminista, o autor afirma que as escritoras escrevem sob a perspectiva do sujeito autoral negro comprometido etnograficamente, pois ele trabalha com aspectos biográficos das escritoras, partindo da ideia de rastros autobiográficos e mescla suas obras com elementos biográficos.

O trabalho *Intelectuais negras: escrevivências de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência sociocultural*, de Antônia Lana de Alencastre Ceva, da Pós-graduação em Serviço Social da PUC-RIO, em 2013, propõe investigar a produção afro-literária das escritoras afro-brasileiras Conceição Evaristo e Vanda Machado e das angolanas Maria Celestina Fernandes e Maria João Chipalavela a partir das biografias das autoras, ou seja, a pesquisadora analisa a militância política e a resistência sociocultural. Para além disso, há diversas dissertações da área de humana acerca da produção literária de Conceição Evaristo, assim como da escrita afro-brasileira.

Na dissertação *Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo* (2011), de Adriana Soares de Souza, em que analisa as obras *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*, a autora propõe explorar a representação das histórias de mulheres negras, crianças, homens e velhos nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006). Nesse trabalho, Adriana Souza destaca que “por meio das personagens, Evaristo vai construindo outra representação de identidade afro-brasileira, rasurando, com isso, imagens depreciativas que deturparam, sobretudo, as mulheres negras” (SOUZA, 2011, p. 10).

Outra dissertação de grande destaque é *Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo* de 2007, apresentada por Flávia Santos de Araújo ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde são analisadas questões identitárias de gênero, raça e etnia pelo viés da crítica feminista. “A nosso ver, pesquisas como a de Araújo contribuem para que a obra de Conceição Evaristo se una ao veio da literatura afro-brasileira” (ARAÚJO, 2007, p. 32).

Outra pesquisa que deve ser destacada é *Ponciá Vicêncio e Becos da memória, de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memórias*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, de Cátia Cristina Bocaiuva Maringolo, que discute a questão da identidade por meio dos aspectos mnemônicos. “*Becos da memória*, tenta por meio da memória (des)construir a favela de sua infância devastada pela ganância humana” (MARINGOLO, 2014, p. 07).

“*Recordar é preciso*”: *Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008)*, de Bárbara Araújo Machado, uma das principais fontes para esta pesquisa, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), de 2014, que em um texto de orientação gramsciana ela discute a questão da unificação do movimento negro contemporâneo, “Uma análise da trajetória e da obra literária da escritora negra Conceição Evaristo” (MACHADO, 2014, p. 10). Nesse trabalho, a autora analisa as categorias de gênero, raça e classe sob uma perspectiva gramsciana, compactuamos, assim, com a ideia da autora ao apontar essa escrevivência de tripla face, essa “dupla face”, que remete à sua experiência como mulher e como negra, pode ser desdobrada em uma “tripla face” (MACHADO, 2014, p. 32).

Esse levante acerca das dissertações e teses tem a intenção de mostrar e, de certa forma, afirmar o impacto dos escritos produzidos por Conceição Evaristo no meio acadêmico e evidenciar como suas obras têm sido recebidas por diversos pesquisadores de diferentes áreas desde a teoria literária até a história social. Dessa forma, pretendemos afirmar que Maria da Conceição Evaristo é um dos grandes nomes da literatura contemporânea brasileira.

No que se refere à obra fonte desta pesquisa, Volker Jaeckel, em seu artigo, intitulado de *A imagem da mulher no romance afro-brasileiro contemporâneo: os casos de Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves*, afirma que *Becos da memória* é um livro de grande representatividade para a comunidade negra. “*Becos da Memória* mostra vidas miseráveis, minadas pela carência de melhores condições de vida, porém com gestos de ternura e brandura. O romance recupera a memória de pessoas expostas à extrema pobreza” (2015, p. 19). A professora Doutora Maria Nazareth Soares Fonseca (2013), que escreve o posfácio do livro *Becos da memória* (2013), ressalta que Conceição Evaristo pretende resgatar as memórias subterrâneas dos negros.

Inferimos que apesar de ser uma autora de grande importância para o meio acadêmico e literário, o trabalho de Conceição Evaristo ainda não desperta o interesse das grandes

companhias editoriais, assim como o das livrarias de grande porte que ainda não têm livros da autora. Observamos que nos últimos tempos, no entanto, há um aumento significativo de produções em torno das obras evaristinianas, tanto no Brasil quanto no exterior.

A escritora tem se tornado uma das grandes representantes na contemporaneidade da literatura feita no Brasil por se fazer bastante atuante nos encontros “da área de Letras aqui e fora do Brasil, e sua atuação no movimento negro e, há alguns anos, no Centro Cultural José Bonifácio” (VALENTE, 2013, p. 14). Esse centro é referência nos estudos da cultura afro-brasileira – órgão de resgate e divulgação da cultura negra, ligado à Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, e tem dado visibilidade à autora e as suas produções.

Atualmente, escritoras de origem africana como Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, dentre outras, têm alcançado maior visibilidade através da tradução de seus trabalhos e dos estudos e referências aos mesmos que têm aparecido em obras como as da reconhecida pesquisadora, crítica e teórica afro-americana Carole Boyce Davies. Também contribuí para o aumento da visibilidade dessas autoras a atuação de algumas editoras – como a Host Publications – que vêm dando especial atenção à tradução para a língua inglesa de obras estrangeiras de contextos não hegemônicos (VALENTE, 2013, p. 14).

Pontuamos que essa projeção que o trabalho de Evaristo está conseguindo contribuir para forçar uma (re)discussão sobre quem são os escritores considerados cânones; a autora em questão ainda não é conhecida pelo grande público. Marcela Valente chama atenção para esta questão, ela pontua que (2013, p. 14):

Ela não integra, por exemplo, a relação de 182 nomes do Guia Conciso de Autores Brasileiros (2002), publicado com apoio do Ministério da Cultura, da Fundação Biblioteca Nacional, da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e da FAPERJ, composto de verbetes, bibliografia, fragmentos de obras, endereços eletrônicos e citações de crítica especializada, apresentados em português e inglês com o intuito de dar visibilidade nacional e internacional a “escritores brasileiros de inquestionável prestígio.

Pesquisadores de grande destaque no cenário da literatura contemporânea tem reafirmado o valor, o impacto literário e estético das tessituras evaristinianas para a construção da identidade dos afrodescendentes. Os pesquisadores que vinculam seus nomes a *Becos da memória* (2013) são de grande representatividade no meio acadêmico, o prefácio é feito por Simone Pereira Schmidt, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O professor Doutor Eduardo de Assis Duarte que assina a contracapa da segunda edição de *Becos da memória* assevera que “Becos da Memória traz marcas registradas de sua autora e descarta a violência gratuita presente, muitas vezes, na representação dos excluídos em nossas letras. Mais do que isto, busca narrar suas raízes” (ASSIS, 2013, S/P). E o posfácio é feito pela professora Doutora Maria Nazareth Soares Fonseca da UFMG; esses três são

grandes pesquisadores da literatura contemporânea no que se refere aos estudos sobre gênero e literatura afro-brasileira.

2.3 *Escrevivências: gênero, raça, classe e violência*

O neologismo *escrevivência*, criado por Conceição Evaristo pode ser interpretado como escrever a partir das vivências e experiências de quem, de fato, conhece e sente na pele o que é ser uma mulher negra na sociedade falocêntrica, caucasiana e misógina. Faremos uma breve explanação sobre as categorias de gênero, raça e classe considerando que, no próximo capítulo, discutimos como a memória torna-se um elemento constitutivo de identidade das personagens femininas em *Becos da memória* (2013), ao passo que também analisamos alguns personagens que problematizam essas categorias.

O termo subalterno tem sido bastante usado para se referir às minorias oprimidas, aquelas que estão fora do discurso oficial, excluídos da teia social. Na obra *Pode o subalterno falar?* (2010), Gayatri Spivak afirma que os grupos subalternos são aqueles em que a voz não pode ser ouvida, são “as camadas mais baixas da sociedade constituídas de modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos do extrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12). Nos discursos pós-coloniais, há uma apropriação pelo discurso dos oprimidos e uma reivindicação em nome destes; Spivak, contudo, sugere que os intelectuais pós-coloniais devem criar mecanismos e meios para que os subalternos possam ter fala e sejam ouvidos, ao invés de tornarem-se porta-vozes desses sujeitos. A autora, entretanto, assevera que os oprimidos podem falar por si, sem precisar da voz do outro. Logo não deve permitir que outros sujeitos apropriem-se de discursos em nome dos grupos oprimidos e afirmem que estão fazendo um ato de resistência e subversão.

Para além disso, Spivak argumenta que há uma diferença entre “falar por” e o “re-representar”, visto que nos dois casos transmite-se a ideia de interlocução e de intermediação, entretanto há um diálogo e recepção, o que geralmente não ocorre para o subalterno, a autora aponta que “os oprimidos podem saber falar e podem falar por sim mesmo” (SPIVAK, 2010, p. 44). Em *Becos da memória* (2013), os grupos apontados como subalternizados falam por si mesmo, são os afrobrasileiros que contam a história dos seus ancestrais.

Ao pensar as categorias de gênero, raça e classe em *Becos da memória* (2013), identificamos como essas categorias incidem como elementos de segregação às personagens

femininas intituladas de “Outra”, Fuizinha e Nazinha. A personagem Outra, mulher não nomeada no romance, foi excluída da convivência com os demais moradores da favela, também preferiu esconder-se, pois via nos olhares dos “outros” o medo e o pavor. Essa personagem sofre de hanseníase e não recebe os cuidados de atenção à saúde, excluindo-se do convívio em sociedade e sendo abandonada por seus familiares, mas ela foi acolhida pela velha parteira que tinha um coração generoso. “Foi pensando no bem de todos que vó Rita se sacrificou ao acolher a personagem nomeada como “Outra” – portadora de hanseníase e, portanto, rejeitada pela família e toda a favela” (NASCIMENTO, 2014, p. 84). Vale salientarmos que as histórias dessas personagens são marcadas por abnegações e tristezas.

Percebemos uma relação ambígua entre vó Rita e a “Outra”, o que nos faz levantar hipótese sobre uma possível lesboafetividade: “Vó Rita dormia embolada com ela” (EVARISTO, 2013, p. 27). Acreditamos que essa afirmação da narradora possui um duplo sentido, visto que não conseguimos identificar se esse dormir com a Outra seria no sentido de afirmar a empatia ou se remete a uma relação homoafetiva. O que fica claro é que as duas são estigmatizadas pelos demais membros da comunidade.

A homossexualidade masculina é, de certo modo, representada em muitas discussões, no entanto a homossexualidade feminina é vista como tabu, sendo silenciada pela sociedade, além do que as mulheres sempre foram vistas como objetos de desejos, o sujeito a ser desejado e não o ser desejante. Assim, o silenciamento da representação da lesboafetividade é uma forma também de coibir a subversão feminina e domar seu comportamento transgressor.

Isso se justifica pela sociedade falocêntrica, que ignorou/ignora a mulher ao longo do contexto histórico, “a homossexualidade feminina está de algum modo sujeita a uma idealização reforçada, uma demanda amorosa perseguida às expensas do desejo” (BUTLER, 2016, p. 93).

Desse modo, a exclusão da personagem Outra pela doença da qual é portadora é uma forma de mascarar o preconceito em relação à lesboafetividade. A sexualidade feminina sempre foi tratada como tabu, a função desta para as mulheres é para a reprodução e a maternidade; assim, o prazer sexual e o desejo seriam reservados aos homens; o segundo sexo é visto como algo desejado e não o ser desejante, e tudo que não se enquadra dentro deste quadro é considerado anormal. “O erotismo, aquilo que causa excitação e prazer, aparece como um elemento contraditório ao ‘ser mulher’, algo que poderia perturbar a vocação reprodutiva do seu corpo” (SILVA, 2015, p. 59).

Percebemos que a história de vida da personagem Outra é marcada por conflitos e exclusões. Primeiramente, foi abandonada pelo próprio marido que a deixou sozinha com um filho para criar. Sendo mulher negra e pobre teve que conseguir meios para educá-lo. Após crescer, o filho a rejeita por causa da sua enfermidade. Ao ir morar com vó Rita, a personagem Outra foi hostilizada e desprezada. “Desde o dia em que percebeu o temor, o asco nos olhos de seu próprio filho, a ideia da morte começou a rondar-lhe a cabeça. Por que e para que continuar a viver? Até seu filho! Ela já tinha se isolado de tudo e de todos” (EVARISTO, 2013, p. 100).

Além das agruras e angústias sofridas pela personagem Outra, há, também, Fuinha, que sofre constantemente violência de gênero: é abusada pelo próprio pai, o Fuinha, homem violento que agride a mulher e a filha. A voz autoral, ao mencionar a história de vida do Fuinha, inicia chamando a atenção para a miséria e a maldade que há entre as “doces figuras tenebrosas²⁶”. “Havia a miséria das pessoas que trazem o coração trancado para qualquer ato de amor. E essas pessoas acabavam atraindo para si o ódio de todos os demais. Fuinha era uma dessas pessoas” (EVARISTO, 2013, p. 111).

O Fuinha, na sua condição de macho e superioridade masculina, agride sua mulher e filha para exercer o seu poder que lhe é dado pelo patriarcado, decorrente da sociedade falocêntrica. “Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres” (HOOKS, 1995, p. 208).

O ambiente de proteção transforma-se em o espaço de opressão, em que o homem se sente no direito de exercer o seu poder ou onde pode usufruir as “migalhas de poder”. O homem negro e pobre, marginalizado, vítima do racismo, pela diferença de classe, exerce seu poder no ambiente doméstico, já que fora dele não o tem.

Fuinha agride diariamente a companheira e a filha com requintes de crueldade: “era mau o Fuinha. Diz que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar” (EVARISTO, 2013, p. 111). Entretanto a narradora deixa claro que fora do ambiente doméstico ele é um indivíduo comum, bebia pinga e usava álcool como uma forma de amenizar a falta de esperança. Sousa (2011, p. 133) diz que “É importante salientar que a violência contra a mulher, no Brasil, não está ligada somente à pobreza, ou à desigualdade social e cultural. Está, também, ligada diretamente ao preconceito, à discriminação e ao abuso de poder que possui o agressor com

²⁶ Termo usado para se referir aos moradores da favela de *Becos da memória* (2013), entretanto questionamos: como podem ser doces e tenebrosas? A narradora ao fazer menção ao termo “doces figuras tenebrosas” deixa transparecer que são indivíduos bondosos, generosos, e entre eles há os “feios, pobres e malvados”.

relação à sua vítima”. Em uma das sessões de espancamentos, Fuinha agride a mulher até a morte, já não se ouvia mais os gritos de dor e angústia, ela foi silenciada de vez.

Um dia a mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. Os vizinhos tinham escutado a pancadaria na noite anterior. A mulher gritara, gritara, a Fuizinha também, também. Ouvia-se a voz do Fuinha:
Agora silêncio.
A mulher do Fuinha silenciou de vez (EVARISTO, 2013, p. 112).

A personagem se mantivera, ao longo da vida, silenciosa, passiva e temerosa, aceitando passivamente os espancamentos do marido, talvez se sentisse culpada por ser tratada dessa forma. É comum, devido à cultura, instalar-se na mulher a “culpa”. Da mãe de Fuizinha apenas o que era ouvido eram os gritos decorrentes das dores do espancamento. Fuizinha repetia o comportamento passivo e temeroso da mãe.

A Fuizinha crescia temerosa, arredia. Uma vez Maria- Nova parou perto da cerca de arame farpado que havia em volta do barracão e Fuizinha ameaçou soltar alguma palavra, quase confidencia de tão baixo que era. Maria-Nova escutou a voz do Fuinha e fugiu” (EVARISTO,2013, p.111).

Fuinha é mais um sujeito excluído da teia social. Em *Becos da memória* (2013), a narradora assim o descreve: “Conversava, andava, falava, trabalhava normalmente. Aparecia no armazém de Seu Ladislau, (...) bebia uns goles de pinga, falava e até ria um pouco para alguns” (EVARISTO, 2013, p. 111). Apesar do nome da personagem estar no diminutivo, não há nada nele que lembre a doçura e a gentileza do seu vocativo. É no espaço privado que ele descarrega as frustrações do dia a dia, espancando as mulheres, como prova da sua masculinidade e virilidade.

A narradora relembra fatos marcados pela dor dos gritos de Fuizinha e de sua mãe, e lembra que ele era um homem mau: “Maria-Nova tinha muito medo de Fuinha. Sempre que passava em frente ao barraco dele apertava os passos. Uns diziam que ele era louco, outros que era maldoso, perverso e que nada tinha de louco” (EVARISTO, 2013, p. 111).

A esposa da personagem não é nomeada dentro da narrativa, não ter nome significa não ter identidade, situação que remete a milhares de mulheres vítimas de companheiros, que aparecem nos noticiários como apenas mais uma estatística da violência de gênero.

Quem sofria nas mãos dele era sua mulher e sua filha, Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com gritos das duas. Era mau o Fuinha. Diz que ele retirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem (EVARISTO, 2013, p. 111).

Há uma violência permitida. Os demais moradores da favela sabiam dos maus tratos cometidos pelo “chefe da família”, mas silenciavam e consentiam, de modo que se tornavam cúmplices das violências. As experiências de violência nas relações íntimas são “vastamente diferenciadas, tanto na forma, intensidade, frequência, quanto nos contextos, nos significados e nos impactos que produzem” (SOARES, 2012, p. 192).

A partir desse panorama, questionamos o que os membros da comunidade iriam fazer para proteger Fuizinha e sua mãe do algoz Fuinha? Quem iria se responsabilizar por alimentá-las, caso o Fuinha fosse preso? Por quem pediriam socorro? Desse modo, as mulheres de Fuinha estão à margem da sociedade e encorpam o quadro daquelas que se tornam vítimas, também, da dependência econômica.

Nas vivências da personagem Fuinha, vemos que a casa deste é um lugar de privação. Ao contrário das demais moradias que tinham livre acesso, sem cercas ou muros para demarcá-las, a morada da “doce figura tenebrosa” tinha uma cerca de arame farpado em volta, como uma forma de proteção ou de prisão, evidenciando os limites que as suas “mulheres” podiam ir, ou seja, passando daquela delimitação haveria castigos, e se contasse que sofriam dentro do “lar” haveria consequências. “No dia em que Fuizinha tentou aproximar-se de Maria-Nova, de noite, os gritos dela foram mais dilacerantes ainda” (EVARISTO, 2013, p. 113).

Fuizinha não poderia contar a ninguém o que se passava no ambiente privado, “é melhor você nunca contar pra ninguém, só pra Deus” (WALKER, 2009, p. 09). Fuizinha estava crescendo, apesar da morte da mãe, dos espancamentos e da violência do pai. O Fuinha, agora, iria redobrar a violência contra a filha, como forma de suprir a falta da mulher. “Só que a filha dele queria bem viva, bem ardente, era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele” (EVARISTO, 2013, p. 113).

Heleieth Saffioti (2015, p. 79) comenta que “as violências física, sexual, emocional e moral não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está sempre presente”. Nessa perspectiva, observamos que a violência doméstica, transcendente de outras violências, é um reflexo de muitos outros quadros de abusos de homens contra mulheres. Essa questão está para além da própria concepção do agressor, pois ele está inserido numa estrutura e cultura patriarcal, falocêntrica “que sustenta a cultura do estupro” (OLIVEIRA, 2010, p. 172).

Uma das questões por trás da violência está na própria concepção de gênero, pois a “violência contra a mulher” é uma forma de dominação masculina. É um controle do patriarcado sobre o segundo sexo, uma prova de legitimação de poder, que foi por muito tempo corroborado pelo mito da fragilidade feminina. “Nesse sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim o determina” (SAFFIOTI, 2015, p. 91).

Ressaltamos que, no romance, as personagens demonstram pertencimento a um determinado grupo social, que tem na cor da pele um demarcador que lhe impelem os lugares de exclusão e “não importa se crianças, donas de casas, empregadas domésticas ou mulher de bandido: a angústia e o sentimento de injustiça são sempre os mesmos” (DUARTE, 2016, p. 148).

A personagem Nazinha, assim como Fuizinha, é mais uma personagem feminina vítima de violência. A menina foi vendida pela mãe como se fosse um objeto, ou uma mercadoria a um homem não nomeado, cuja origem, nome e moradia são desconhecidos, trocou a filha por alguns trocados. O marido era alcoólatra e o filho mais novo, doente. A mãe de Nazinha “sonha um futuro menos pobre para a menina. A mãe da menina sonha ter nenhuma necessidade” (EVARISTO, 2013, p. 57).

A história da personagem Nazinha é contada à Maria-Nova pela personagem Bondade que rememora o destino da pobre menina. “Bondade, então começou a contar: Maria-Nova, em um barraco desses há uma menina de sua idade. Quantos anos você tem? Treze. Isto mesmo, treze anos.” (EVARISTO, 2013, p. 57). Uma menina de treze anos, que ainda possui sonhos infantis, nos faz pensar sobre a sexualização infantil em tornos das meninas, principalmente, no que se refere aos corpos negros em que as mulheres são objetificadas.

Outro ponto importante a destacar é que na narrativa não há indícios de uma culpabilização por parte da progenitora, ou seja, a maternidade não é endeusada, é vista como uma forma de subversão em que a mulher luta para sair do lugar de vítima e da pobreza. “[...] as personagens femininas não são idealizadas ou representadas como mães perfeitas, mas como mulheres que nem sempre têm atitudes convencionais para garantir a sua sobrevivência e da sua família” (OLIVEIRA, 2016, p. 160).

A história de Nazinha é sonhada com um triste fim por Maria-Nova, que sentia as dores de todas as Marias. “Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... Era como se a vida estivesse lhe fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca

e gozou tranquilo” (EVARISTO, 2013, p. 58). As análises das vidas dessas personagens fazem-se necessárias para compreendermos como as categorias gênero, raça e classe se entrecruzam e funcionam como mecanismo de delimitação do lugar do indivíduo na sociedade. O entrelaçamento dessas categorias, suscita a ideia de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw (2002, p.177):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.

A interseccionalidade diz respeito às múltiplas formas de perceber como as estruturas dominantes incidem sobre as formas de subordinação, tais como o racismo, o sexismo e o patriarcalismo, ou seja, as diversas formas de opressão da mulher. A interseccionalidade fez com que algumas teóricas feministas negras, tais como Patrícia Hill Collins, Bell Hooks²⁷, dentre outras, brasileiras, como Luiza Bairros, Lélia Gonzalez, Jurema Werneck e Sueli Carneiro, percebessem que a categoria gênero deveria ser analisada em paralelo aos conceitos de raça e classe social.

Quando nos referimos às problemáticas de gênero, devemos considerar que umas das pioneiras ao discutir essa questão foi a filósofa francesa Simone de Beauvoir, na obra *O Segundo Sexo* (1949). A autora questiona sobre o binarismo biológico com a seguinte frase “não se nasce mulher, mas torna-se”, isso demonstra uma provocação, visto que Beauvoir aponta para a questão de identidade de homens e mulheres, que são geradas dentro de uma sociedade de classe em que os papéis sociais são determinados a partir da condição biológica, ou seja, os indivíduos são encarcerados dentro da ordem patriarcal que afirma que há apenas dois sexos e dois gêneros definidos por sua condição biológica.

Nessa perspectiva, Judith Butler (2016, p. 07) infere que Simone de Beauvoir diz que “ser mulher nos termos de uma cultura masculinista é ser uma fonte de mistério e de incognoscibilidade para os homens”. A autora define gênero como “um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente” (BUTLER, 2016, p. 07). Reiteramos que gênero é uma categoria socialmente construída, ou seja, parte da concepção de binarismo biológico, entretanto o mesmo não está associado ao sexo. Partimos da ideia de performatividade da autora em que assinala que tanto o gênero quanto a sexualidade são categorias socialmente construídas, “a sexualidade sempre é construída nos termos do discurso e do poder em parte

²⁷ Bell hooks é o pseudônimo da feminista negra norte-americana Gloria Jean Watkins.

entendido em termos das convenções culturais heterossexuais e fálicas” (BUTLER, 2016, p. 65). Nessa conjuntura, pensamos que a sexualidade é construída a partir de elementos engendrados do patriarcalismo.

As discussões acerca das problemáticas de gênero foram trazidas para o Brasil a partir da década de 1980 por meio das ondas do feminismo norte-americano e europeu. “Já nos fins dos anos de 1980, circulava a fotocópia do artigo de Joan Scott (1993, 1988) traduzido em 1990 para o Brasil, difundiu-se rapidamente e extensamente” (SAFFIOTI, 2015, p. 117). A historiadora de linha marxista Joan Scott, no artigo intitulado *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, esquadrinha e aponta as possíveis relações e construções sociais do indivíduo.

Ressaltamos que as categorias gênero, raça e classe são interligadas, elas funcionam como elemento de segregação. As mulheres negras de um modo geral tiveram que lutar para conseguir espaços de representação e até mesmo inserir-se na produção intelectual.

As negras sempre desempenharam um papel importante como professora pensadora crítica e teóricas culturais na vida negra em particular nas comunidades negras segregadas muito pouco se escreveu sobre intelectuais negras. Quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes quase sempre invoca imagens masculinas (HOOKS, 1995, p. 467).

Nesse comentário de Hooks, as mulheres negras são esquecidas, pois, quando se buscam intelectuais negros, geralmente, pensamos em figuras masculinas. O fato de ser mulher, na própria concepção do feminismo, é uma construção de identidade onde se percebe que o termo mulher simbolizaria as várias formas de identidade de gênero, essa categoria é estereotipada, pois permeia a representação socialmente construída da divisão sexual, pautadas no determinismo biológico.

O processo de tornar-se negro, como é descrito por Neusa de Souza (1990), é lento de busca por uma autodefinição, perpassando por contextos históricos e políticos, por tensões e descobertas, por histórias familiares e pela subjetividade. Reiteramos que pensar a categoria cor no contexto contemporâneo, geralmente, está associado à definição empírica, ligada às questões fenotípicas. A definição do que é ser negra não é apenas uma questão racial de cor, como fomos por muito tempo induzidos a acreditar, mas uma autoafirmação. O termo raça é utilizado nesta pesquisa a fim de afirmar uma “reivindicação política por parte da militância negra e à sua existência sociológica, histórica e cultural em relação e em reação ao discurso racista” (MACHADO, 2015, p. 39).

Lélia Gonzáles (1982), ao debruçar-se sobre as dinâmicas do racismo, vê este como uma espécie de fobia, uma vez que a mulher negra ou de “cor” é quem educa os filhos da

“casa-grande”, sem o direito de acalentar sua própria prole. Toma o filho do branco como seu e lhe mastiga as palavras adocicando-as – aqui, nos referimos à figura da “mãe preta”:

Da perspectiva da psicanálise, o desejo da criança por quem exerce a função materna é uma característica universal da condição humana. Nesse sentido, há um desejo dos homens brancos pela mulher negra desde a mais tenra idade. Entretanto as estruturas racistas impedem a realização desse desejo, o que cria a violência e o ódio racial. Essa é a característica mais marcante da nossa sociedade (FIGUEIREDO, 2015, p. 161).

Pontuamos que a criança, ao invés de criar laços de afetividade materna com a mulher negra, a vê como um objeto de desejo capaz de satisfazer as suas necessidades, visto que desde muito cedo lhe é instaurada o desejo pela negra, colocando-a como uma coisa sujeita aos caprichos da mulher e do homem branco, tanto que as constantes teorias raciais e escolas literárias tentaram sustentar que as negras e mulatas são lascivas e libidinosas.

Nessa perspectiva, Laura Moutinho (2004) inverte o modelo hierarquizante representado pelo triângulo das raças de Da Matta colocando a negra como um negócio de cama e mesa. Moutinho (2004) reafirma que a dominação da máquina colonial brasileira que tem como foco o homem branco e europeu; nesse sentido de gênero, raça e sensualidade/erotismo, compõe os ingredientes fundamentais na base da formação da nação brasileira em que a negra tem sua sensualidade exacerbada.

3. LITANIA DE MULHERES: COSTURANDO AS MEMÓRIAS NA COLCHA DE RETALHOS DE VIDA

*Nós percebemos a importância de nossa voz
quando somos silenciados.*

Malala Yousafzai

Este capítulo é destinado à análise da obra *Becos da memória* (2013), no intuito de percebermos como as memórias da personagem Maria-Nova se entrelaçam com as demais personagens da narrativa. A partir dessa perspectiva, discutiremo questões de gênero, raça e classe. Um dos aspectos que também serão analisados é a violência social e simbólica. Reiteramos que a escrita do romance é uma constante revisitação ao passado. As idas e vindas, e reviravoltas próprias da memória, dão a tônica da obra, podendo ser comparadas a um labirinto. São lembranças que se imbricam e, como todo labirinto, realiza movimentos de avanços e recuos, como o fio de Ariadne que salvou Teseu do Minotauro.

Costuramos as memórias da personagem Maria-Nova da sua infância do tempo em que morava em uma favela. Adentrando os “becos da “senzala-favela” sem nome, sem referências, mas que expõe “as vidas subterrâneas” dos moradores favelados imersos na pobreza e na miséria” (SOUZA, 2011, p. 51). A partir do olhar ressignificado de Maria-Nova, entrelaçamos as suas lembranças com as de outras personagens femininas, com o intuito de problematizar as questões de gênero, raça e classe e perceber a forma que essas categorias incidem na construção da identidade das personagens. Uma vez que essa pesquisa propõe trabalhar com ideia de interseccionalidade. O fio condutor das histórias são as memórias da personagem Maria-Nova.

Também analisamos a violência sofrida pelas personagens Ditinha e Cidinha-Cidoca, a empregada doméstica e a prostituta, respectivamente. Reiteramos as estratégias literárias utilizadas pela autora para construir o romance, primeiramente, têm-se as figuras de linguagens como metáfora, eufemismos, dentre outras, para que a narrativa, que é de cunho reivindicatório, tenha uma face mais leve e seja suavizada pela dureza da exclusão. Também é explorada a história de vida da personagem Dora e, em segundo plano, apontamos, brevemente, sobre a construção do personagem Negro Alírio, visto que nos interessa, aqui, é compreender como Conceição Evaristo (des)constrói a figura da mulata criando uma imagem positiva desta na literatura. Para tanto, o foco recai sobre a personagem Dora, apresentada

como um indivíduo empoderado, uma mulher independente que faz do próprio corpo um lugar de prazer, não sendo apenas objeto, mas também sujeito.

Chamamos este capítulo de Litania de mulheres por que as histórias das personagens elencadas neste capítulo são curtas e fragmentadas como se fossem pequenas preces, orações visto que o termo litania refere-se a pequenas orações, ou ladainhas, e nosso intento é costurar essas orações e formar um rosário de histórias de mulheres.

3.1 Lembranças da escravidão: rupturas, movimentos e contextos

Por meio da narradora-personagem Maria-Nova são apresentadas as demais personagens do romance. A menina vai esquadrinhando as nuances das vivências, experiências, memórias e histórias de uma comunidade negra que vive em condição de subalternidade. No decorrer da obra, a ênfase é dada na relação passado/presente, favela/senzala e casa-grande, tudo ressignificado pelo olhar da criança.

Maria-Nova é uma personagem singular dentro da tessitura evaristiniana, é a narradora de *Becos da memória* (2013). Rememora o tempo de quando ainda era uma menina que crescia curiosa sobre a vida e a agruras dos povos negros. “Hoje, a recordação daquele mundo, me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado” (EVARISTO, 2013, p. 29), Maria-Nova (re)escreve uma nova história, com o intuito de romper os lugares de subalternidade aos quais os negros foram submetidos.

Angela Davis (2016) pontua que os negros, ao apropriarem da escrita e do conhecimento, buscam nesta uma forma de subverter os lugares de opressão; ressaltamos que a partir dos anos de 1960, os subalternos começam a escrever suas tessituras, “as pessoas negras que recebem instrução acadêmica inevitavelmente associavam o conhecimento à batalha coletiva de seu povo por liberdade”. (DAVIS, 2016, p.112). A educação, nessa perspectiva, é uma forma de libertação, como sugere Donna Haraway (1994, p. 275), “a escrita é um jogo mortalmente sério, porque o que está em questão é justamente a possibilidade (ou negação) da representação”.

Maria-Nova mora com a mãe e seus irmãos, em um barraco na favela não nomeada, a menina de 13 anos, busca compreender a sua realidade e das outras “doces figuras tenebrosas” da comunidade. Apesar de sua imagem frágil, possui uma força interior que aspirava por mudanças e transformações para ela e para os outros. “A menina crescia. Violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto”

(EVARISTO, 2013, p. 108). Maria-Nova desejava respostas as suas inquietações: o porquê do seu povo ainda sofrer e estar imerso na pobreza. Na favela, havia a prostituição, a maldade, mas também a solidariedade dos mais velhos, como a Maria-Velha e tio Totó, vó Rita, Dora e Negro Alírio. Maria-Nova carregava as dores de um tempo que não viveu, de experiências que não possuía, buscava compreender esse banzo²⁸ para subverter e resistir.

Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio” (EVARISTO, 2013, p. 108).

Maria-Nova representa a ancestralidade; nesse recuo e avanço da história sua fala é permeada de ecos de seus antepassados, isto é evidenciado no banzo, que é uma das marcas da herança diaspórica, ou seja, essa relação do passado que se presentifica “o banzo, que na narrativa aparece como marca de hereditariedade entre Maria-Nova e seus antepassados, reitera uma linguagem ligada a afrodescendência” (PONCE; GODOY, 2016, p. 30). A menina toma para si as dores de seu grupo social, toda a história de luta que passaram, passam e ainda passarão; nessa perspectiva, ela torna-se porta-voz dessa resistência. A representação da consciência étnica de Maria-Nova é construída a partir dos fragmentos memorialísticos.

A memória de Maria-Nova é adquirida na medida em que a personagem-testemunha toma como sua as lembranças do grupo com o qual se relaciona, ou seja, há um processo de apropriação de representações coletivas por parte da personagem em interação com outros personagens, revivendo acontecimentos pessoais ou “herdados”, num tempo-espaço comum ao grupo: a favela (SOUZA, 2011, p. 94).

Nessa perspectiva, as lembranças de Maria-Nova se fundem com as lembranças dos moradores da favela, uma vez que ao ouvir as diversas histórias a personagem as internaliza como se as tivesse vivenciado, assim Maria-Nova resente as lembranças e angústias que lhe são narradas. Como assevera Vieira (2016, p. 116), “Becos da memória nos remete à um passado, em que há um narrador câmera, que acompanha diversos percursos da vida existente em favela de algum lugar do Brasil”.

No título do romance há uma dualidade: beco é compreendido como menção ao espaço/lugar e como suporte memorial, ou seja, os lugares que guardam memórias que guardam vivências e referências. Ao propormos a relação entre espaço e memória, problematizamos a simbologia que emana da favela, no que se refere às lembranças que se presentificam no espaço.

²⁸ Uma tristeza sem fim, que tio Totó chamava de banzo.

Maria-Velha, assim como Maria-Nova, carrega consigo uma dor que não é somente sua, mas também de seus antepassados. Maria-Nova talvez tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas, no fundo, a miséria era a mesma” (EVARISTO, 2013, p. 91). Nessa perspectiva, Maria-Velha, ao compartilhar as memórias da escravidão com a outra Maria, possibilita que a história se mantenha viva nas lembranças de gerações presentes e futuras. As histórias das Marias se entrecruzam, Maria-Nova representa a nova geração, comprometida com as transformações e rupturas; Maria-Velha permanece inserida no laivo do sistema escravista, sem dele conseguir se desvencilhar. O círculo não linear da narrativa, que perpassa o passado, o presente e o por vir, é feito por meio de um ciclo temporal, através da imagem de Maria-Nova e Maria-Velha, remetendo a ideia de movimentos, rupturas e ciclos.

As duas Marias simbolizam o recuo e o avanço; o passado e o presente; a ruptura e a continuidade da história dos negros. Nas lembranças de Maria-Velha, o sistema escravocrata ressoa: o passado da escravidão emerge continuamente no presente, posto que as personagens vivenciam as amarras das correntes das senzalas, o *apartheid* que segrega brancos e não brancos, ricos e pobres:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho, e como senzala, a favela onde morava. (...) Sentiu um certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela! (EVARISTO, 2013, p. 104).

Nesse trecho da obra, evidenciamos como a narradora problematiza a questão da presentificação da senzala, fazendo uma comparação do lugar em que vivia com a Senzala, comparando-a ao bairro nobre que ficava ao lado da favela com a casa-grande, afirmamos que a todo momento, na narrativa, é enfocada a imagem da escravidão, do passado da diáspora; assim, Simone Schmidt (2013, p. 19) diz que é uma “literatura que presentifica está perturbadora relação, senzala e favela”. Nessa perspectiva, a narradora de *Becos da memória* (2013) reatualiza as recordações das correntes da escravidão e da diáspora, deixando evidente a aproximação da favela com a senzala. “A data não está marcada de forma explícita, mas as histórias das personagens nos revelam um tempo próximo à segunda metade do século XX,

com a memória da escravidão ainda bem recente, ouvida e vivida por algumas delas” (FERREIRA, 2013, p. 15).

Assinalamos que a escravidão se metamorfoseia e encontra novas formas de Senzala, como os barracos das favelas que rementem às “casas” dos negros que ficavam ao lado da casa-grande, a fim de que possam sempre estar à disposição dos *donos do poder*. Ao referirmos que essas imagens do passado se presentificam, estamos fazendo uso das representações, ou seja, a alusão algo ou alguém por meio de um elemento que remete a essa imagem. Maria-Velha é uma mulher que vivenciou o período escravocrata, tendo seu avô, pais e tios escravizados, além de que cresceu ouvindo do avô histórias acerca dos seus antepassados. Acrescenta que a neta apresenta semelhanças com a filha Ayaba²⁹, escrava, ama de leite de uma criança da casa-grande, que se revoltou contra o seu proprietário e foi castigada, não sendo assassinada por intervenção do seu “filho de leite”, o pequeno “sinhozinho”.

Mãe de leite de uma criança, um dia a escrava se rebela contra o sinhô, agarrou o homem pelo peito da camisa, sacudiu, sacudiu. A escrava foi posta no tronco, iam surrá-la até o fim. A criança, filha de leite, chora, grita, berra, desmaia, volta ase, quase enlouquece.

– Não matem, “mamãe preta”, não matem “mamãe preta” (EVARISTO, 2013, p. 48).

A personagem Maria-Velha carrega no corpo-memória marcas da escravidão, com seus trejeitos que se assemelham ao da tia Ayaba. A história de resistência de Ayaba contada a Maria-Nova por Maria-velha metaforiza o mito da escrava Anastácia, negra castigada por não se sujeitar às vontades do seu dono, sendo obrigada a usar uma máscara na boca para que não pudesse falar. A interdição da fala representa a luta, a resistência, visto que por meio das brechas da máscara ressoa os grunhidos de liberdade.

O sofrimento de Anastácia metaforiza o sofrimento dos afrodescendentes como sujeitos que experimentam várias formas de exclusão. E, por ser uma mulher, as dores de Anastácia se confundem com as dores das mulheres negras, em grande parte as mais empobrecidas na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2017, N/P).

Acordamos com essa reflexão de Conceição Evaristo acerca de Anastácia que simboliza as lutas contemporâneas dos negros, o mito é de certa forma uma representação do poder da sociedade patriarcal, falocêntrica e caucasiana. Maria-Velha narra à Maria-Nova as memórias da escravidão de seus ancestrais, histórias de vidas mal vividas que a ajudam a ressignificar o passado, com isso, reconstruir a sua identidade. “Maria-Nova queria sempre história e mais

²⁹ Maringolo (2014, p. 77) assinala que significa “Mãe Rainha”. Termo utilizado no Brasil em religiões de matriz africana para definir os orixás femininos, especialmente Yemanjá e Oxum.

histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia. [...] Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito” (EVARISTO, 2013, p. 56).

A história de vida da personagem Maria-velha, do seu companheiro Totó e dos seus familiares representa esse recuo da história, uma vez que ela é filha e neta de ex-escravos, viveu grande parte de sua vida em uma fazenda dos antigos proprietários do seus antepassados, seu pai, o Luizão da Serra, era considerado louco por ser questionador e não se sujeitar aos desmandos dos coronéis, ele ficava preso entre a loucura e a lucidez, a sua mãe tinha um lado do corpo com pouca mobilidade, “Tinha um lado corpo esquecido” (EVARISTO, 2013, p. 47).

O pai de Maria-Velha era indagador demais para um negro inteligente e questionador por desejar respostas, pois sabia que todos eram iguais e que já não era mais obrigado a se sujeitar às vontades dos coronéis. Isso incomodava os demais moradores da roça, porque estes eram alheios aos seus direitos, e todos o taxavam como “louco” e uma ameaça, visto que um negro que sabe seus direitos é uma ofensa ao poderio dos *donos do poder*. “Era um homem de matutar e de imaginar coisas e causas. Quando voltava das suas peregrinações, vinha contando as novidades que ninguém acreditava” (EVARISTO, 2013, p. 51).

Nessa visão, a escrita de Evaristo constrói-se a partir de fragmentos de um retalho de uma colcha que é perdido, mas que precisa ser encontrado para que se complete a história, “para salvar do esquecimento as histórias de vida que se cruzam nos espaços significados pela pobreza, registrando o abandono, mas também a força das lembranças que precisam ser ouvidas e recontadas” (FONSECA, 2014, p. 24).

Os barracos, os casebres, as ruas e os becos guardam as lembranças e as memórias dos moradores da favela: pobres e negros que carregam essa dupla marca de exclusão de classe e raça. “Escrever pode se tornar uma ferramenta útil para talhar o vasto painel de lembranças calcadas na ‘experiência da pobreza’, vividas por quem soube observar, com olhos atentos e condoídos, os becos de uma coletividade favelada e os seus habitantes” (FONSECA, 2014, p. 24). Maria-Nova não se acostumava com essa situação de miserabilidade e, de certa forma, analisava o cenário em que vivia, buscava nas histórias que ouvia, compreender a realidade de seu grupo social afrodescendente. Entretanto não queria apenas guarda para si, mas compartilhar com os seus, as memórias de seus antepassados “[...] pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (EVARISTO, 2013, p. 210-211).

A educação é interpretada pela personagem Maria-Nova como um meio de sair da condição marginalizada. O tio Totó é um personagem que também merece destaque, ele é o companheiro de Maria-Velha e tio da Maria-Nova. Assim como sua companheira, ele vivenciou o período escravocrata, traz marcas no seu corpo do tempo que vivia na roça, entretanto o velho já viveu bastante, mantendo uma coleção de perdas, e não tinha mais esperança de uma vida digna.

Tio Totó, apesar de muitos anos vividos, tinha o ouvido muito apurado, acordou atordoado com o barulho e chamou Maria-Velha. Maria-Nova acordou também e pressentiu que alguma coisa de muito grave tinha acontecido. Tio Totó suava e tremia. Deus meu, o que teria acontecido? Estariam jogando uma bomba na favela? Se fosse, ele nem se importaria, assim seu corpo ficaria por ali mesmo. Tio Totó, cada vez mais, tornava-se íntimo da morte, despojava-se da esperança. Revivia o que passara, coisas tristes, tristes mesmo! Algumas alegres num tempo de esperanças. Foi justamente a esperança que ele procurou. Procurou a esperança bem lá no fundo do coração e só escutou a batida seca e dura do órgão. Eta coração velho! Quando iria terminar tudo aquilo? Seria agora? Quem sabe uma bomba estava sendo jogada na favela? (EVARISTO, 2013, p. 106).

O velho vivia assustado com medo da vida. Tio Totó perdeu as duas primeiras mulheres de forma trágica; a primeira, na travessia do rio; a segunda, no parto complicado feito pela parteira vó Rita; e, após a segunda perda, ele torna-se extremamente depressivo, temeroso com a vida, ao conhecer Maria-Velha quarenta anos mais nova que ele. Nessa perspectiva, esse personagem marcante na narrativa simboliza um retorno ao passado das agruras da escravidão, ou seja, um elo dentro do ciclo que é feito pelas Marias, em que há uma permutação de perdas e dores que Totó colecionava e compartilhava com as Marias, é uma configuração de uma resistência “imposto apagamento histórico a que foram sucumbidos os povos da diáspora” (CRUZ, 2016, p. 197). A partir desse viés, o casal de anciões Maria-Velha e tio Totó, dentro das suas individualidades, representam elos para a construção identitária de Maria-Nova.

Tio Totó e Maria-Velha viveram uma vida difícil, como a maior parte dos afrodescendentes, que viveram após a abolição da escravidão. Tiveram que resistir, lutar contra a dor e não deixavam ser derrotados pelas agruras da vida. O processo de desfavelamento estava em curso, os barracos derrubados começam a causar efeitos nas vidas dos personagens como tio Totó e Maria-Velha, o velho começa a questionar o motivo para manter-se vivo. Assinalamos que o desfavelamento é o fator desencadeador das narrativas do rememorar, de revistar os porões da memória, ao rememorar as lembranças que estavam silenciadas, uma vez que “um passado que permaneceu mudo é, muitas vezes, menos o

produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” (POLLAK, 1989, p. 13).

Tio Totó já estava cansado da vida e ansiava pela morte, a via como uma forma de libertação das agruras da vida, já que estava perdendo seu lar, não via mais a necessidade de recomeçar em outro lugar; Maria-Velha, sua companheira, também não aguentava mais as dores que carregava.

Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por esse mundo de deo em deo e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que ficou para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo. Verdade fosse! [...] (EVARISTO, 2013, p. 31).

A análise acerca do personagem tio Totó nos remete às imagens da incerteza que é a vida dos afro-brasileiros, que vivem segregados nas favelas e não podem cultivar suas raízes em um só lugar, pois não há um espaço de pertencimento. Também nos remete à imagem da diáspora em que os negros foram tirados de suas terras no Continente Africano, dos seus lugares de memória de pertencimento, e foram vendidos a diversos proprietários na América, sem criar raízes.

Conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (HALL, 2003, p. 33).

As experiências e perdas por Totó dialogam com a sua condição de indivíduo diaspórico, uma vez que, ao buscar reconstruir sua vida, ao lado de Maria-Velha, Totó ainda mantém suas memórias, “Tio Totó está sempre a ter algo tirado e, somente na memória, consegue resgatar tudo o que perdeu, funcionando metaforicamente como a memória no processo de resistência do povo negro” (PONCE; GODOY, 2016, p. 26).

Um outro aspecto presente na obra é a questão da religiosidade, há uma crença aos santos de devoção, festas a São Benedito, as Ladainhas e as personagens que comandavam as rezas, conhecidas como tiradeiras de terço oficial da favela. “Havia as rezas do mês de maio, mês de Maria, as rezas de outubro, mês do Rosário, as novenas do menino Jesus, os santos juninos e outros” (EVARISTO, 2013, p. 66).

Maria-Nova sempre era visitada pelos santos, as imagens eram carregadas pelos favelados até as casas das tiradeiras de terço, a menina era admirada, pois sabia ler e todos achavam-na bonita, tão pequena, frágil e prostrada de joelhos lendo e entoando orações em latim. Reiteramos que a maioria dos favelados não sabiam ler e as orações já haviam sido

decoradas de tanto ouvirem. Nessa perspectiva, afirmamos que a oralidade possui grande importância nas comunidades de afro-brasileiros remanescentes dos negros escravizados.

Maria-Nova lia, em latim, a ladainha de Nossa Senhora:

 Todos sabiam a ladainha de cor e respondiam em coro: “Ora pro nobis”.
 Maria-Nova emocionada, lia alto e firme:
 -*Mater creatorias*.
 E todos respondiam
 -*Ora pro nobis*
Mater Salvatoris, Ora por Nobis
 (EVARISTO, 2013, p. 67, grifos nossos).

Interpretamos que a escolha do terço/rosário é uma forma emblemática e metafórica de indicar uma memória que se presentifica, um objeto que guarda lembranças individuais e coletivas. Nessa conjuntura, asseveramos que a memória constrói os hábitos e os costumes e que os comportamentos são condicionados a partir das lembranças, ou seja, elas constroem as práticas sociais do sujeito. Joel Candau, no livro *Memória e Identidade*, infere que “pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar sua vida presente” (CANDAU, 2011, p. 15). Nessa ideia apontada por Candau, compreendemos como a memória tem um papel preponderante e indispensável para a faculdade humana, visto que sem ela seria impossível estabelecer relações, pois somos construídos de lembranças.

Inferimos que Ivan Izquierdo dialoga com Candau ao afirmar que somos construídos de memórias “eu sou quem sou porque me lembro, você é quem você é porque se lembra de seu passado” (IZQUIERDO, 2002, p. 68). O rosário, terço utilizado como metáfora na narrativa, evidencia a questão do sincretismo religioso presente nas crenças das mulheres afro-brasileiras, ou seja, a união da cultura ancestral trazida pelo negro da África e a cultura cristã, que é a religião dos grupos dominantes que colonizaram o Continente Africano, o rosário de Evaristo nos fala do reencontro com a cultura ancestral.

 A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzira uma história de progresso civil, um Espaço para o *Socius*; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade. (BHABHA, 1998, p. 73).

Ao falarmos das rezas que são passadas de geração a geração e, também, do rosário de contas negras, pretendemos buscar compreender como as memórias de *Becos da memória* (2013) se entrelaçam com as de Maria-Nova, esse rosário é uma união de histórias de mulheres, uma vez, que em sua grande maioria, é utilizado por elas “Ao trazer essa reflexão,

Evaristo salienta uma falha da própria prática cristã do mandamento ‘amai ao próximo como a si mesmo’, ou seja, para os afro-brasileiros, a cultura na qual foram formados funciona como uma cultura mãe, mas também madrasta” (VASCONCELOS, 2014, p. 122).

Ao ouvir em coro a oração *Salve-Rainha*, Maria-Nova reconhece em alguns trechos desta o sofrimento, a luta e o banzo das histórias de vida de “Tio Totó, nas de Maria-Velha”, a oração cabia a cada momento e agrura vivenciada pelos personagens cujas as experiências lhe foram narradas. “*A vós bradamos os degradados filhos de Eva. Por vós suspiramos neste vale de lágrimas [...] Ela via, ali, em coro, todos os sofredores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus*” (EVARISTO, 2013, p. 67).

Também devemos considerar um aspecto importante: o nome Maria, que é uma construção bíblica, aquela que “recebe sua missão numa mensagem vinda por meio de um anjo e sacrifica-se, doando a vida de seu filho à redenção da humanidade”; e Maria-Nova, criada por Evaristo, em *Becos da memória* (2013), tem a missão de (re)criar uma nova história para ela e para os que viriam depois dela, ou seja, por meio dos personagens que narram as suas memórias, a menina tem a missão de salvá-los do esquecimento (VASCONCELOS, 2014, p. 122). Visto que ela se reconhece na oração como filha de Eva, a pecadora e não de Maria, acreditamos que seja reflexão e crítica à sociedade contemporânea em falar que as negras não são vistas como angélicas ou maternais, mas como lascivas pecadoras.

Em meios às orações, Maria-Nova pede à Nossa Senhora para que não acabe com a favela, mesmo sabendo que aquele não era o melhor lugar para viver, mas era o único que seu povo tinha e ali era o seu lar, onde estavam as suas raízes, seus lugares de memória. Ao invés disso, pedia à santa para que criasse condições para que ela e seu povo tivessem uma vida melhor. O desfavelamento, também, faz uma alusão à diáspora.

A diáspora perpassa toda a narrativa, já que o processo de desfavelização e temor pela perda do espaço, sem saber para onde serão levados, também representa o sofrimento daqueles que atravessaram o Atlântico. Apesar de toda dor retratada, miséria, violência e descaso, essa comunidade sem nome era unida; não eram parentes, mas se tornaram uma família. Fatos que retomam as lembranças do período de escravidão aparecem na obra de forma sutil, quase silenciosa (OLIVEIRA, 2015, p. 87).

Acreditamos que o desfavelamento, para além das perdas dos seus poucos bens materiais, simboliza a fragmentação de uma identidade, uma vez que será perdido laços, que foram formados entre esse grupo social afro-brasileiro de oprimidos, miseráveis. Além daquele espaço ser de muita luta, ainda representa momentos de sofrimentos como, por exemplo, nos dias de chuva em que os habitantes eram duplamente prejudicados, pois nesses dias as lavadeiras não recebiam e o trabalho que, era bastante, precisava ser refeito e as roupas

serem cuidadas novamente. “As roupas corriam para os varais e, mal eram penduradas, retornavam molhadas e, às vezes, sujas às bacias no canto do barraco. Era preciso lavá-las de novo” (EVARISTO, 2013, p. 194). A vida na favela era marcada pela sujeira e o mau cheiro que saía dos objetos molhados e misturados pelas chuvas, como esgotos a céu aberto, fossas, roupas molhadas e já mofando causavam dores de cabeças às mulheres negras lavadeiras, as quais oravam debulhando o seu rosário de contas negras.

A favela representada em *Becos da Memória* (2013) é um lugar de solidariedade em que os indivíduos, mesmo vivenciando as pobreza e as privações, dividem momentos de felicidade e alegria, pois todos dividiam o pouco que tinham. Nesse romance, Conceição Evaristo cria uma história para contar a vida de milhares de Marias que vivem em favelas, como, por exemplo, a voz autoral que inicia o romance: “homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (EVARISTO, 2013, p. 30).

Pontuamos o “lugar natural” ocupado pelos negros que desde o fim da escravidão, ou desde o início dela, visto que acreditamos que os não brancos ainda estão acorrentados às correntes do racismo, os lugares que lhe foram delimitados como os cortiços, as favelas, os morros e qualquer outro espaço urbano traduzido em segregação sócio espacial. “Por mais que os órgãos públicos e serviços sociais criem ações positivas propondo mudanças de comportamento na sociedade, o negro brasileiro ainda carrega o estigma de sempre ocupar a margem” (NASCIMENTO, 2014, p. 51).

A personagem Maria-Nova observa e analisa as histórias que ela ouvia do seu povo, eles não eram os vencedores, mas os vencidos, ela buscava (re)fazer uma nova história, era a esperança de que a geração futura teria uma vida diferente daquelas que eles tiveram/tinham, essa nova Maria representa uma ruptura com o servilismo que é esperado dos negros, da imagem do negro bestializado, infantilizado.

Nessa perspectiva, Michael Pollak recorre a questões da psicologia social para afirmar que há três itens que são essenciais para a construção e a tênue ligação entre memória e o sentimento de pertencimento, ou seja, a identidade. Primeiramente, sugere que há uma ponte física, que são individuais e coletivas; pontes de pertencimento do grupo; há o tempo; o espaço; o corpo; são diversos elementos que devem estar unificados para formar o indivíduo. Nessa conjuntura, Pollak trabalha com a ideia da memória como um elemento constitutivo de identidade, entretanto o autor a utiliza no seu sentido superficial:

O sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si,

para si mesma; a imagem que adquire ao longo da vida referente a ela própria; a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 209).

A partir da óptica pollakiana, a memória é tida como uma espécie de espelho em que o indivíduo constrói a imagem e projeta sobre si, para ela e para os outros, ou seja, a questão do ver e ser visto. A identidade dos indivíduos é construída a partir de vivências e experiências e é por meio das memórias que Maria-Nova constrói sua história e a dos moradores da favela, através dos mecanismos mnemônicos da oralidade ancestral. Nesse panorama, ela vai “abrindo-o em direção a um passado que, ao mesmo tempo em que pertence àqueles de nossos ancestrais ainda em vida, nos põe em comunicação com as experiências de uma outra geração que não seja a nossa” (RICOUER, 2007, p. 406).

A identidade do indivíduo é construída a partir de vivência e experiências, suas ou herdadas dos ancestrais e da comunidade onde vivem, é por meio desse processo memorialístico que Maria-Nova, consegue (re)construir o seu mosaico de memórias, ou seja, coser retalhos na colcha de memórias “ao costurar as muitas histórias que ia colecionando com os olhos muito atentos aos detalhes da contação” (FONSECA, 2014, p. 24). Isto dá-se ao guardar as lembranças de si e as dos favelados, a personagem apropria-se da memória coletiva, uma vez que já enfatizamos que a memória é um elemento constitutivo de identidade.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilamos, aqui, a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. (POLLAK, 1992, p. 204).

A partir das narrativas orais e da observação constante do cotidiano dos moradores da favela é que Maria-Nova interpreta a realidade do negro, uma vez que sua realidade de constante falta de oportunidades e entraves para mobilidade social se repetia, uma história que foi iniciada há séculos. No entanto, por estar viva, ainda almejava mudanças: “a sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos” (EVARISTO, 2013, p. 103).

Vania Vasconcelos (2014) assinala que no Brasil há mecanismos que são produtos da cultura patriarcal, que se manifestam através das ações cotidianas os quais resultam em formas de segregação dos que não se enquadram dentro do ideal de sociedade, “é uma cultura

que alimenta a divisão por não promover a discussão da diferença” (2014, p. 135). Assim, através do olhar voyerista de Maria-Nova, “em seu barracão caiado de branco”, em meio a favela em demolição, é que adentramos às histórias “mal vividas” dos moradores dos becos da memória, que visualizamos os espaços de “horrores da miséria, a grande doença que mina os corpos, a saúde e a esperança”.

O processo de demolição da favela estava em curso, todos os moradores estavam sendo remanejados para um destino desconhecido, os responsáveis por retirar os favelados ofereciam dinheiro ou material para construir suas casas em outro lugar, que certamente seria longe dos olhares da sociedade. Maria-Nova sentia a angústia dos seus; questionando-se quando seria a sua vez de partir. E para onde iria?

O que seria de todos nós? Dos vadios, dos trabalhadores, dos grandes e pequeninos? O que seria da noite, do samba que aqueles homens-vadios-meninos faziam brinquedo, folgado? A noite caiu sobre todos nós, vazia dos sonhos e vazia da vida deles (EVARISTO, 2013, p. 110).

Os seus parentes, vizinhos e amigos, que já estavam naquele espaço há mais de cinquenta anos, foram sendo expulsos de suas casas de forma cruel, pois de todas as formas criavam meios para que os favelados saíssem, como interrompendo o fornecimento de água retirando as torneiras, a fim de que estes não criassem meios de resistência.

Ao colocar em primeiro plano a dor do favelado que perde seu “lugar”, a narrativa de Conceição Evaristo se projeta nos dias de hoje como reflexão sobre a presença do negro na construção do país e da própria formação da identidade brasileira, a partir do escopo da literatura ruidosa (OLIVEIRA, 2015, p. 93).

A partir dessa leitura, compreendemos que a perda do lugar para os afrodescendentes representa essas brechas feitas nos muros da história oficial pelos grupos subalternos, ou seja, interpretação de que os subalternos também podem falar. Em meio ao processo de demolição, havia uma cratera que crescia em meio aos barracos, os moradores chamaram de Buracão, foi um desmoronamento de terras ocasionado pela movimentação dos tratores. “O Buracão, como uma grande boca insaciável, engolia “bêbados e crianças distraídas” (EVARISTO, 2013, p. 225). A morte era anunciada por essa grande cratera. Nesse viés, o “Buracão” era um tipo de abismo onde iam sendo jogadas as personagens que não se enquadravam dentro do plano social:

O grande buraco inverte a imagem do útero, porque se relaciona com o perigo para bêbados e crianças e com a morte das vítimas sugadas por ele, como a de Cidinha-Cidoca, que não suportou os apelos do grande colo, cujo fundo se amaciava com plantas e lama e convidava a um sono de que não se acorda jamais. Metaforicamente, o Buracão ratifica na narrativa os sinais de

morte que a pobreza exhibe todos os dias e, além dela, a certeza da expulsão para lugares mais distantes (FONSECA, 2014, p. 26).

O buraco crescia dentro da favela, roubando as vidas dos moradores da favela dos *Becos da memória* (2013), a menina crescia apreensiva com a imagem desse buraco que para além de representar a distância entre ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres, também simboliza os grandes entraves da mobilidade social para homens e mulheres, negros e pobres que residem nos estratos sociais menos elevados.

O buraco do esquecimento, que se fazia cada dia maior e mais profundo, não consegue engolir por completo a favela tão querida de Maria-Nova, que ciente disso, assim como Conceição Evaristo, inventa, cria e recria, em um constante movimento de escrita e reescrita, preenchendo as lacunas com a palavra poética (MARINGOLO, 2014, p. 100).

A imagem do “Buracão” no sentido de abismo, o caos desnorteador para onde iam sendo atiradas as vidas desses personagens, que iam abandonando os planos que antes tinham para seus futuros. Maria-Nova nos fala do medo daqueles que não sabiam como iriam tocar suas vidas, pois, na maioria dos casos, o emprego ou modo de vida que tinham dependia daquela localização (SOUZA, 2011, p.139).

Depois de muitos terem saído da favela, chegou a vez de Maria-Nova, que em suas últimas andanças na favela não nomeada resolve fazer seu último caminhar por entre os casebres. Nesse percurso observa que “o Buracão parecia mais feroz ainda. Antes, quando ele tinha barracos pendurados ao redor, a sua boca parecia um pouco menor” (EVARISTO, 2013, p. 211). O último sonho que Maria-Nova tem da favela e dos moradores daquele lugar é com vó Rita, velha parteira da favela que vivia com a Outra:

Dormiu. E foi com Vó Rita que veio no seu último sono-sonho ali na favela. Vó Rita entrou devagarinho no quarto. De repente. Calada. Ela que não tinha a voz calada nunca, pois, se não estava falando, cantando estava; que nunca chegava de repente, pois se sabia de longe que Vó Rita estava chegando. E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e através do peito negro lúcido e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme.

E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.

Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos....

Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira. (EVARISTO, 2013, p. 256).

Esse sonho de Maria-Nova é um parto simbólico em que o coração representa o útero, acreditamos que a humanidade nascendo de um peito negro, representa a esperança da menina por uma sociedade igualitária sem preconceitos, racismo, sexismo, entre outros tipos de mecanismos de exclusão dos indivíduos. Vó Rita parece estar na fronteira entre a realidade

brasileira e a fantasia, já que se caracteriza como a personificação da bondade, além de ocupar o lugar da parteira, aquela que transforma habilidades aprendidas na experiência, a partir da solução improvisada, e que termina por resolver frequentemente a ausência de assistência ao parto e nos cuidados com a saúde de mulheres e crianças.

Ao evidenciar a solidariedade entre as mulheres que compõe o enredo, chamamos atenção para a mãe preta que pode ser comparada a Iemanjá, que cuida das outras mulheres da comunidade e caracteriza-se como personificação da bondade.

3.2 Cidinha-Cidoca e Ditinha: marcas de violência e abandono social

Dentre as histórias tecidas na obra, encontramos os rastros de violência que tanto Constância Duarte questiona, “Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde estão as dores do espancamento, do estupro e do aborto?” (DUARTE, 2009, p. 02). Neste tópico, tratamos de violência contra as personagens Ditinha e Cidinha-Cidoca na perspectiva de Heleieth Saffioti (2015, p. 80) que entende violência como toda ação que pode ferir os direitos humanos. “Entendo por violência todo agenciamento capaz de violá-los”.

Ditinha, órfã de mãe, foi criada pelo pai, ausente de sua vida e da irmã Toninha. “Quando Ditinha apanhou a primeira barriga, não tinha ainda completado 15 anos. Havia deitado com seu namorado, uma brincadeira apenas, mas que terminou muito mal” (EVARISTO, 2013, p. 143). Sem orientação, Ditinha cresceu sozinha, sem acompanhamento de um adulto. O pai de Ditinha e Toninha era servente de pedreiro e não tinha qualquer instrução, ressaltamos que eram poucos os que sabiam ler e escrever na comunidade. Ditinha engravidou duas vezes; na última gravidez, recorreu a diversas técnicas abortivas, como ervas, chás e até a um aborto ilegal com uma parteira, que lhe trouxe sérios problemas como a mutilação, perdendo seu ovário e útero.

Maria Cosme enfiou uma sonda por dentro de Ditinha. A sonda ficou lá dentro quase dez dias, até que numa manhã ela começou a sangrar. Sangrou tanto que foi parar no hospital. Os médicos queriam que ela dissesse o nome da “fazendeira de anjinhos”. [...] Tiveram que retirar o útero e o ovário de Ditinha. Ela respirou aliviada, pelo menos não criaria barriga mais nunca (EVARISTO, 2013, p. 144).

A personagem sofreu tanto com a gravidez indesejada, que ela sentiu-se aliviada por perder seu útero, ainda que representasse a violência por mutilação, pois foi vítima de um aborto malsucedido por uma mulher de caráter duvidoso. No romance, a maternidade não é

endeusada, os personagens inferem que a maternidade, quando indesejada, fica apenas para a mulher, que há de trabalhar para alimentar e fornecer condições dignas à criança. Geralmente, as mulatas trabalham como quituteiras, domésticas ou trabalhos ligados à subalternidade e servidão. Conforme fomos observando, a violência cotidiana a qual essa personagem é vitimada (re)atualiza as memórias da escravidão de uma ferida que não cicatrizou, uma marca aberta que não para de sangrar. Ditinha tornou-se empregada doméstica aos 29 anos. Vivia em um pequeno quarto sala com seus três filhos: Neco, de 13 anos e os dois menores, Zé e o Nico, e com sua irmã e pai paralítico e bêbado.

Maria Betânia Ávila (2008) infere que algumas meninas de famílias de baixo poder aquisitivo tornam-se empregadas domésticas devido à falta de formação sociocultural e econômica, isso não quer dizer que elas sejam educadas para serem empregadas domésticas, porém não possuem alternativas. Às vezes, têm que trabalhar desde muito jovens para ajudar suas famílias e não concluem os estudos, como pontua a autora.

As mulheres de classes alta e média resolvem ser médicas ou enfermeiras, por exemplo. As empregadas domésticas, por sua vez, são levadas a esta ocupação. Não se trata de uma questão factual ou de uma escolha, mas de limites colocados pelas estruturas de classe, patriarcais e racistas da sociedade. São mulheres pobres e negras as que estão no emprego doméstico no Brasil, hoje. Então é inegável a existência de uma conexão entre classe, raça e gênero (ÁVILA, 2008, p. 68).

Reiteramos que o emprego doméstico tem cor e classe social. Conceição Evaristo discute que o emprego doméstico é ocupado majoritariamente por mulheres negras, que, muitas vezes, estão trabalhando no mercado informal, recebendo baixos salários. A autora aponta que as lutas feministas em prol dos direitos das mulheres responderam a muitas demandas das mulheres brancas, que tiveram o seu direito ao mercado de trabalho, ao sufrágio, dentre outras conquistas, enquanto que as negras “pobres, tiveram poucas ou quase nenhuma das suas demandas efetivamente resolvidas”. Para além disso, Evaristo afirma que “o quantitativo de trabalhadoras negras nessa função é maior que do que o de trabalhadoras brancas”, sendo que as mulheres brancas têm um salário maior do que as das mulheres negras. Consoante ao exposto, a autora pontua que a inserção das negras nessa função é “uma herança de uma sociedade escravista, que até hoje, se faz sentir na vida dos afro-brasileiros em geral” (EVARISTO, 2016, p. 108).

Em conformidade a isso, vemos a empregada doméstica na perspectiva de Lélia Gonzáles (1983, p. 231) que a interpreta como a mucama permitida: “Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de

carga que carrega sua família e a dos outros nas costas”. Acreditamos, assim, que Ditinha desempenhava um papel que foi muitas vezes exercido pelas mucamas nas casas-grandes no período escravocrata, o que não deixa de ser uma relação de continuidade que ainda prevalece na sociedade, visto que a história é feita de movimentos, de idas e voltas. “A mucama permitida, a empregada doméstica, só faz cutucar a culpabilidade branca porque ela continua sendo a mucama com todas as letras. Por isso ela é violenta e concretamente reprimida” (GONZÁLES, 1983, p. 233). É notório que há uma preferência aos trabalhos desenvolvidos pelas negras, uma vez que os empregadores acreditam que estas são mais propícias ao trabalho do que as brancas.

O racismo funciona de modo intrincado. As empregadoras que acreditavam estar elogiando as negras ao afirmar preferi-las em relação às brancas argumentavam, na verdade, que as pessoas negras estavam destinadas a ser serviçais domésticas-escravas, para ser franca” (DAVIS, 2016, p. 102).

Essa preterição das negras ao trabalho doméstico é mais um dos tentáculos do racismo que corrobora para a imagem da mulher negra como o burro de carga. Uma vez que desde o período colonial ela foi coisificada e tiveram que ser forte para sobreviver e resistir, “as mulheres negras desconhecem qualquer condição de fragilidade; pelo contrário, vivenciam experiência de força e de domínio sobre a vida” (EVARISTO, 2016, p.102).

Toninha, irmã de Ditinha, ao completar 18 anos, saiu de casa e adentrou ao mundo da prostituição como uma forma de subverter a sua condição de miséria. O pai da personagem não nomeada é alcoólatra e paralítico. Ditinha e o seu filho mais velho, Neco, dão-lhe cachaça como uma forma de anestesiá-lo da vida de miséria e abandono social, mesmo sabendo que tal atitude lhe abreviaria a vida: “Se a cachaça abreviaria a vida do pai, era melhor que ele bebesse mais e mais até morre” (EVARISTO, 2013, p.145). Essa personagem tem uma visão bastante crítica, ao ponto de estabelecer uma comparação entre o seu barraco e a mansão luxuosa onde trabalhava. É nesse ir e vir, entre o barraco precário onde mora e a casa luxuosa da patroa, D. Laura, loira, alta e bela, que Ditinha se depara com a desigualdade social.

Ela queria ser como a patroa: bonita e loira, mas a consciência do contraste de classes acentua sua baixa autoestima. Ela acredita que para usar boas roupas e joias de grande valor não poderia ser negra.

E se tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela). “Mesmo assim eu não assentaria com essas joias” deixava-se deslumbrar com a riqueza de a sua patroa com seu universo de luxo Como “D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias” (EVARISTO, 2013, p.139).

Constatamos que na história de vida dessa mulher, há um sentimento de inferioridade: “olhou-se no espelho e sentiu-se feia, mais feia do que normalmente se sentia” (EVARISTO, 2013, p. 39).

No momento em que Ditinha enxerga seus cabelos como traços negativos que reforçam a inferioridade dela frente à patroa, a voz autoral utiliza-se dessa visão para expressar o oposto, pois é por meio do olhar da personagem e o apagamento pela qual passa que se dá a crítica social aos padrões de beleza preestabelecidos por uma normalização “branca” (PONCE; GODOY, 2016, p.27).

Verificamos que há uma violência social e étnica em Ditinha, visto que há um constante sentimento de inferioridade em que a personagem se percebe como negra e pobre; observamos que é a relação do “ver/ser visto” (BHABHA, 1998, p. 118), porque a construção do sujeito se dá na relação com outro. Por meio das relações sociais define-se quem somos e, acima de tudo, quem não somos, pois o sujeito se vê da maneira que acredita ser visto. A patroa de Ditinha é tida como referência, representa tudo o que ela não possuía. Nesse viés, acreditamos que “a ausência de personagens negras que fujam dos estereótipos causa um apagamento de referenciais de identidade para os indivíduos negros” (PONCE; GODOY, 2016, p. 29).

A doméstica lembrou-se que na semana anterior ela tinha feito 29 anos e ninguém se lembrara de lhe desejar feliz aniversário, ao contrário da sua patroa. Enquanto terminava de arrumar o quarto, não conseguia parar de pensar nas joias diante dos seus olhos. Num ato impensado, ela rouba a joia reluzente da patroa e a esconde no seio.

Colocou a caixinha de joias na terceira prateleira; mas, antes, porém apanhou a pedra verde, tão bonita, tão suave que até parecia macia. Era um broche. Ditinha colocou o broche no peito. Só que do lado de dentro do peito, junto aos seios, sob o sutiã encardido. A pedra não era tão macia assim, estava machucando-lhe o peito (EVARISTO, 2013, p. 149).

Interpretamos o ato como uma tentativa de embranquecer-se: ao ter a joia, ela deixaria de ser ela, e tornar-se-ia igual à D. Laura, pois para Ditinha “a pedra simboliza a suposta superioridade da patroa e o abismo que há entre as duas” (PONCE; GODOY, 2016, p. 28). Após o roubo, a personagem retorna à favela e tenta livrar-se da prova do crime. É interessante observarmos a construção de Evaristo no tocante à atitude da personagem. Em meios aos dejetos fisiológicos, na fossa imunda, ela retira de dentro do sutiã o broche, seu peito estava em carne viva, e joga-o em meio aos dejetos fisiológicos.

A ação não apaga o ato. Ditinha não retorna ao trabalho, pois temia ser presa. Sente-se envergonhada, já que era a única provedora da casa. Sabia que a qualquer momento a polícia iria bater à sua porta. Ressalta-se que Ditinha era quase uma estranha para D. Laura, visto que

a patroa não sabia sequer seu endereço, apenas que morava na favela. Havia uma relação desigual de afetividade entre patroa/empregada. Esta tinha afeto e admiração pela patroa; enquanto aquela gostava apenas do seu trabalho. “Os patrões de hoje não sabem algo ou quase nada da vida de seus empregados. Apenas imaginam. Não conhecem mais como se casam, como vivem e morrem” (BRITES, 2008, p. 74).

Nessa perspectiva, os empregados domésticos são invisíveis para os patrões, vistos apenas como uma mercadoria. Evaristo ainda comenta que desde a “colonização, as mulheres brancas foram capazes de afirmar, no espaço doméstico, a mesma lógica patriarcal e escravista, imposta pelos homens brancos” (EVARISTO, 2016, p. 100). As mulheres negras são triplamente inferiorizadas: primeiro, pela sua condição de gênero; segundo, pela raça; e, por último, pela classe. A partir dessa lógica, as mulheres brancas detêm uma dita “superioridade” sobre as negras, uma vez que a sociedade racista lhe concede esse poder. Acreditamos que não só as relações entre os indivíduos marcam a subalternidade das mulheres negras, mas o lugar social que esta ocupa, ou seja, as relações de classe que são marcadas pela desvalorização “que paira sobre as atividades econômicas que elas desenvolvem, na grande maioria, o trabalho doméstico” (EVARISTO, 2016, p. 100). Para além disso, Evaristo afirma que há uma feminização da pobreza no Brasil, no que a autora pontua que “a maior incidência de carência e de todas as consequências advindas dessa condição recaem sobre as mulheres negras” (EVARISTO, 2016, p. 107). A partir de então, podemos afirmar que a mulher negra e pobre ocupa um dos últimos degraus da sociedade brasileira.

Nessa conjuntura, chamamos atenção para o caráter punitivo que a justiça tem: “basta olharmos para a classe e a cor da população carcerária para percebermos o caráter seletivo do sistema punitivo” (BARTESD, 2009, p. 419 citado por SOUZA, 2011, p.130). A família de Ditinha ficou desamparada, o filho mais velho teve que assumir a responsabilidade de cuidar dos outros. “Beto cresceu repentinamente e violentamente. Era impressionante ver um menino que até ontem era moleque, virar adulto, de um dia para o outro, inclusive na própria feição do rosto” (EVARISTO, 2013, p.176).

O endurecimento de muitas crianças que têm a infância roubada pela pobreza, que de uma hora para outra tem que se tornar adulto para sobreviver e ter a responsabilidade de cuidar do avô e dos irmãos menores, é uma forma de violência. Ao nos referirmos à violência sofrida por Ditinha, pensamos na questão simbólica. “O poder simbólico manifesta-se por meio da crença daquele que as exerce e/ou acreditam, a crença na legitimidade das palavras e

daquele que as pronuncia” (BOURDIEU, 1999, p. 23). A violência simbólica é uma das mais insidiosas, visto que está para além do físico, e isto reverbera na questão social e psíquica:

A violência simbólica é essa coerção por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, a dominação), quando dispõe apenas, para pensa-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação; com ele, de instrumentos de conhecimentos compartilhados entre si e que faz surgir essa relação como natural, pelo fato de serem na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação; ou então, em outros termos, quando os esquemas por ele empregado no intuito se perceber e de se apreciar, ou para perceber e apreciar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), constituem o produto da incorporação das classificações assim naturalizadas, cujo produto e seu ser social (BOURDIEU, 2001, p. 206-207).

Nessa perspectiva, a violência simbólica manifesta-se como uma relação de coerção e consenso, ou seja, há um poder maior que não é nomeado, que incide sobre os grupos minoritários, sendo uma marca alicerçada na cultura.

A violência da qual a personagem é vítima expande-se envolvendo várias vertentes, como a afetiva, psíquica, social e étnica. É válido observarmos que mesmo que a personagem tenha praticado um ato condenado pela sociedade, que se caracteriza como um crime, ela foi levada a isso pela ignorância e pelo abandono social que sempre conviveu. Ditinha foi marcada pela humilhação ao ter sua casa revirada pela polícia e, ainda mais, pelo olhar condenativo do outro, ou seja, esse ato impensado a marcou moralmente e psicologicamente, mesmo porque as amarradas do racismo e sexismo já haviam feito um trabalho insidioso, esse episódio só terminou de impulsionar sua degradação social.

Por intermédio da voz narrativa, mostram-se as qualidades e as dificuldades enfrentadas pela personagem chefe de família. Sabe-se o que a impulsionou a cometer a ação impensada. No entanto percebe-se que esse ato se torna pequeno, se comparado com o descaso da sociedade ou do Estado – que atentam contra a dignidade e a identidade dos segmentos excluídos (SOUZA, 2011, p.131).

A narrativa mostra como Ditinha teve que enfrentar as agruras da vida desde muito cedo. Assim como seu filho Beto, ela também teve sua infância roubada, pelo abandono social. Dessa forma, a personagem é tragada pelas grades que aprisionam a população de cor, marcas visíveis e invisíveis. A personagem, desse modo, tende a carregar um estigma social: a de ex-presidiária, que lhe impossibilitaria de voltar ao mercado de trabalho e ter uma vida digna. “Ditinha estava condenada a viver com a marca no peito”. Nota-se que são inúmeras as causas que contribuíram para a “perdição” da mulher como a pobreza, a situação miserável em que viviam ela, os filhos e o pai paralítico” (SOUZA, 2011, p.131).

Como todo lugar de vulnerabilidade social em que as mulheres negras estão inseridas, a prostituição surge como uma forma de sobrevivência em meios às condições sociais. A personagem Cidinha-Cidoca é uma prostituta que é caracterizada pela narradora como “rabo de ouro”, “não havia quem provasse que não se tornasse freguês” (EVARISTO, 2013, p. 36). Essa é uma das personagens mais emblemáticas dentro da narrativa. Apresenta algumas singularidades, como vestir-se de branco, simbolizando pureza, inocência, o que lhe foi tirado, posto que sua inserção na prostituição se dá por meio de uma violência social. Com o processo de remoção da favela e demolição das casas dos indivíduos que ali viviam, devido a uma cratera, conhecida por Buracão, que crescia nesse espaço, gradualmente, essa personagem foi perdendo a lucidez.

Cidinha-Cidoca andava muito quieta ultimamente. Quem te viu quem te vê! [...] Alheia pelos cantos do botequim, nem cachaça exigia mais. Suja, descabelada, olhar parado no vazio. Se lhe dessem um trago, bebia. Se não lhe dessem, nem da secura na boca reclamava mais (EVARISTO, 2013, p. 35).

Depois que começou o desfavelamento, não se reconhecia mais o brilho no seu olhar, nem a alegria de viver, parecia inerte a miséria e a tudo. “Bonita a mulher, mesmo com aqueles olhos parados e com aquela carapinha de doida! Bonita a mulher doida mansa, muito mansa” (EVARISTO, 2013, p. 35). Podemos pensar que a loucura da personagem talvez se justifique pelo desenraizamento. Sua família era os moradores da comunidade, visto que não possuía namorado ou quaisquer parentes.

A profissão de prostituta a levou à solidão. Tatiana Silva (2015) afirma que a prostituição é uma “relação de poder e subordinação” porque ela representa uma resistência e o poder da mulher. A autora pontua que essa liberdade e autonomia do feminino com seu próprio prazer e com o corpo é uma ameaça ao “controle patriarcal sobre a sexualidade feminina”, pois o ato sexual é visto como “um espaço de disputa que pode tanto desestabilizar o poder masculino como também reforçá-lo”, e na interface em que as relações sexuais são interpretadas como uma guerra dos sexos, a prostituição desnatura e põe em jogo o controle do homem sob a mulher (SILVA, 2015 p. 67-68).

Cidinha-Cidoca fazia do seu corpo a sua própria vontade, o seu próprio prazer. Cidinha-Cidoca teve um longo reinado na favela. Por muito tempo, despertou prazeres nos homens que ali moravam e passavam, mas vale destacar que a prostituição não é interpretada, neste trabalho, como uma escolha. Muitas meninas negras e pobres muitas vezes têm que escolher o trabalho doméstico ou a prostituição como uma forma de sobrevivência. Pontuamos que meninas negras e pobres, de certa forma, são seduzidas pela “vida fácil”, do luxo e prazer, o

que não deixa de ser uma ingenuidade, pois a prostituição é apenas uma propaganda enganosa que não fornece condições dignas para subverter a pobreza.

A prostituição é vista como uma forma de alugar o próprio corpo, para satisfazer o prazer do outro que, por sua vez, é pago com bens ou serviços, mas, para além disso, há outros tipos de prostituição que perduram por anos na sociedade: os casamentos por interesse. Há muitos casamentos de mulheres com homens ricos por interesse e vice-versa, o que de certa forma não deixa de ser uma prestação de serviços, visto que estes se vendem pelo casamento. Pontuamos que há duas diferenças: “no preço e na duração do contrato. Para ambas, o ato sexual é um serviço”; enquanto que uma “é contratada pela vida inteira por um só homem”, a outra só por alguns instantes (BEAUVOIR, 1980, p.123). Mas não pretendemos adentrar a discussão, apenas gostaríamos de inferir que esse tipo de vida existe e por anos é naturalizada na sociedade.

A personagem Cidinha-Cidoca detinha um lugar de destaque na comunidade, gostava de vestir-se bem. Iniciava os meninos mais novos na vida sexual. Tatiana Silva (2015) assinala que, nessa perspectiva, a prostituição é interpretada como uma forma de manter as mulheres destinadas ao casamento intocadas, ou seja, como um mal necessário.

A prostituição pode ser vista como um tipo de comportamento funcional dos mecanismo de poder, que ajudar a manter a ordem social, ao possibilitar que os homens possam viver mais prazerosamente o sexo com mulheres que “não seriam vocacionadas para a família”, distinguindo-se as “honestas”, “do bem”, e aquelas do “mal” as devassas (SILVA, 2015, p. 62).

Assinalamos que dessa forma haveria a garantia de que as moças destinadas ao casamento se manteriam virgens e castas, os homens poderiam iniciar a vida sexual com as prostitutas. Cidinha-Cidoca era considerada uma mulher lasciva por ser dona dos seus desejos e de suas vontades, uma inferência ao mito da democracia racial de que as negras são lascivas e provocadoras de desejos sexuais. Cidinha-Cidoca provocava medo nas outras mulheres novas e velhas, temiam que seus maridos e filhos chegassem perto de Cidinha-Cidoca.

As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados e as mães por seus filhos que começavam a crescer e, que entre o vício a mão, do autocarrinho, preferiam o corpo macio e quente, preferiam “o rabo de ouro” da Cidinha-Cidoca (EVARISTO, 2013, p. 36).

Nas festividades da favela, o corpo de Cidinha-Cidoca é interpretado como um ponto a ser conhecido, visto que sua fama de ter o “rabo de ouro” ultrapassava os limites geográficos da comunidade. Essas representações socialmente construídas em torno da sexualidade selvagem e afetiva das mulheres negras é incorporada ao imaginário do mercado matrimonial

e sexual brasileiro. Essa imagem e esses discursos em torno da mulher negra e da mulata corroboraram para a criação desta última como “prato nacional”.

Quem sentiria falta de Cidinha-Cidoca, já que ela não tinha família, parente ou alguém que se preocupasse com ela? A sua morte foi um suicídio ou uma tentativa de se libertar da vida que a escravizava? Podemos interpretar alguns traços da herança africana que em algumas crenças veem a morte como uma libertação para um plano maior, pois o corpo se desintegra, mas a alma permanece imortal. “Veio a loucura, primeiro o espanto de todos, depois acostumar-se. Cidinha-Cidoca foi virando história do passado, embora estivesse ali tão presente no botequim de Sô Ladislau, no botequim de Cema, pelos becos da favela” (EVARISTO, 2013, p.122).

Cidinha-Cidoca fora tragada pela miséria, entretanto não havia marcas de agressão em seu corpo, nenhum índice da causa morte repentina. Reiteramos que ela não teve sequer direito a um enterro digno, sendo sepultada como indigente. Essa personagem teve uma vida curta, ironicamente, ainda era denominada com um apelido de criança, “Cidinha”, que não deixa de ser uma abreviação de Aparecida, cujo significado sugere uma forma elevada, uma pureza. A personagem conservou essa pureza com o branco das suas vestes, isso demonstra a construção literária para que possamos perceber que a personagem ainda é uma criança pura por dentro, que teve sua vida roubada pela miséria.

Constatamos que as personagens Cidinha-Cidoca e Ditinha foram tragadas pelas desigualdades e pobreza, miséria social que assola as mulheres, sobretudo as negras, de comunidades segregadas. Evidenciamos distintas formas de violência: social, afetiva, étnica e simbólica, “violência essa que aniquila o indivíduo, que o paralisa e o impede de reagir” (SOUZA, 2011, p.131). Trata-se, portanto, de uma manifestação de violência social contra uma determinada parcela excluída, o que muitas vezes inviabiliza que as mulheres negras tenham uma vida digna e ascendam socialmente. Como diz Schwarcz (2001, p. 77-78), a “cor se estabelece no dia a dia, quando se percebe a discriminação no trabalho, no lazer, na educação”. Desse modo, inferimos que as personagens doméstica e prostituta da obra sucumbem nas visíveis e invisíveis grades do racismo e do sexismo.

Essas personagens estão condicionadas por uma tripla categoria de subordinação: mulheres, negras e pobres que residem em área periférica, num lugar de vulnerabilidade social. Cidinha-Cidoca morre e é enterrada como indigente, sem qualquer reconhecimento, ou ao menos um funeral digno, enquanto Ditinha tem uma morte social ao ser desmoralizada e excluída do campo do trabalho após passar pelo sistema carcerário, ademais já era invisível

socialmente ao ocupar lugar de servidão. Tomando de empréstimo as palavras de João Cabral de Mello, essas personagens tiveram uma *morte e vida Severina*.

3.3 Dora rainha do frevo e do maracatu: empoderamento, resistência e sexualidade

Em *Becos da memória* (2013), temos os personagens Dora e Negro Alírio que representam um casal étnico-racial. Primeiramente, estes são apresentados com características estereotipadas, como aqueles em que a sexualidade exala pelos poros, corpos convidativos, propícios aos prazeres, mas com o delinear da trama mostram-se empoderados, consciente da sua negritude.

A partir disso, pontuamos que a personagem Dora “sinaliza a desconstrução de estereótipos negativos da mulher negra e aponta para a elaboração de uma nova história”, afinal a narradora evoca a história da personagem Dora e pontua de maneira simbólica a localização do seu barracão, como um ponto de passagem obrigatório, como se sua vida fosse feita de encontros, acasos e passagens. Dora, dona de encantos e belas curvas, capaz de enlouquecer os homens, “tinha uma voz alta e melodiosa. O corpo melodioso também” (EVARISTO, 2013, p. 127). Ela era muito conhecida pelos demais moradores da comunidade; assim, reiteramos que esta é apresentada na narrativa como a mulata sensual, tão explorada na literatura.

A figura da mulata mais que qualquer outra representação da mulher não branca foi/é tão explorada pela historiografia, literatura, mídias, etc., um exemplo disso são as mulatas assanhadas de Jorge Amado, entretanto em suas obras elas são vistas como seres desejantes e não de objeto de desejo dos homens. Eduardo de Assis Duarte (2009, p. 06) assinala que “A condição de corpo disponível vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovido de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinado ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução”, as construções em torno das mulatas foram muito exploradas com a imagem da mulher que devora os homens.

“Dora é a única personagem que se mostra independente e emancipada” (SANTOS, 2016, p. 134). É uma doméstica que aprendeu a cozinhar com a mãe, gostava do seu trabalho e o fazia com prazer, o pai havia abandonado ela e sua mãe, muito cedo, quando ainda era uma adolescente, “Cozinhava bem. Casa para trabalhar nunca faltava e nem homem”

(EVARISTO, 2013, p. 132). Geralmente, as mulatas trabalham como quituteiras, domésticas, ou trabalhos ligados à subalternidade e de servidão, a cor é o demarcador social.

Ângela Figueiredo (2015) em seu texto, *Carta de uma ex-mulata à Judith Butler*, discorre acerca das categorias de cor e identidade, pontua que no Brasil perduram três classificações de cor; primeiro, tem-se a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e também “os inúmeros termos empregados na cultura popular e a classificação bipolar negro e branco” (FIGUEIREDO, 2015, p. 155).

Inferimos que a autora vê que a questão da cor tem sido bastante discutida dentro das classificações da cultura brasileira, pois, geralmente, têm-se dois polos, o branco e o negro, entretanto sabemos que há outras denominações entre essas duas nomenclaturas. “São empregados no cotidiano para a classificação da cor, as categorias oficiais do censo demográfico, que se limitam a cinco: brancos, pretos, pardos, indígenas e amarelos” (FIGUEIREDO, 2015, p. 155). Ressaltamos que a categoria da cor, no Brasil, não é sinônimo de identidade racial. Evidenciamos que além da bipolaridade dos termos preto e branco, nesse entremeio há mais alguns termos que, geralmente, a população não branca emprega para afastar-se do estereótipo de negro. Os “polos extremos são branco e negro, mas que no interior desta escala existem inúmeras denominações da categoria da cor, como, por exemplo, a categoria mulato, mestiço, cabo-verde, moreninho, cor de telha, etc.” (FIGUEIREDO, 2015, p. 154).

A personagem é descrita como uma mulher que rezava e debulhava o terço, a mesma externaliza suas dores e angústias da sua condição de mulher negra e pobre e vai deixando seus rastros nas contas do rosário, ou seja, expurgando as dores do passado. A personagem encontra amparo nos braços do novo morador da favela, o Negro Alírio.

Cedo, cedinho, junto com o sol que tentava enxugar-se, Negro Alírio levantou e saiu sem destino. Caminhou um pouco, sempre em frente. Sentiu cheiro de biscoito frito e de café quente no ar. E quando se deu por si, estava entrando por uma porta adentro. Deu de cara a cara, de corpo a corpo com Dora. A amizade, o amor rápido nasceu entre os dois. Entre goles de café e mordida de biscoitos, a vida, a história dos dois foi sendo colocada. Cada qual tomava a vida do outro, que já não era do outro, e sim também sua. (EVARISTO, 2013, p. 129).

Ao narrar seu passado ao parceiro, Dora expõe seus temores, suas angústias e seus medos, descortina seu passado ao rememorar suas vivências. Ao falarmos das memórias dessa mulher, recorreremos à categoria de gênero, uma vez que sabemos que o modo de rememoração do feminino é diferente do masculino, “os modos de registro das mulheres estão ligados à sua

condição, ao seu lugar na família e na sociedade” (PERROT, 1975, p. 15). As lembranças de Dora partem do seu lugar de mulher, negra e empoderada na sociedade.

A personagem, ao encontrar aquele que viria a tornar-se o seu companheiro, encantou-se com o Negro Alírio, pois ela nunca havia encontrado um negro que soubesse “ler e escrever”. Admirou sua história de vida, “imagine só, um homem tão pobre quanto ela, tão simples e que sabia ler, conhecia poucas pessoas negras que soubessem ler” (EVARISTO, 2013, p. 133). Dora gostou também de ouvir da boca de um homem de cor a palavra negro, pois as vezes que ela tinha presenciado alguém falando este termo foram nas vozes dos brancos, mas de forma pejorativa e como xingamento “negro safado, negro filho da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais!” (EVARISTO, 2013, p. 133).

Nessa conjuntura, o termo raça é usado para fins de segregação e exclusão social, uma das características do racismo é a naturalização de supostas diferenças raciais ou culturais, que servem para justificar os mecanismos de preconceitos e discriminações. Jacques D’Adesky (2009, p. 204) propõe que não devemos negar que existe um racismo apenas “porque se dança um samba, se aprecia a música Olodum ou se pede conselho a Ialorixá, isto não quer dizer que se reconhece a cultura afro-brasileira”. Ângela Figueiredo (2015) afirma, ainda, que as mulatas, por muito tempo, tentaram se afastar da imagem da mulher negra, visto que os negros eram associados como algo negativo e as mestiças queriam mais embranquecer, seja pelas suas relações sexuais afetivas com o homem branco, seja com o processo de alisar o cabelo, incorporar elementos que lhe afastassem do mundo negro.

O Negro Alírio falava de forma orgulhosa da sua negritude, ele sabia dos seus direitos como cidadão, nenhum branco iria oprimir-lo e nem a seus irmãos de cor. Dora rememorou as lembranças da sua infância, da adolescência, da sua experiência com a maternidade, “Dora relembrou com lágrimas nos olhos, as brincadeiras de roda, a mãe fazendo os quitutes das patroas. O pai que sairá pelo mundo afora. O menino que ela tivera e entregara ao homem com quem deitara uma vez só, uma vez, e criara barriga” (EVARISTO, 2013, p. 130).

A narradora e a voz autoral ao evidenciar o aspecto da maternidade indesejada não faz uma crítica ou julgamento acerca da escolha de Dora, em não vivenciar o materno, entregando seu filho aos cuidados do pai, entretanto ressaltamos que esse caso é mais uma das (des)construções de Evaristo em torno das mulheres de cor. “Filho quase sempre vem sem querer. E a mulher sempre carrega tudo. Carrega a barriga e as dificuldades” (EVARISTO, 2013, p. 132). Uma vez, sabemos que geralmente as crianças ficam com as mães que tendem a desenvolver trabalhos ligados a subalternidade para lhes alimentar e cuidar.

Mulheres subalternizadas, discriminadas em razão da etnia, da classe social, do gênero, elas sofrem todo tipo de desprezo da sociedade, mas resistem cuidando sozinhas de sua prole, porque seus homens morrem ou desaparecem. Forçadas a viver numa sociedade que as ignora ou descarta, elas não conseguem se inserir de maneira adequada, tornam-se migrantes, tentando sobreviver, em condições miseráveis. (FIGUEIREDO, 2009, p. 157-158)

Percebemos, de certa forma, que as mulheres estabelecem uma relação de correção e consenso com a sociedade para exercer a maternidade, pois há uma idealização em torno de ser mãe. A construção das imagens femininas é posta sob duas polarizações, ou seja, tende a escolher entre a maternidade, o desejo erótico-sexual, respectivamente. O primeiro, segundo Silva (2015, p.58), “promoveria a coesão social”; e o segundo, “a dissolução dos laços sociais”. Desse modo, a mulher é tida como um ser assexuado, ou seja, que é permitida a relação sexual apenas para a procriação visto que a “mulher desejanter figuraria uma possibilidade real para o mal e para o desvio social, na medida em que estaria se deslocando do caminho da reprodução e da virtuosidade” (SILVA, 2015, p. 60).

Negro Alírio escolhe Dora para dividir sua vida, eles aceitam-se e se reconhecem em suas negritudes, identificando o outro como parceiro ideal, aquele que é digno de admiração; no que se refere à escolha do seu companheiro constatamos que este é um dos personagens mais conscientes da sua negritude. Por meio da busca pela leitura e pelo conhecimento, apropria-se da sua cidadania plena, no sentido de que se torna ciente dos seus direitos e deveres enquanto cidadão e lutava pelos ideais, buscava tomar posse do que lhe pertencia ao passo que também motivava os moradores da favela a exigir serem ouvidos e respeitados pelos *donos do poder*, uma vez que sabia que muitos dos direitos dos negros e pobres são “esquecidos” pela máquina do racismo. “Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso de que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam” (EVARISTO, 2013, p. 134).

Os personagens se identificam e suas vidas se cruzam, tornando-se um casal em que as vivências e a experiências os aproximam. Esses personagens se apresentam como conhecedores do mundo e do seu lugar, enaltecendo a importância da herança ancestral. Nessa perspectiva, Negro Alírio e Dora formam um casal emancipados e emponderados.

Olhou para Dora, a mulher falava com o corpo todo. Teve vontade de jogá-la em cima da cama e fazer com ela uma outra história. A história dele, dela e, quem sabe, de um filho. [...] Ele queria, como queria, mas não agora! Agora o que ele mais queria era falar dele e saber dela também (EVARISTO, 2013, p. 132).

No decorrer da história, a condição à figura da mulher negra foi difundida pela sociedade, literatura, história oficial e no imaginário coletivo, como a negra lasciva, entregue aos prazeres sexuais, sempre disposta a provocar prazeres nos homens ou como a prostituta libidinosa. A personagem Dora é vista pelos moradores da favela como uma mulher bela que é desejada pelos homens. Entretanto é respeitada pelos habitantes daquele lugar. Desde menina, escolheu seus caminhos, ousou buscar “um teto todo seu”; é uma mulher empoderada no sentido de escolher seu próprio destino, não se importando com os julgamentos dos outros, como foi o caso da maternidade indesejada em que não se fez de vítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vivências das mulheres negras são marcadas por abnegações e permeadas por diversos preconceitos, como a misoginia, o sexismo e o racismo. De modo geral, Simone de Beauvoir assinala que o segundo sexo viveu por anos no silêncio e à “margem do mundo masculino” (1980, p. 473), de certo modo apagadas da história e subordinadas ao poderio masculino, ou seja, a todo modo buscando enquadrar as mulheres negras dentro dos moldes da sociedade falocêntrica.

No que diz respeito às mulheres não brancas e suas representações na literatura do século XIX e meados do século XX, elas são postas a partir da imagem da mãe preta bestializada e dócil, a figura da mulata lasciva, e ao burro de carga que só serve para o trabalho pesado, pois foram discursos que serviram por muito tempo para justificar o apagamento dessas mulheres no meio literário, entretanto não esqueçamos que a cor da pele serve para demarcar o lugar social do indivíduo.

Reiteramos que as representações literárias das mulheres ainda estão apoiadas nas imagens do passado escravocrata em que elas eram somente consideradas uma “coisa”, quando era conveniente para o proprietário satisfazer o seu prazer erótico sexual ou para a procriação da sua mão de obra, outras vezes via como “objeto-corpo”. Até mesmo a feminilidade e a fragilidade é negado às mulheres negras, visto que essas características estão atreladas à brancura. A escritora e ativista afro-americana Bell Hooks (1981, p.100) assinala que “o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros. Desde a escravidão até hoje [...]”. Desse modo, as tessituras literárias afro-brasileiras buscam reescrever a história dos não brancos na sociedade.

Constatamos que, em *Becos da memória* (2013), a personagem Maria-Nova tece as suas memórias alinhadas as dos outros moradores da favela. Os grandes fornecedores das suas lembranças são Maria-Velha e tio Totó, casal que é um elo entre a ancestralidade e modernidade, representada por Maria-Nova. Um aspecto que a todo momento é focado na narrativa é a questão da diáspora, ou seja, o tio Totó é um ser diaspórico, visto que suas memórias remetem a um passado de perdas, que faz uma alusão a transição dos africanos pelo Atlântico Negro em direção a América Branca.

Evidenciamos isso porque lembramos dos africanos que atravessaram o Atlântico em direção a América, no qual deixaram para trás seus familiares, amigos, seus bens, costumes, cultura e até uma nova língua tiveram que aprender.

O espaço da favela é a moradia das “doças figuras tenebrosas”, em *Becos da memória* (2013), e é interpretado como uma ressignificação da senzala, ou seja, os nomes mudaram, mas os espaços determinados para os negros considerados *sujos, feios e malvados* continuam sendo de exclusão. Ressaltamos que, do mesmo modo que Conceição Evaristo prefere o termo favela em vez de comunidade, também adotamos essa nomenclatura, pois acreditamos que a mudança dos termos não altera a realidade social dos indivíduos que vivem nas periferias e isso não lhes concederá liberdade dos grilhões da discriminação e opressão que vivenciam.

A narrativa crua e impactante revela marcas literárias de violência, feminicídio, abandono social, precariedade da saúde para a população que vive na favela, alcoolismo, aborto e, também, negritude, solidariedade, feminismo, empoderamento e sexualidade.

Por meio das personagens Ditinha e Cidinha-Cidoca, discutimos sobre os lugares de invisibilidade das mulheres negras na sociedade apoiadas nos discursos de Lélia Gonzáles e Ângela Davis, descortinamos algumas naturalizações em torno do trabalho doméstico. Abordamos a questão da prostituição, uma vez que a personagem de Cidinha-Cidoca é a prostituta da favela, retratamos esse aspecto, mas de modo que ela não parecesse vitimada ou a “puta” que a sociedade quer extinguir, e sim como um produto da mesma.

Para além dessas personagens, evidenciamos a violência psicológica, familiar, sexual e física que a personagem Fuizinha sofria, pois era vítima das atrocidades do pai. O Fuinha, pai e carrasco de Fuizinha, assassinou a própria mulher. A pedofilia é evidenciada nas vivências da personagem Nazinha e, por fim, vemos como a memória é um elemento constitutivo de identidades. Por meio das personagens, Maria-Velha e Maria-Nova, vemos como a história é feita de movimentos, contextos, rupturas e continuidades. A negritude é evidenciada por meio do casal Dora e Negro Alírio.

A personagem Maria-Nova, portanto, reconstrói uma nova história para ela e para a geração que virá depois dela, assim como perpetua as memórias dos moradores da favela. “A missão política de inventar outro futuro para si e para seu coletivo, o que lhe(s) imbui de uma espécie de dever de memória/dever de escrita” (OLIVEIRA, 2009, p. 91). Maria-Nova assume o comprometimento etnográfico político-social de reconstruir as identidades de milhares de Marias que vivem nas periferias, buscando o empoderamento e enaltecer a negritude dos afro-brasileiros.

A narradora utiliza a memória coletiva e individual para falar das diversas trajetórias dos indivíduos da favela e reatualiza a memória da diáspora africana, algo marcante em *Becos da memória* (2013). Mesclam-se no romance a ideia de memória como ato coletivo e memória individual. Maria-Nova, narradora-personagem, recorda-se não somente de seu passado, mas, principalmente, do passado dos outros moradores que habitam a mesma favela. Percebemos que a memória coletiva fornece alicerces para a construção da individual, ao passo que esta também constrói a coletiva.

Em *Becos da memória* (2013), a construção das identidades é feita a partir da rememoração, ou seja, por meio das idas e vindas da memória, Maria-Nova ouve as histórias dos antepassados, atenta à sua realidade e por meio das histórias que lhe são contadas estabelece pontes entre as vivências dos moradores da favela e a sua [história]. Na ancestralidade de tio Totó, percebemos as identidades múltiplas que são formadas na diáspora, pois dentro da favela não nomeada da narrativa vemos como são formadas as identidades dos indivíduos.

A partir do ato de rememorar da narradora constrói-se um cenário de pobreza e de vulnerabilidade social, chamando a atenção para o drama vivido pela população negra e pobre que vive nas periferias que são invisíveis para o restante da sociedade. Evaristo constrói toda uma trama que gira em torno das questões de gênero, abandono social, racismo e violência. Na perspectiva de Pollak (1989), a memória seria uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, pois o autor chama atenção para a função da memória de preservar as lembranças do passado, ou pelo menos as impressões que o indivíduo tem delas.

Nosso intento é repensar as categorias teóricas ligadas à memória como elemento constitutivo da identidade da mulher negra no romance *Becos da memória* (2013). Paralelo a isso, identificamos que, na modernidade, não podemos pensar em uma identidade no singular, visto que esta é múltipla e fragmentada, essa escrevivência proposta pela autora busca “aliar a uma ideia de identidade negra, significados positivos e afirmadores, contrapondo a uma gama de produções literárias que ainda falam sobre o afrodescendente como primitivo ou selvagem” (MARINGOLO, 2014, p. 112). Nessa perspectiva, percebemos que no romance as personagens analisadas são indivíduos que viveram às margens da sociedade e foram segregadas pelas categorias de raça, gênero e classe, mas que buscaram meios para sobreviver. A Maria-Nova busca reescrever uma nova história para si e para os que virão, ou seja, tenta romper com o laivo da Casa-Grande.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. **Brasil Afro Autorevelado literatura brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AVILA, Maria Betânia. **Algumas Questões teóricas e políticas sobre emprego doméstico**. In: AVILA, Maria Betânia Et al. (Orgs). Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico. SOS Corpo- Instituto feminista para a democracia. 1ª ed. Recife. 2008.
- ARAÚJO, Flávia Santos de. **Uma escrita em dupla face: a mulher negra em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- ARAÚJO, Rosângela de Oliveira Silva. **A “escrevivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e inglês**. 198p. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Federal da Paraíba, 2012.
- AZERÊDO, Sandra. “Teorizando sobre gênero e relações raciais”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. e., p. 203-216, 1994. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article>> Acesso em 01 de abril. De 2017.
- BAUMAM, Zygmunt. Identidade: **Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar.2005.
- BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**, vol. 3, 2º semestre, p. 458-463, Florianópolis, 1995.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da História**. (Org.) e Tradução de João Barrento. 2ª ed. Belo Horizonte. Autentica editora, 2013.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 4. Ed. Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro. 2001.
- BRITES Jurema. **Trabalho doméstico: Políticas da vida privada**. In: AVILA, Maria Betânia Et al. (Orgs). Reflexões feministas sobre informalidade e trabalho doméstico. SOS Corpo- Instituto feminista para a democracia. 1ª ed. Recife. 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e a mulher no Brasil. **Revista de Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, 2000, p. 91-108. Disponível em > <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11922>> Acesso em 15 de jul. De 2016.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A globalização Imaginada**. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, 219p.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990, p. 59.

CHALHOUB, S. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. 6ª. impressão: ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 250p.

CEVA, Antônia Lana de Alencastre. **Intelectuais negras**: Escrivências de mulheres negras brasileiras e angolanas como instrumento de resistência sociocultural 2013. 226 f. Tese (doutorado–departamento de serviço social) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2013.

Centro de Comunicação Universidade Federal de Minas Gerais. **Conceição Evaristo Interpreta o mito de Anastácia**. Disponível em > <https://www.ufmg.br>< Acesso em 10 de dezembro de 2017.

COMBE, Dominique. A referência desdobrada. In: **Revista USP**, São Paulo, nº 84, dezembro/fevereiro, 2009-2010.

COSER, Stelamaris. Recortes literários: a viagem na ficção de autoria feminina negra. In. ALMEIDA, Júlia. SIEGA, Paula (Orgs.) **Literatura e voz subalterna**: anais. Vitória, 2013.671p.

_____. “Conceição Evaristo e a literatura da diáspora negra”. 2015. Veiculado ao **LITERAFRO**. Disponível em - www.lettras.ufmg.br/literafro< Acesso em 02 de abril de 2017.

COSTA, Lenira Lima da. **A Leí do Ventre Livre e os caminhos da liberdade em Pernambuco,1871-1888**.Recife. 2007.150f. Dissertação (Mestrado) Programa de pós - graduação em História Universidade Federal de Pernambuco. 2007.

CURY, Maria Zilda Ferreira. **Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum**. n 26. Jun.- 2003.Disponível em <http://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11876>.Acesso em 12 de outubro de 20116.

CRENSHAW, Kimberlé. “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, pp. 171-188, 2002.

CRUZ, Rosângela Aparecida Cardoso da. **Gênero e educação nas escrituras de Conceição Evaristo**: um olhar sobre Ponciá Vicêncio e Becos da Memória. 2016. 215f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em educação. Universidade Federal de Mato Grosso. Rondonópolis. 2016.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Quando o preconceito se faz silêncio**: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. n. 24. Niterói, sem. 2008.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismo e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política**. Trad. Heci Regina Candiani. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELAGADO, Gabriel Estides. **Subcidadania e modernização desigual em becos da memória, de Conceição Evaristo**. Anu. Lit., Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 15-31, 2015

DOMINGUES, Petrônio José ou DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Tempo. Revista do Departamento de História da UFF, v. 12, p. 113-136, 2007.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. Revista de Estudos Avançados, v. 49, n. 17. São Paulo, 2003, p. 151-172. DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. **Revista de Estudos Avançados**, v. 49, n. 17. São Paulo, 2003, p. 151-172.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. (UFMG), 2009. Veiculado no Portal **LITERAFRO** >www.letras.ufmg.br/literafro<. Acesso em 15 de outubro de 2016.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. In: Revista Estudos Feministas. Florianópolis: EDUFSC, 2006, v.14, p1-6. Disponível em ><http://www.scielo.br/scielo>< Acesso em 20 de maio de 2017.

_____. Contracapa de becos da Memória. Conceição Evaristo: **Becos de memória**, Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

_____. Mulheres marcadas: **Literatura, gênero, etnicidade**. In. Terra roxa e outras terras -Revista de Estudos Literários. V.17. 2009. Disponível em ><http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>. < Acesso em 23 de janeiro de 2018.

_____. Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção. In. * In AFOLABI, Niyi; BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (Orgs.) A mente afro-brasileira. Trenton NJ, EUA / Asmara, Eritreia: África World Press, 2007, p. 103-112. Veiculado no Portal **LITERAFRO** >www.letras.ufmg.br/literafro<. Acesso em 20 de janeiro de 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos de memória**, Florianópolis: Editora Mulheres, 2013, p. 257-266.

_____. Eu não sei cantar. **Revista Raça Brasil**, edição 96, mar. 2006. Disponível em <<http://racabrasil.uol.com.br>> Acesso em: 20 de jan. de 2016. Entrevista concedida a Carol Frederico.

_____. **Entrevista**. Ciência & letras. Programa exibido em 23 de setembro de 2015. Disponível em > <https://youtu.be/IMQps4LU0t4>. Acesso em 30 de março de 2016.

_____. *Entrevista*, 2009. Disponível em > **Literafro**-www.letras.ufmg.br/literafro<. Acesso em: 26 mar. 2017.

_____. **Entrevista**. Programa Espaço Público da TV Brasil-EBC exibido em 18 de julho de 2015. Disponível em > tvbrasil.ebc.com.br/espacopublico< Acesso em 10 de abril de 2017.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**, v. 1. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.

_____. Entrevista. In. **A escritora afro-brasileira: Ativismo e arte literária**. DAW, Duke (org.). Ed. Nandyala. Belo Horizonte. 2016.

_____. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. 2013 Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/evaris.ctf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

_____. **O entrecruzar das margens –gênero e etnia**: Apontamentos sobre a mulher negra na sociedade brasileira. In. **A escritora afro-brasileira: Ativismo e arte literária**. DAW, Duke (org.). Ed. Nandyala. Belo Horizonte. 2016. p.100-110.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. EDUFBA, Salvador, 2008.

FIGUEREDO, Ângela. **Carta de uma ex-mulata à Judith Butler**. Periódicus, Salvador, n. 3, v. 1, mai. Out. 2015. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível > <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus> < Acesso em 19 de set. de 2016.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações**. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em letras. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

FERREIRA, Amanda Crispim. **Escrevivências, as lembranças afro-femininas como um lugar da memória afro-brasileira**: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Gení Guimarães. 2013.115p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba). UFPB/CCHLA. João Pessoa.

FONSECA, M. N. S. Literatura Negra: Os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis e FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e Afro-descendência no Brasil – Antologia crítica**: história, teoria, polêmica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. Posfácio. In: Conceição Evaristo: **Becos de memória**, Florianópolis: Editora Mulheres, 2013, p. 257-266.

_____. **O mar onduloso da memória em Conceição Evaristo**. In: FUNCK, Susana Bornéo; ASSIS, Gláucia de Oliveira; MINELLA, Luzinete Simões. (Orgs). **Linguagens e narrativa. (Desafios feministas .1)**. Tubarão: Ed. Copiart, 2014. 504 p.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora 34/ Universidade Candido Mendes. Centro de estudos afro-asiáticos. 2001.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro**, n. 21, p. 40-51, 1990. Disponível em ><http://www.scielo.br/scielo> < Acesso em 29 de ago. de 2016

GOMES, N. L. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira In. SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010. 637páginas.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel, T. (org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro Graal, 1982. p. 87-106.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, 2, ANPOCS, Brasília, 1983, p.223-244.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Traduzido por Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARAWAY, Donna. **Um manifesto para os cyborgs**: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco,1994.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ & PPCCIS/UERJ. Rio de Janeiro, v. 3 n.2, p. 464-478, 1995.

HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher**: Mulheres negras e feminismo. 1ª Ed 1981. Plataforma gueto, Rio de Janeiro.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JAECKEL, Volker. **A imagem da mulher no romance afro-brasileiro contemporâneo: Os casos de Conceição Evaristo e Ana Maria Gonçalves**. Revista Moara. Edição 43.jul.dez 2015, Estudos Literários

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 8. Ed. Série Sinal Aberto. São Paulo: Ática. 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. Ed. Campinas: UNICAMP, 2012.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães**. UnB, 2009. Tese (Doutorado em Literatura), Universidade de Brasília, Brasília, 2009, 179f. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/4137/1/2009_omardasilvalima.pdf>. Acesso em: 10 de jan. 2017.

LOBO, Luiza. **Guia de escritoras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2006. 289 p.

MACHADO, Barbara Araújo, **“Recordar é preciso.”** Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). 2014.130f. Dissertação (Programa de pós-Graduação em História da Universidade Federal fluminense). Universidade Federal Fluminense Instituto de ciências Humanas e Filosofia. 2014.

MARINGOLLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da Memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de Retalhos de memórias**. 2014.132f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2014.

MOUTINHO, Laura. Raça, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre o Brasil e a África do Sul. In **Cadernos Pagu** (23), 2004, pp. 55-89. Disponível em > http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000200003&script=sci_abstract&tlng=pt<. Acesso em 23 de março de 2017.

MUNANGA, KABENGELE. **Negritude**: usos e sentidos. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica editora. (Coleção humanidades). 2012.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pp.41 e 92.

NASCIMENTO. Denise Aparecida do. **Espaço e heterotopias nas obras de Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. 2014. 214 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, 2014.

NASCIMENTO, Heloísa do. **Com quantos retalhos se faz um quilt?** Costurando a narrativa de três escritoras negras contemporâneas. 2008. 158 f. Tese (doutorado-Instituto de Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, Luiz Henrique da Silva. **"Escrevivência"** em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, 17 (2). Florianópolis, mai./ago. 2009, p. 621-623. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>>. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

_____. **Poéticas negras: representações do Negro e Castro Alves e Cuti.** Belo Horizonte: Nandyala. 2010

_____. **O romance Afro-brasileiro de corte autoficcional: Escrevivências em Becos da memória.** In. Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane, PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs). Ed. Idea. Belo Horizonte, 2016.p.71-82.

OLIVEIRA, Margarete Aparecida de. **Narrativas de favela e identidades negras:** Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. 2015.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra: afetividade e solidão.** Salvador: EDUFBA, 2013. 382.

PERROT, Michele. **Práticas da memória feminina.** Revis. Brasil. de História.Vol.09.1989. São Paulo. P.9-18.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento e Silêncio.” **Estudos históricos.** Rio de Janeiro, 1989.p.3-15. Disponível em > bibliotecadigital.fgv.br< Acesso em 04 de nov. de 2016.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, v. 5, n. 10. Teoria e História. FBB/FGV, 1992. Disponível em >bibliotecadigital.fgv.br< Acesso em 07 de jan. de 2017.

PONCE, E. S.; GODOY, M. C. de. **Identidade e afro-brasilidade em becos da memória de Conceição Evaristo.** v. 21 n. 1 .2016. p. 18-32. Leopoldo. Disponível em: ><http://periodicos.est.edu.br/identidade><. Acesso em 10 de jan. de 2017.

RIBEIRO, Esmeralda. Dois textos para auto contemplar-se. **In. A escritora afro-brasileira: Ativismo e arte literária.** DAW, Duke (org.). Ed. Nandyala. Belo Horizonte. 2016.p.156-165.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François [et. al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAFFIOTI, Heleieth I. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **Problematizando o espaço privado em Becos da Memória, de Conceição Evaristo.** Revista Todas as Musas. Ano 07 N. 02 Jan - Jul. 2016.Díspnível> www.todasasmusas.org <. Acesso em 30 de set. 2016.

SARLO, Beatriz. A retórica testemunhal. In: **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista.** 2006. Disponível em ><https://repositorio.ufba.br/Perspectiva%20Feminista.pdf><. Acesso 15 de ago.2016.

SARTI, Cynthia. Feminismo brasileiros desde os anos de 1970: revisitando uma trajetória. In: **Estudos feministas**, vol.12, n. especial, Florianópolis: UFSC,2004. Disponível em >www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf<. Acesso em 23 de novembro de 2016.

SHMIDT, Simone Pereira. A força das palavras da memória e da narrativa. In: Conceição Evaristo: **Becos de memória**, Florianópolis: Editora Mulheres, 2013, p. 15-23.

SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no maranhão na segunda metade do século XIX.** Tese apresentada (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Econômica, da Universidade de São Paulo. São Luis,2013. pp.177.

SILVA, Tatiana Raquel Reis. **Sexualidade e cor: Mulheres negras e prostituição nas áreas centrais da cidade de São Luís-Maranhão.** EDUEMA. São Luís. 2015.

SOBRAL, Cristiane. Entrevista. In. **A escritora afro-brasileira: Ativismo e arte literária.** DAW, Duke (org.). Ed. Nandyala. Belo Horizonte. 2016.p.33-48

SOUZA, Adriana Soares de. **Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo.** 2011.173f. Dissertação (programa de pós-graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Comunicação e Expressão). Universidade Federal de Santa Catarina. 2011.

SOUZA, Florentina da Silva. **Literatura e pensamento afro-brasileiro.** In. FUNCK, Susana Bornéo; ASSIS, Gláucia de Oliveira; MINELLA, Luzinete Simões. (Orgs). **Linguagens e narrativa. (Desafios feministas .1).** Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

SOUZA, Emilene Corrêa. **A questão identitária afro-brasileira- brasileira na poesia de Ana Cruz e Conceição Evaristo.** 2014. 105f. Dissertação (programa de pós-graduação em Letras-área de estudos da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOARES, Bárbara Musumeci. **A conflitualidade conjugal e o paradigma da violência contra a mulher.** Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. v. 5, nº 2, p. 191-210, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil.** São Paulo. Publifolha, 2001.

VALENTE, Marcela Iochem. **A tradução e a construção de imagens culturais: Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, e sua tradução para o inglês.** 2013. 163 f. Tese (doutorado-

Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem) -Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

VASCONCELOS, Vânia Maria Ferreira. **No colo das iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas.** 2014. 228 f. Tese. (Doutorado em Literatura). Universidade de Brasília. Brasília. 2014.

VIEIRA, Aline Deyques. **Memória coletiva e a questão do trauma em Becos da memória.** In. Ecrevivencias: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane, PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs). Ed. Idea. Belo Horizonte, 2016.p.121-132.

VERONESI, Raquel Barros. **A reescritura das personagens “womanistas” de The color Purple para o cinema.** 2015. 158 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2015.

WALKER, Alice. **A Cor Púrpura.** Tradução de Betúlia Machado, Maria José Silveira e Peg Bodelson. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

YOUNG, Robert J. C. **Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça.** São Paulo: Perspectiva, 2005

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.